

ILSE LORENA VON BORSTEL GALVÃO DE QUEIRÓS

*A Oktoberfest* de Marechal Cândido Rondon, Paraná:  
um estudo sobre o significado do lazer  
entre descendentes de alemães

Dissertação de Mestrado apresentada  
ao Curso de Pós-Graduação em  
Educação Física da Universidade  
Estadual de Campinas, sob  
orientação do Prof. Dr. Nelson  
Carvalho Marcellino.

CAMPINAS-SP  
1999

UNICAMP  
BIBLIOTECA CENTRAL

09/07/2016

UNIDADE	BC
N.º CHAMADA:	
V.	Ex.
TOMBO	BC/39.215
PROC.	229124
C	<input type="checkbox"/>
D	<input checked="" type="checkbox"/>
PREÇO	R\$ 11,00
DATA	23/10/99
N.º CPD	

CM-00136437-3

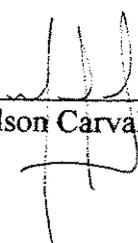
FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA – FEF – UNICAMP

Queirós, Ilse Lorena von Borstel Galvão de  
 Q320 A *Oktoberfest* de Marechal Cândido Rondon, Paraná: um estudo sobre o significado do lazer entre descendentes de alemães/ Ilse Lorena von Borstel Galvão de Queirós. – Campinas, SP: [s. n.], 1999.

Orientador: Nelson Carvalho Marcellino  
 Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física.

1. Lazer. 2. Festas populares. 3. Dança. 4. Etnia. 5. Políticas Públicas. 6. Cultura.  
 I. Marcellino, Nelson Carvalho, 1950 -. II. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física. III. Título.

Este exemplar corresponde à redação final da Dissertação de Mestrado defendida por *Ilse Lorena von Borstel Galvão de Queirós* e aprovada pela Comissão Julgadora da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, em 03 de agosto de 1999.

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Nelson Carvalho Marcellino  
Orientador

Universidade Estadual de Campinas  
Faculdade de Educação Física  
Pós-Graduação em Educação Física

## Dedicatória

À memória de Silvio Galvão de Queirós que, próximo ou distante, presente ou ausente, partilhou tristezas e alegrias, encruzilhadas e encontros, certezas e incertezas intelectuais, acompanhando, orientando e iluminando, uma presença constante até o final desta caminhada. Por tudo isso, a celebro em sua homenagem.

## Agradecimentos

Várias pessoas e instituições auxiliaram fazendo com que esta pesquisa chegasse ao seu final e a bom termo. Com grandes ou pequenos contributos, todos eles foram fundamentais. Efetiva-se, assim, agradecimentos pelas colaborações.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq, pela bolsa-auxílio que facilitou esta pesquisa.

À Universidade Estadual do Oeste do Paraná, UNIOESTE, que possibilitou a dedicação exclusiva para este trabalho.

À Tânia Felipe dos Anjos, pela gentileza e atenção nas providências acadêmicas que me proporcionou, funcionária do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação Física - UNICAMP.

À Stefania Schier, pela ajuda preciosa na transcrição das gravações em fita cassete.

Às Doutoras Vilma Leni Nista-Piccolo e Gisele Maria Schwartz pelas sugestões e críticas atenciosas.

Às Professoras Mirna Zenni Lunardi e Clasi M. Schio pela revisão gramatical cuidadosa que realizaram.

A Marcos L. Erhardt, Mauro Fregolão, Miraci M. Sodré, Cristovão Colombo Sodré e Simone A. da Silva, pelo apoio e incentivo que sempre me proporcionaram.

A Francisco César Alves Ferraz, Inara Marques e Cristiane Vianna Guzzoni, pelo amparo das palavras e das ações nos momentos difíceis nesta caminhada e que fizeram com que não esmorecesse.

A Antonio Marcos Myskiw, pelas sugestões e sistematização técnica, além de mostrar grande amizade.

Aos informantes desta pesquisa, que deixaram de vivenciar a festa ou de realizar outros afazeres, concedendo gentilmente a oportunidade de entrevistá-los.

Finalmente, faço alguns agradecimentos especiais:

A Nelson Carvalho Marcellino, espelho no qual busca-se mirar como profissional, pela orientação segura, na compreensão e estímulo frente aos obstáculos que se apresentaram e pela forma prazerosa na relação orientador-orientando-conhecimento, efetivando o “sabor e o saber” neste percurso todo. Ao fazer tudo isso, deu provas definitivas da sua integridade, intelectualidade, competência e amizade.

A minha irmã Clarice Nadir von Borstel, a minha mãe Lizelotte Irmgard von Borstel e a minha filha Ana Leticia von Borstel Galvão de Queirós desde sempre, companheiras fiéis e valiosas, sem as quais, com certeza, as provações nesta caminhada não seriam vencidas, meus agradecimentos infinitos.

## RESUMO

O presente estudo busca compreender e interpretar os interesses, valores e significados da e na participação dos descendentes de alemães na 11ª *Oktoberfest*, de Marechal Cândido Rondon, PR, através de uma análise sócio-cultural, e considerando-a enquanto atividade de uma política pública e espaço de vivência do lazer. O texto baseia-se na análise de documentos, entrevistas e observação participante e trata a *Oktoberfest* como uma prática cultural que se caracteriza como “*tradição inventada*”; política de reificação da identidade germânica, no contexto social da comunidade e de projeção do Município; estratégias, ações e objetivos enquanto política pública; espaço e tempo de trabalho e de vivência do lazer; a dança como conteúdo cultural de lazer, em constante relação com as diferentes esferas de ação humana que insere esta festa na vida cotidiana dos teuto-rondonenses. Este estudo aponta a 11ª *Oktoberfest* como atividade de uma política pública de lazer, com objetivos turísticos “mercantilizados”. Enquanto espaço de vivência do lazer, a festa, em todas as suas manifestações, serviu, principalmente, para os jovens teuto-rondonenses, predominando os interesses sociais, em estreita relação com a dança, vivenciados de forma lúdica, crítica e criativa e, para os adultos, representou trabalho, com características econômicas e filantrópicas, fortemente impregnado pelo componente lúdico da cultura, especificando-se interesses, valores e significados, os quais se apresentaram de forma e efeito diversos do cotidiano e do passado da própria comunidade.

## ABSTRACT:

The present study searches to understand and to interpret the interests, values and meanings of and in the participation of the German descents in the 11<sup>th</sup> *Oktoberfesf*, from Marechal Cândido Rondon, PR, through a social-cultural analysis, and considering it as an activity of public politics and space of leisure way of living. The text is based on the analysis of documents, interviews and a participating observation and deals the *Oktoberfest* as a cultural practice that is characterized as an “*invented tradition*”; a materialization politics of the German identity, in the social context of the community and of the County projection; strategies, actions, and objectives while public politics; space and time of work and of leisure way of living; the dancing as leisure cultural content, in a constant relation with the different human action spheres that inserts this fest in the German-Rondonenses daily life. This study points out the 11<sup>th</sup> *Oktoberfest* as a leisure public politics activity, with “commercialized” touristic objectives. While leisure way of living space, the fest, in all its manifestations, was good, principally, for the German-Rondonense youth, predominating the social interests, in a close relation with the dancing, experienced in a playful, critical and creative way, and for the adults, it represented work, with economic and philanthropic characteristics — strongly impregnated by the playful component of culture, specifying interests, values, and meanings, which were presented in a different way and effect from the daily life and from the past of the community itself.

## SUMÁRIO:

	INTRODUÇÃO.....	3
I	A CAMINHO DA FESTA	
1.1	Caminhos Festivos.....	10
1.2	Uma “ <i>Tradição Inventada</i> ” no Lazer.....	21
II	“ <i>AGORA, QUANDO TOCA UMA MARCHA OU ALGO ASSIM,ESTE NOSSO PESSOAL SE VIRA PRO LADO AVESSO</i> ”.	
2.1	O Contexto Cultural dos Atores da <i>Oktoberfest</i> .....	55
2.2	<i>Oktoberfest</i> : a “ <i>Reinvenção da Tradição</i> ”.....	61
2.3	Uma questão de Identidade Étnica.....	69
III.	“ <i>A PREFEITURA NÃO É FEITA PARA PAGAR FESTA PARA O POVO (...)</i> ”.	
3.1	Políticas de Mercados Simbólicos: numa Festa Tradicional Turística.....	76
3.2	A 11ª <i>Oktoberfest</i> por Fora .....	88
3.3	Um Cenário Festivo .....	93
IV.	OS MÚLTIPLOS SENTIDOS DO “CARNAVAL ALEMÃO”	
4.1	Um Cenário Diversificado e Variado.....	99
4.2	Uma Vivência Festiva.....	106
4.3	Interesses e Sentidos da 11ª <i>Oktoberfest</i> .....	121
4.4	Um Trabalho Festivo.....	148
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	167
	ANEXOS.....	177
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	189

## INTRODUÇÃO

A investigadora nasceu, cresceu e sempre trabalhou em Marechal Cândido Rondon - PR. É filha de agricultores descendentes de alemães, tendo participado das atividades de lazer que fazem parte da programação do período festivo da *Oktoberfest* “Oficial”<sup>1</sup>. Outrossim, o lazer , além de representar a temática principal relacionada à ação pedagógica que desenvolve como docente do 3 ° grau, na disciplina de Lazer e Recreação, foi, também, objeto de estudo que despertou interesse e levou a reflexões e à pesquisa, a partir de 1987, desencadeando um primeiro estudo exploratório, denominado “Retorno das Atividades Desenvolvidas nas Aulas de Educação Física do 2 ° Grau Durante o Tempo Livre - Marechal Cândido Rondon, PR”, apresentado no curso de especialização em Recreação e Lazer, da Universidade Estadual de Maringá, PR.

As indagações suscitadas pelas conclusões da pesquisa citada e, paralelamente, a participação em um segundo curso de especialização *latu senso* em 1990, em Educação Física Escolar do 1ª Grau, da Universidade Estadual de Maringá, PR, motivaram a continuidade de estudos na área do lazer, no que se refere à prática e/ou fruição de atividades no tempo disponível, que resultou no trabalho: “Percepção da Criança de Seis a Doze Anos em Relação à Praça Willy Barth de Marechal Cândido Rondon, PR”.

---

<sup>1</sup> Aqui o termo “oficial”, é utilizado para designar a principal festa desenvolvida, destacando-a de outras que a precedem designadas como “*Pré-Oktoberfest*”. A festa oficial encerra um período de festividades do Município, promovida especificamente pela Administração Municipal na área urbana, através de uma comissão organizadora, enquanto que aquelas, são promovidas por distritos municipais, associações e/ou entidades privadas, com apoio da Prefeitura Municipal de Marechal Cândido Rondon.

Tais estudos sobre lazer, em uma cidade de médio porte, demonstraram comportamentos, atitudes, preferências e aspirações em relação a práticas e áreas de lazer de grupos etários específicos na cidade de Rondon. Vale salientar que o segundo estudo teve uma dimensão social mais ampla, devido à solicitação da Administração Municipal em dar continuidade ao diagnóstico de opiniões em relação à respectiva área de lazer, utilizando-se, assim, uma amostra mais completa, envolvendo diferentes faixas etárias. As conclusões e sugestões do referido estudo serviram de base para reestruturação daquela e de outra praça, além do que, houve uma política de contratação de profissionais do lazer para a promoção de programas, nestas áreas de lazer urbanas.

Entretanto foi, em 1995, que a prática pedagógica no 3º grau, na temática cultura e lazer, despertou o maior interesse pelo conhecimento em torno das festas, e do que elas significam para o homem.

Simultaneamente, o município de Marechal Cândido Rondon, no Oeste do Paraná, colonizado por imigrantes alemães e descendentes de migrantes do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, torna-se famoso por duas festas municipais que promove: a do *Boi no Rolete* e a *Oktoberfest*.

Atualmente, o Município é reconhecido, principalmente, pela *Oktoberfest* que recebe, aproximadamente, 20.500<sup>2</sup> pessoas. Dentre estas, moradores da cidade, dos distritos e turistas, principalmente, oriundos da região, vivenciando este evento festivo em dois finais de semana, no mês de outubro.

Devido às dimensões que a festa tomou, tornando-se um evento de massa, a cada realização, a comissão organizadora amplia, implementa e cria novas estruturas físicas e formas de divulgação, no sentido de atrair público das esferas regional, estadual e nacional, projetando e identificando o Município.

---

<sup>2</sup> Conforme Jornal “O Presente” de 31.10.97, p.04.

Embora seja apresentada como um evento de lazer tradicional, as representações do passado (que privilegiam um passado da cultura da Alemanha) veiculadas na simbologia da festa, não corresponderam e não correspondem, às práticas passadas, pois, nela, o grande público veste *jeans* e dança sem os tradicionais procedimentos desse passado. Mesmo assim, a *Oktoberfest* faz parte da vida e da dinâmica dessa comunidade.

Ao refletir sobre a *Oktoberfest*, a pesquisadora deparou-se com certas ambigüidades que ocorriam no seu desenvolvimento, considerando que esta festa pretendeu simbolizar todo um complexo cultural em relação ao passado do agricultor descendente de alemães. Atualmente, observa-se uma menor participação de descendentes de alemães com relação a anos anteriores; apenas uma minoria de pessoas vão trajadas tipicamente à festa; redução de atividades desenvolvidas e relacionadas à cultura alemã e teuto-brasileira e a presença de outros ritmos musicais e outras formas de bailar. Por fim, pelas dimensões que tomou, torna-se a principal festa do Município, caracterizando-se num evento de massa, espaço de diferentes manifestações populares, onde ocorre, de fato, uma miscigenação de povos de diferentes origens e locais, numa interação de diversas culturas.

Nesta festa, convivem diferentes esferas de atuação humana. Desse modo, ela pode representar uma atividade de lazer, de trabalho, de obrigação social ou política. Todas elas se apresentam relacionadas, podendo, assim, estar associadas, diferenciadas, mas, também, serem antagônicas. Portanto, são várias as representações acerca do seu significado, da mesma forma, diversos são os interesses de grupos dominantes e do interior desta comunidade, construídos sobre esta “*tradição inventada*”<sup>3</sup>.

Com base neste contexto, a pesquisa, aqui apresentada, foi decorrente de um projeto de estudo, com o problema formulado, como nos sugere Wright Mills<sup>4</sup>, ressaltando a importância do pesquisador usar suas experiências de vida no seu trabalho intelectual, de forma contínua e

---

<sup>3</sup> HOBSBAWN, Eric. In: HOBSBAWN, E. & RANGER, T. **A Invenção das Tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984, p. 14.

<sup>4</sup> WRIGHT MILLS, Charles. Do Artesanato Intelectual. In: \_\_\_\_\_. **A imaginação Sociológica**. 6ª. ed. Rio de Janeiro; Zahar, 1982, p. 211-212.

alternada, porque uma enriquece a outra. Assim, **busca-se compreender e interpretar, através de uma análise sócio-cultural, os interesses, os valores, e os significados da e na participação, predominantemente, dos descendentes de alemães na 11ª *Oktoberfest*, de Marechal Cândido Rondon, PR, enquanto política pública e prática cultural de lazer.**

No entanto é preciso, também, considerar outras iniciativas, como a existência de quatro trabalhos acadêmicos sobre a festa em questão que, do meu ponto de vista, são bastante restritos em face de seus limites estruturais: três monografias de conclusão de curso de licenciatura em História e, outro, de curso de especialização *latu senso* em Recreação e Lazer<sup>5</sup>. Além disso, desconhece-se qualquer outro esforço sistemático do conhecimento na compreensão da *Oktoberfest*, que ocorre com periodicidade anual, no município de Marechal Cândido Rondon.

Pretende-se ainda, com este trabalho, fornecer elementos de discussão e reflexão aos profissionais da área de Educação Física e do Lazer, de modo a contribuir para um maior aprofundamento do conhecimento em torno de festas e do que estas possam significar para o homem e a sociedade, uma vez que se buscará compreender a 11ª "*Oktoberfest*" **enquanto atividade de uma política pública e um espaço de vivência do lazer, para que esses profissionais possam buscar alternativas à sua ação, em torno do conteúdo de festas, no sentido de possíveis contribuições de transformações da realidade em que se vive.**

Partindo dessas constatações, fez-se a escolha da "*Oktoberfest* Oficial" para estudar nesta pesquisa, destacando-a de outras que a precedem, designadas como "*Pré-Oktoberfest*" e, daquelas festas informais que se desenvolvem por iniciativa popular de jovens, nas ruas principais da cidade, simultaneamente à *Oktoberfest* Oficial. Embora estejam relacionadas e, dessa forma,

---

<sup>5</sup> IURKIV, José E. *Oktoberfest: Criação e Implicância na Construção da Identidade Cultural Rondonense*. Marechal Cândido Rondon, PR. UNIOESTE, 1993.; PHILIPSEN, Márcia N. *A Oktoberfest de Marechal Cândido Rondon - PR - 1987 à 1994*. Marechal Cândido Rondon, PR: UNIOESTE, 1994. SMANIOTTO, Jeferson. *A Oktoberfest de Marechal Cândido Rondon - 1987-1996*. Marechal Cândido Rondon, PR: UNIOESTE, 1997. FISCHER, Dalva F. *A Festa Oktoberfest de Marechal Cândido Rondon: Dimensão de Lazer - Trabalho*. Marechal Cândido Rondon, PR: Monografia (Curso de Especialização Recreação e Lazer). UNIOESTE, 1994.

não poderão deixar de ser referidas no trabalho, o foco principal de análise é a *Oktoberfest* Oficial, turística e gastronômica, centrada no Parque de Exposições Álvaro Dias.

No sentido de introduzir questões como: lazer, multiculturalismo, dança como manifestação cultural, tradição inventada, identidade étnica, economia turística, em um contexto dinâmico e relacional com o cotidiano, procurou-se avançar em relação a outras pesquisas realizadas no reconhecimento e registro de práticas culturais, buscando, assim, o significado dos interesses e comportamentos relacionados e expressos nesta prática cultural. Toma-se por referência José Guilherme Magnani<sup>6</sup>, para quem a forma de entender as manifestações de lazer de uma população, significa analisar os significados que possuem para seus produtores e consumidores, os efeitos sociais que provocam, o contexto em que ocorrem, superando as limitações de abordagens *“folcloristas de alguns estudos, e a excessiva politização de outros”*. Sob este prisma, decidiu-se partir do lazer, para compreender e interpretar os valores, os modos de pensar e agir dos descendentes de alemães na participação desta vivência festiva.

É preciso considerar que a festa foi investigada na sua totalidade, dentro de um contexto gerador, mas que é importante destacar, dado o curso e a área de concentração onde o estudo se desenvolve, aspectos diretamente ligados aos interesses físicos no lazer<sup>7</sup>.

Conseqüentemente, a problemática deste estudo centraliza-se em torno das seguintes questões: **quais os interesses, valores e significados da e na participação dos descendentes de alemães na festa considerada como proposta de lazer urbano? Quais são os elementos que norteiam o dançar e o festar<sup>8</sup> nesta festa? Como se processam as relações sociais no interior desta festa? Existem processos discriminatórios de segregação social em relação a este grupo freqüentador? Ocorrem manifestações discriminatórias às suas expressões corporais?**

---

<sup>6</sup> MAGNANI, José Guilherme C. *Festa no Pedaco: Cultura popular e lazer na cidade*. São Paulo; Brasiliense, 1984, p.30.

<sup>7</sup> DUMAZEDIER, Jofre. *Valores e conteúdos culturais do lazer*. São Paulo; SESC, 1980. p.110.

<sup>8</sup> Que significa: “Fazer festa”. “Divertir-se na festa; foliar”. FERREIRA, Aurélio B. de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 1ª ed. Rio de Janeiro; Nova Fronteira, 1975.

Com esta pesquisa, pretende-se demonstrar como esta festa étnica, que envolve um público de mais de 20.000 pessoas, de várias faixas etárias, de diferentes origens e lugares, constitui-se em uma “*tradição inventada*” e um símbolo, selecionado pelo Poder Municipal e elite dominante étnica, de prática para a legitimação simbólica e política de reafirmação da identidade germânica, no contexto social da comunidade, como também, apresenta-se como meta de uma política pública de lazer, em relação ao tempo disponível de sua população.

Outrossim, esta festa serviu e serve, principalmente, para projetar e identificar o Município, através de uma imagem “identitária” nos âmbito regional e estadual, no intuito de atrair novos investimentos e capitais, para que a cidade cresça e se destaque. Conseqüentemente, hoje, a *Oktoberfest* apresenta-se como atividade turística, constituindo-se em uma prática de lazer mercantilizada, trazendo “progressos” e, simultaneamente, conflitos e tensões.

Por outro lado, supõe-se, também, que a *Oktoberfest*, enquanto proposta de lazer urbano para o descendente de alemães, represente a afirmação e a assunção da identidade germânica, mas, preponderantemente, de “pertencimento” à cidade. Também e, talvez, tão somente, simbolize um momento de festejar o aqui e agora, no prazer, nas relações de estar junto com o outro, e de expressar-se com maior liberdade. Ou, pode significar trabalho, com características filantrópica, política ou econômica.

Diante desse panorama geral, no **primeiro capítulo**, inicia-se mapeando o cenário geral da pesquisa, no que se refere ao percurso utilizado, “categorias” eleitas, seleção e apresentação dos personagens sujeitos deste estudo e formas de relacionamento. Em seguida, discute-se o referencial teórico assumido, no sentido de compreender de qual festa se trata, em que parâmetros se situa, quais são suas relações e dimensões, quais são as características, os interesses e os valores de uma festa, no que se refere ao lazer. Essa fundamentação teórica se determina como fonte principal na análise dos dados empíricos coletados, tendo em vista a comprovação das hipóteses de trabalho já mencionadas.

No **segundo capítulo**, descrevem-se as características gerais do município de Marechal Cândido Rondon e dos personagens que o constituem, com o objetivo de contextualizar

seu cenário social e cultural no interior do contexto brasileiro. Logo após, mostra-se que a *Oktoberfest* constitui uma “*tradição inventada*”, resgatando, recriando e reinventando a cultura alemã e teuto-brasileira. E, por último, demonstra-se como este evento cultural de lazer, foi e, ainda, continua sendo, uma prática política direta e explícita de reafirmação de identidade grupal, e, principalmente, territorial étnica.

No **terceiro capítulo**, são analisadas as maneiras como essa tradição inventada interessou e interessa, atualmente, aos desígnios do Poder Municipal, nos termos das políticas públicas que desenvolveu. Na seqüência, situa-se a 11ª *Oktoberfest* no que se refere ao planejamento, estruturação e organização, como evento de lazer, para logo após, relatar todo um cenário festivo urbano que encerra esta festa.

No **quarto capítulo**, aborda-se, inicialmente, como a 11ª *Oktoberfest* se desenvolveu, mostrando as características gerais do seu cenário diversificado e variado. Num segundo momento, descrevem-se e analisam-se as maneiras como os conteúdos culturais de lazer se apresentaram e foram vivenciados, demonstrando os valores que os orientaram. Num terceiro momento, analisam-se e interpretam-se os principais interesses na festa, como também, os diversos valores e significados que traduzem seus atores na vivência desta festividade, enquanto conteúdo cultural de lazer. Finalmente, dando seqüência ao estudo, mas em outra direção, apresentam-se os interesses e os significados do trabalho, com a presença do componente lúdico da cultura e com características filantrópica e econômica. Neste capítulo, enfocam-se, principalmente, os aspectos mais diretamente relacionados à dança, como manifestação cultural de lazer, embora relacionada aos outros elementos constitutivos na festa, predominantemente, os sociais.

Não se tem a intenção de apresentar respostas definitivas para as questões levantadas. O que interessa, principalmente, é o processo analítico que leva a um conhecimento mais aprofundado sobre festa como atividade de política pública de lazer e seu conteúdo cultural.

## I – A CAMINHO DA FESTA

### 1.1 CAMINHOS FESTIVOS

Este trabalho compreende uma combinação de pesquisa bibliográfica com as pesquisas documental e exploratória. Na primeira, fez-se uma seleção das obras que se apresentaram como fundamentais para a contextualização deste estudo: aprofundando e refletindo sobre conceitos relacionados às temáticas cultura e festa; lazer e festa; corpo lúdico e dança na festa. Na segunda, analisaram-se documentos oficiais do poder municipal, que se mostraram pertinentes ao estudo, no que se refere à estruturação e organização da *Oktoberfest*, como, também, foi feita uma leitura crítica das publicações nos jornais semanais da cidade: “O Presente”, “Pasquim do Oeste”, e “O Jornal”, relacionadas à *Oktoberfest* de 1997. Na terceira, realizou-se um trabalho de pesquisa de campo, privilegiando, como técnica de coleta de dados, a observação participante, mas, também, lançando mão de entrevistas estruturadas.

A fim de elucidar e compreender quais foram os significados sociais e culturais que nortearam a participação dos descendentes de alemães na *Oktoberfest* “Oficial”<sup>1</sup>, procurou-se justapor dados provenientes da pesquisa bibliográfica, com dados da pesquisa documental e com os da observação direta, incluindo-se aí, igualmente, os testemunhos orais dos atores desta

---

<sup>1</sup> O termo “oficial” é utilizado para designar a principal festa desenvolvida, destacando-a de outras que a precedem designadas como “*Pré-Oktoberfest*”. A festa oficial encerra um período de festividades do município, promovido especificamente pela Administração Municipal na área urbana, através de uma comissão organizadora. Enquanto que aquelas, são promovidas por distritos municipais, associações e/ou entidades privadas.

vivência festiva. Portanto a trajetória teórico-prática desta pesquisa envolve a relação sujeito-objeto-conhecimento e se utilizou da abordagem dialética, segundo Karel Kosik<sup>2</sup>.

A pesquisa teve, como ponto de referência, o entendimento da *Oktoberfest* como espaço que possibilita a vivência de atividades de lazer. Especificamente, mas não de forma restrita, o foco principal de análise é a dança enquanto manifestação cultural de lazer, paralelamente a outros elementos constitutivos da festa; assim, o objeto de estudo foi abordado, através de uma análise sócio-cultural.

Dentre a diversidade dos atores participantes desta festa, este estudo privilegiou descendentes de alemães, pelo fato deles terem sido os colonizadores do município em questão, e pela festa conter elementos como trajes, comidas típicas, música e outros, que procuram simbolizar a cultura germânica.

A partir disso, elegeu-se quatro categorias: organizadores, trabalhadores, turistas e participantes locais, os quais participaram da e na festa, que se desenvolveu no Parque de Exposições Álvaro Dias, nos períodos de 16 a 19 e 23 a 26 de outubro do ano de 1997.

Além disso, os entrevistados são de ambos os sexos, a partir da idade de dezesseis anos. Tal opção se justifica pela observação da presença acentuada de adultos na festa. O não estabelecimento de limite máximo de idade decorre do fato de que os valores e significados individuais e sociais sofrem mudanças, transformações constantes, através do tempo, pelas interferências sociais, religiosas, políticas e econômicas. Assim, tais valores e significados em relação ao “festar” e dançar nesta festa como uma atividade de lazer, puderam se apresentar associados, mas diferenciados dos valores e significados desta prática presentes num passado próximo. Da mesma forma, o festar e o dançar, na festa, podem ter representações diferentes para uma pessoa em momentos de tempo diferentes, pois o comportamento humano varia, consoante as múltiplas razões pelas quais ela pratica ou frui determinada atividade.

Sob este panorama geral, foram elaboradas “categorias” teóricas e selecionadas “categorias” para observação de campo, e dois roteiros para entrevistas. Como tão bem mostra

---

<sup>2</sup> KOSIK, Karel. *Dialética do Concreto*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976. p.42.

José Guilherme Magnani<sup>3</sup>, “*delimitar as unidades significativas para observação e análise*” constitui uma tarefa inicial para pesquisas de caráter antropológico, especialmente, quando o objeto de estudo é o “*lazer no centro da cidade*”, pois, “*como não são dadas de antemão, é necessário destacá-las do fundo impreciso da realidade tal como é vista pelo senso comum*”.

Por conseguinte, a pesquisa de campo constou de três etapas de trabalho. Para a primeira etapa, dentre a diversidade de organizadores da e na *Oktoberfest*, procurou-se identificar algumas pessoas que administraram o poder público no início da institucionalização da festa (1987) e aqueles que a organizam atualmente. O fato de conhecer os informantes pessoalmente, permitiu que se iniciasse a pesquisa contatando, primeiramente, por telefone, identificando-se, explicando e justificando o interesse em entrevistá-los. Todos foram muito acessíveis, demonstrando interesse em colaborar com tais estudos e marcaram, de acordo com suas disponibilidades, a hora e o local de realização das entrevistas. Assim, as entrevistas foram realizadas no período de 07 a 11 de julho de 1997. Totalizando quatro informantes, pertencentes à categoria “Administração Municipal”, sendo três homens e uma mulher, os quais desempenharam ou desempenham as funções de prefeito, vice-prefeito e secretária da Educação, Cultura e Esporte. Chegando às suas residências ou locais de trabalho, procurava explicar os objetivos do estudo; além disso, apresentava o projeto, caso quisessem apreciá-lo. Desta forma, as entrevistas consistiram num diálogo, seguido de um roteiro (Anexo I), num clima agradável com os informantes.

Na segunda etapa, realizou-se, parafraseando José Guilherme Magnani<sup>4</sup>, a “*participação de reconhecimento*”; providenciou-se, primeiramente, o contato com a programação geral do período de festividades correspondentes à programação da *Oktoberfest*, através da Prefeitura Municipal e identificaram-se as datas, locais, horários, os organizadores das *Pré-Oktoberfest* que seriam realizadas nos distritos e ruas da cidade, e as demais atividades de

<sup>3</sup> MAGNANI, José G. C. Quando o Campo é a Cidade: Fazendo antropologia na Metrópole. In: MAGNANI, J.G.C. e TORRES, L. L. (org.). *Na Metrópole: textos de antropologia urbana*. São Paulo: Universidade de São Paulo; FAPESP, 1996. p.38.

<sup>4</sup> MAGNANI, José G. C. Quando o Campo é a Cidade... Op. Cit. p.35. O autor denomina esta técnica como “*caminhada de reconhecimento*”.

lazer que fariam parte da programação da *Oktoberfest* “Oficial”, (Anexos IV e V). O fato das *Pré-Oktoberfest* se apresentarem similares à *Oktoberfest*, levou-nos a fazer um primeiro “reconhecimento de campo” nas *Pré-Oktoberfest*. Aqui, mais uma vez, o referencial é José Guilherme Magnani<sup>5</sup>, que destaca esta técnica como fundamental, uma vez que, “*pelo efeito de estranhamento que induz - permite treinar e dirigir o olhar por uma realidade inicialmente tida como familiar e conhecida*”. Portanto, dentre quinze *Pré-Oktoberfest*, previstas para o final do mês de setembro e para o mês de outubro de 1997, selecionou-se, ao acaso, seis que foram as seguintes:

27/09 - Os Milionários - Avenida Sete de Setembro

04/10 - Iguaporã Sede

05/10 - SESC - Clube Concórdia 3ª Idade

07 e 08/10 - Difusora/CDL/ Lanchonete *Dein House*

09 e 10/10 - *Golden Fass*

15/10 - *La Bodeguita* - Av. Maripá

Assim, no período de 01 a 15 de outubro, ocorreram a participação e a realização de observações preliminares nessas seis festas, tendo no roteiro de observação as seguintes “categorias”: cenário, atores e normas que regiam cada uma dessas festas. Tal iniciativa proporcionou experiências quanto à observação; foram estabelecidos os contatos e relacionamentos iniciais com os atores destas festas, verificando a possibilidade de serem entrevistados. Além disso, esse processo foi importante para reavaliar “categorias” e roteiros já elaborados, previstos para serem utilizados na terceira etapa, mas que, no decorrer da etapa, foram reelaborados, para ajustarem-se melhor às peculiaridades da *Oktoberfest* “Oficial” e aos objetivos deste estudo.

---

<sup>5</sup> Idem. p.36.

A terceira etapa, “pesquisa propriamente dita”, desenvolveu-se no período de 16 a 28 de outubro, utilizando duas técnicas, simultaneamente: observação participante e desenvolvimento da entrevista (Anexo II).

Em Marechal Cândido Rondon, diferentemente de cidades maiores, ainda predominam as redes de relações “primárias”, com quase a maioria de seus habitantes participando das diferentes práticas culturais. Graças ao fato de nascer, morar, trabalhar nesta cidade e participar na fruição das diferentes atividades de lazer que fazem parte da programação do período festivo da *Oktoberfest*, durante muitos anos, boa parte dos moradores e participantes da e na *Oktoberfest* são conhecidos e possui-se uma ampla rede de relações. Tais aspectos facilitaram, em muito, os contatos iniciais e a disposição das pessoas em colaborar com a pesquisa.

Entretanto estes aspectos não são suficientes: o fato de não se constituir em um estudo do “outro”, impende a atenção, que deve ser redobrada, para que não prevaleça o senso comum, sendo, por isso mesmo, condição básica, para evitar o imediatismo e o predeterminismo “do próximo, do conhecido”, que à primeira vista parece exhibir. Como diz Gilberto Velho<sup>6</sup>: *“O que sempre vemos e encontramos pode ser familiar mas não é necessariamente conhecido e o que não vemos e encontramos pode ser exótico mas até certo ponto conhecido. No entanto estamos sempre pressupondo familiaridades e exotismos como fontes de conhecimento e desconhecimento respectivamente”*. Sob este prisma, partiu-se do pressuposto que, **somente o vivenciar, compartilhando este evento festivo com os atores, é que proporcionaria um relacionamento mais efetivo e afetivo com os sujeitos pesquisados, assegurando, conseqüentemente, a compreensão dos significados de sua participação nesta festa.**

Participar, nesta festa, observando e registrando as ações e o discurso dos atores, foi fundamental, como nos explica, uma vez mais, José Guilherme Magnani<sup>7</sup>, pois, para o autor, os comportamentos e os discursos não podem ser considerados como realidades que se opõem, mas

---

<sup>6</sup> VELHO, Gilberto. Observando o Familiar. In: NUNES, E. (Org.). *Aventura Sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. p.39.

<sup>7</sup> MAGNANI, José Guilherme C. *Festa no Pedaco: Cultura popular e lazer na cidade*. São Paulo: Brasiliense, 1984. p.168.

como realizações parciais de um sistema mais geral que compreendem, assim, formas diferentes de expressão de um mesmo universo simbólico, que só existe e se manifesta, através da particularidade das situações concretas.

Para tanto, observar a reação dos atores na dinâmica da festa e acompanhá-los no seu cotidiano, quer no discurso, quer na ação, “... *implica estar presente para ouvir relatos, comentários e observar comportamentos, no momento em que se manifestam*”<sup>8</sup>.

Dentre os vários autores que abordam a relação sujeito e objeto numa pesquisa foi, em **Vidas Compartilhadas**, de Paulo de Salles Oliveira<sup>9</sup> que foram encontrados os subsídios para compreender melhor a relação sujeito e objeto, segundo o enfoque e orientação dados a esta pesquisa. Aquele estudo é importante porque faz reflexões aprofundadas sobre as relações entre sujeito e objeto. Este autor fundamenta sua orientação na “*proposta de alternância*”. Para ele, esta relação “*implica admitir que tanto o pesquisador quanto pesquisados são sujeitos e objetos numa pesquisa. Um se emudece temporariamente para que o outro se exprima*”. Desenvolvem-se, “*relações de interdependência entre sujeito e objeto; ambos se constituem reciprocamente, alternando entre si as condições de criador e de criatura*”, tudo isso trazendo como consequência, “*..., a impossibilidade de um existir sem o outro*”.

Desse modo, é este o principal esteio do método adotado, para construir esta dissertação de mestrado. Assim, foram estabelecidas trocas de informação, conhecimento, amizade e afetividade.

A participação e observação sistemáticas da *Oktoberfest* “Oficial”, desenvolveram-se observando o “*cenário*”<sup>10</sup>. É importante destacar, que a observação não ficou restrita à

<sup>8</sup> MAGNANI, José Guilherme C. *Festa no Pedaco...* Op. Cit. p.60.

<sup>9</sup> OLIVEIRA, Paulo de Salles. **Vidas Compartilhadas**: O universo cultural nas relações entre avós e netos. São Paulo: USP, 1993, pp.58-59. (Tese de Doutorado em Psicologia Social) - 2 v.

<sup>10</sup> Compartilhamos com José Guilherme C. Magnani, que o cenário nesta perspectiva não corresponde só ao conjunto de elementos físicos ou à idéia de um palco pronto para desempenho dos papéis dos atores, “*é entendido como produto de práticas sociais anteriores e em constante diálogo com as atuais - favorecendo-as, dificultando-as e sendo continuamente transformado por elas. Delimitar o cenário significa identificar marcos, reconhecer divisas, anotar pontos de intersecção ...*” em uma relação dialética entre estrutura física, papéis sociais e as diferentes formas de práticas dos atores na apropriação deste espaço. (MAGNANI, José Guilherme C. *Festa no Pedaco...*Op. Cit. p.37).

participação dos descendentes de alemães na festa, mas foi feita, de modo geral, sobre aqueles que participam e atuam nesta festa. Tal aspecto foi observado no sentido de não fragmentar as relações sociais e a dinâmica da festa. Esta postura, também se apoia em José Guilherme Magnani<sup>11</sup>, que a considera fundamental em pesquisas deste gênero, porque “*as pessoas falam com o corpo, com a roupa, com as regras e formas de organização, e também com a palavra*”.

Desenvolveram-se, por isso, tanto observações gerais, quanto específicas, acerca da estruturação e organização da *Oktoberfest* e, simultaneamente, ao desenvolvimento da “festa” pelos atores, observando-se, também, as manifestações dos grupos, como aquelas individuais.

Criaram-se, desta forma, os contatos e relacionamentos que proporcionaram as relações de troca entre pesquisador e pesquisado, registrando, sempre, as observações feitas, no diário de campo. E foi, dentre este universo de atores, participantes da festa, que foram selecionados os sujeitos entrevistados.

É preciso dizer que a *Oktoberfest* é um evento de multiplicidade cultural; por conseguinte, adentrou-se num mundo lúdico heterogêneo de participantes, no que se deparou, em momentos e situações, com aquilo que Gilberto Velho<sup>12</sup> chama de “*estranhamento*”, da pesquisadora consigo mesma, passando da “função” de participante para participante pesquisadora, sobre os atores na festa, sendo, até, identificada como fiscal de menores e jornalista. Entretanto a função que, ali, era desempenhada, nunca foi omitida.

Paralelamente à observação participante, desenvolveu-se a entrevista. A seleção dos sujeitos pesquisados foi feita de forma não probabilística intencional no ambiente da festa. A aproximação dava-se através de uma conversa informal. Para alguns, era necessário uma apresentação, para outros, não houve necessidade disso. Relatava-se, em linhas gerais, a pesquisa que estava sendo realizada e seus objetivos. Após, assegurada da disposição dos escolhidos em prestar seus depoimentos, buscava-se um local mais tranquilo da festa, por exemplo, a Praça da Alimentação. No caso em que o informante preferisse que a entrevista fosse realizada em sua

---

<sup>11</sup> MAGNANI, José Guilherme C. *Festa no Pedaco...* Op. Cit. p.30.

<sup>12</sup> VELHO, Gilberto. *Observando o Familiar...* Op. Cit. p.39.

residência ou local de trabalho, era marcada a data e o horário, de acordo com sua disponibilidade para efetuar-la. Tal atitude se justifica, para que as entrevistas ocorressem de forma mais tranqüila, evitando-se o desconforto da música alta, a interferência de outras pessoas e o imprevisto.

As entrevistas seguiram um roteiro de perguntas (Anexo II) e, na sua grande maioria, realizaram-se no ambiente da festa. É preciso dizer que, no início da pesquisa, as entrevistas foram programadas para serem realizadas no cotidiano dos informantes, após os contatos e relacionamentos iniciais feitos no espaço da *Oktoberfest*. Outrossim, a participação de reconhecimento nas *Pré-Oktoberfest*, demonstrou que o ambiente da festa poderia ser, também, um momento propício para a realização das entrevistas por vários motivos, dentre os quais se destacam: primeiro, porque os atores, nestas festas, demonstraram predisposição para conversar e serem futuros informantes; segundo, por entender que o caráter lúdico da festa propicia maior espontaneidade e liberdade nas formas de expressão. Conseqüentemente, as pessoas são menos introvertidas, retraídas e reservadas. A percepção e estas circunstâncias levaram a que se usassem procedimentos diferenciados quanto ao local de realização das entrevistas e, do mesmo modo, induziram a que as entrevistas fossem realizadas individualmente e com grupos de pessoas.

As entrevistas se iniciaram, sempre, com uma conversa informal, quando se procurava esclarecer que, na redação do trabalho, suas identidades seriam preservadas, sendo seus nomes verdadeiros, substituídos por outros, ou letras iniciais dos nomes. Da mesma forma, procedeu-se quanto à necessidade de gravar as entrevistas: estas foram registradas, através do uso do gravador, com o consentimento dos pesquisados que não manifestaram restrições a esta técnica.

A convivência com os pesquisados proporcionou momentos emocionantes e agradáveis. A maioria deles demonstrou orgulho em ter a oportunidade de falar “de sua festa”, mas, também, houve constrangimentos ao abordar assuntos pertinentes à organização ou promiscuidade na festa, dentre outros aspectos. É oportuno registrar que a pesquisadora, devido

à ansiedade e ao partilhar com alguns descontentamentos em relação à festa deste ano<sup>13</sup>, absteve-se de dar opiniões, restringindo-se, principalmente, a questionar e ouvir os depoimentos. Como nos ensina, Elizara Marin<sup>14</sup>, *“Ouvi suas vozes. E ouvir consistiu inicialmente em ter que aprender a ouvir. A ansiedade de saber e perguntar torna-nos surdos. É um exercício de atenção, dedicação e paciência”*. Enfim, as conversas eram interrompidas por goles de chope e risadas. Justo aqui, compreende-se bem as palavras de Ecléa Bosi<sup>15</sup>, quando disse que: *“nesta pesquisa fomos, ao mesmo tempo sujeito e objeto. Sujeito enquanto indagávamos, procurávamos saber. Objeto enquanto ouvíamos, registrávamos, sendo como que um instrumento de receber e transmitir a memória de alguém, ...”*.

Durante a pesquisa de campo, foram realizadas vinte e nove entrevistas coletivas e individuais. A amostra pesquisada correspondeu a um total de 43 descendentes de europeus, sendo a grande maioria de ascendência alemã, de ambos os sexos, na faixa etária de 16 a 65 anos, separados em quatro grupos, sendo 5 pessoas pertencentes à categoria organizadores, 09 a trabalhadores, 16 a turistas e 12 a participantes locais, conforme características gerais, apresentadas no quadro abaixo.

---

<sup>13</sup> Diferentemente dos anos anteriores, houve cobrança de ingresso, cujo valor foi considerado elevado pela maior parte da comunidade. Também pesou no descontentamento geral, a atuação do Conselho Tutelar do Menor que definiu “normas” quanto à participação de menores de dezoito anos nos dias da festa, as quais, quando divulgadas durante a festa, o foram de forma contraditória e ambígua. A contradição e ambigüidade repousa na rigidez restritiva daquelas normas no início da festa e, no seu relaxamento nos dias finais quando se constatou o esvaziamento do público, relativamente aos anos anteriores. Este, como aquele procedimento, produziu várias conseqüências resultando, principalmente, na pouca participação da comunidade rondonense durante o período festivo e no esvaziamento da festa em determinados períodos dos dias ou das noites.

<sup>14</sup> MARIN, Elizara C. **O lúdico na Vida: Colónas de Vale Venêto**. Dissertação de mestrado, FEF/UNICAMP, 1996, p. 13.

<sup>15</sup> BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças de velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p.38.

**QUADRO GERAL DAS ENTREVISTAS\*:**

Nº	Nº de inform.	In.	Id.	S.	Categ.**	Loc. de res.	Dist. ****	Local da entrev.	Per. da entrev.
1º	01	I	49	M	Organizador	M.C.R. ***	-	Residência	Julho
2º	01	A	45	M	Organizador	M.C.R.	-	Local de Trabalho	Julho
3º	01	R	48	M	Organizador	M.C.R.	-	Local de Trabalho	julho
4º	01	N	45	F	Organizadora	Quatro Pontes	5 Km	Residência	Julho
5º	02	D F	42/45	M/F	Trabalhadores e Participantes Locais	Quatro Pontes	5Km	<i>Oktoberfest</i>	Outubro
6º	05	Ay By Cy Dy Ey	15 a 17	M/F	Turistas	Media-neira  e  Mate-lândia	129 Km   137 Km	<i>Oktoberfest</i>	Outubro
7º	01	Al	35	M	Trabalhador	M.C.R.	-	<i>Oktoberfest</i>	Outubro
8º	04	E El Ab J	40 a 50	M/F	Turistas	Toledo	47 Km	<i>Oktoberfest</i>	Outubro
9º	01	Ro	22	F	Turista	Palotina	73 Km	<i>Oktoberfest</i>	Outubro
10º	01	S	18	F	Trabalhadora e Participante local	M.C.R.	-	<i>Oktoberfest</i>	Outubro
11º	01	An	41	M	Trabalhador	M.C.R.	-	<i>Oktoberfest</i>	Outubro
12º	01	Jo	27	M	Participante local	M.C.R.	-	<i>Oktoberfest</i>	Outubro
13º	01	M	22	M	Trabalhador	M.C.R.	-	<i>Oktoberfest</i>	Outubro

14°	02	Ac C	38/41	M/F	Trabalhadores e Participantes locais	M.C.R.	-	<i>Oktoberfest</i>	Outubro
15°	02	T Ma	37/45	M/F	Participantes Locais	M.C.R.	-	<i>Oktoberfest</i>	Outubro
16°	01	De	47	F	Participante local	M.C.R.	-	<i>Oktoberfest</i>	Outubro
17°	01	P	34	M	Participante local	M.C.R.	-	<i>Oktoberfest</i>	Outubro
18°	01	W	19	M	Turista	Cascavel	89 Km	<i>Oktoberfest</i>	Outubro
19°	01	Ju	20	M	Turista	Foz do Iguaçu	174 Km	<i>Oktoberfest</i>	Outubro
20°	04	Az Bz Cz Dz	16 a 18	M/F	Turistas e participantes locais	Medianeira e M.C.R.	129 Km	<i>Oktoberfest</i>	Outubro
21°	01	Eu	49	F	Participante local	M.C.R.	-	Local de Trabalho	Outubro
22°	01	Rob	24	M	Participante local	M.C.R.	-	Residência	Outubro
23°	01	Joa	65	F	Participante local	M.C.R.	-	Residência	Outubro
24°	02	Vo Wa	60/63	M/F	Participantes locais	M.C.R.	-	Residência	Outubro
25°	01	Eli	19	F	Participante local	M.C.R.	-	Residência	Outubro
26°	01	Elm	43	M	Trabalhador	M.C.R.	-	Local de Trabalho	Outubro
27°	01	Ar	39	M	Organizador	M.C.R.	-	Local de Trabalho	Outubro
28°	01	Er	51	F	Trabalhador	M.C.R.	-	Residência	Outubro
29°	01	El	50	M	Trabalhador	M.C.R.	-	Residência	Outubro

\* **Legendas:** N°: número da entrevista; n° de inform: número de informantes por entrevista realizada; In: iniciais dos nomes dos informantes; Id: idade; S: sexo; Categ: categorias que os informantes correspondem; Loc. de res.: município onde residem os informantes; Dist: distância em Km de Marechal Cândido Rondon; Local da entrev: local da realização da entrevista; Per. da entrev.: período da realização da entrevista.

\*\* **Organizadores:** são pessoas que planejaram, organizaram e desenvolveram a *Oktoberfest* no seu início (1987) e nos últimos anos (1993 - 1997); **Trabalhadores:** compreendem as pessoas que atuaram no desenvolvimento da festa, quer no comércio, bandas musicais, e outros, com trabalho formal, informal ou voluntário; **Turistas:** são pessoas que moram em outros municípios do Paraná e vieram à Marechal Cândido Rondon para participar especialmente da 11ª *Oktoberfest*; **Participantes Locais:** são moradores da região urbana ou rural do município de Marechal Cândido Rondon que participaram da festa, não atuando na sua organização e no comércio, entretanto, alguns intercalaram momentos de participação festiva e trabalho voluntário.

\*\*\* Compreendem pessoas que moram na sede e no interior do Município de Marechal Cândido Rondon.

\*\*\*\* Dados conseguidos junto ao Departamento de Estradas e Rodagens, 5ª Circunscrição Regional de Manutenção, DER-PR. 5ª CRM.

Sintetizando, este foi o caminho percorrido, e estes são os personagens que participaram desta pesquisa, escolhidos segundo opções teóricas, orientações do estudo, circunstâncias e percepções que se configuraram ao longo do trabalho de campo.

## 1.2. UMA “TRADIÇÃO INVENTADA” NO LAZER

As relações entre festa e lazer são paradoxais. Por um lado, as festas sempre tiveram e têm enorme vigência e difusão, tanto no Sul do Brasil, como na maioria dos Estados brasileiros, com dedicação especial por parte das populações rurais e urbanas, enquanto manifestações preferenciais de seu tempo de lazer. Por outro, poucas são as descrições e, muito mais raras, são as tentativas de analisar e interpretar o seu significado enquanto opção pessoal de lazer.

Para tentar compreender os significados que estas manifestações culturais possuem para seus produtores e consumidores no que se refere ao lazer, o contexto em que ocorrem, os efeitos sociais e culturais que provocam, faz-se preciso percorrer um caminho ainda pouco trilhado pelos estudos do lazer, assim como, na Educação Física, concernentes ao significado dos conteúdos culturais do lazer – físico-esportivos, vivenciados em festas, também pouco explorados. Por isso, fez-se necessário dialogar com outras áreas do conhecimento, como a história, a sociologia e a antropologia para dimensionar as reflexões teóricas sobre a nossa temática.

Estes estudos da história, sociologia e antropologia mostram que as festas sempre foram e são manifestações sociais e culturais presentes na vida de povos de diferentes etnias e sociedades, embora vivenciadas de acordo com o seu universo material, espiritual ou simbólico específico. “*Cada grande descobrimento que faz o homem sobre sua relação com Deus, com o*

*universo, com os seres humanos, consigo mesmo, é tão formidável que requer uma celebração. A religião a marca com uma festa. Também o Estado tem suas festas. As festas são universais.*"<sup>16</sup>.

Evidencia-se, assim, que as festas sempre foram e continuam sendo promovidas pelos homens, quer estando no poder religioso, quer no político, ou por sua própria vontade, com objetivo de celebrar acontecimentos da vida ou da natureza, símbolos sagrados ou profanos. Destarte se constituem em oportunidades para o ser humano fortalecer laços de amizade, parentesco e vizinhança, e para alargar as fronteiras nas relações sociais entre diferentes grupos ou classes sociais.

Especificamente, no Brasil, ao longo de sua história, diversos estudos, prevalecendo os folclóricos, mostram que as festas têm sido manifestações da cultura brasileira, sendo a grande maioria delas de referência religiosa. Porém, há também outras voltadas à natureza, na comemoração de colheitas, como profanas, políticas e ideológicas.

O estudo de Rita de Cássia Amaral<sup>17</sup> demonstra, de forma sucinta, que as festas são manifestações presentes desde a formação das cidades brasileiras até hoje. Chama a atenção para importância das festas ao longo da história do nosso País, ressaltando que estas sempre foram realizadas por todos os grupos sociais, por vários motivos, destacando que as festas *"desempenharam um papel muito mais importante em nossa cultura do que costumamos admitir"*.

A autora faz esta afirmação, preponderantemente, pelo fato de que, no Brasil, a religiosidade se manifestava, e ainda se manifesta, de modo festivo. Este festejar religioso e,

<sup>16</sup> GRAZIA, Sebastian de. **Tiempo, Trabajo y Ocio**. Madrid: Tecnos Editorial, 1966. p.388.

<sup>17</sup> AMARAL, Rita de Cássia. Cidade em Festa: O Povo-de-Santo (e outros povos) Comemora em São Paulo. In: MAGNANI, José Guilherme C. & TORRES, Liliam de Lucca.(orgs.) **Na Metrópole: textos de antropologia urbana**. São Paulo: EDUSP/FAPESP, 1996. p.257.

também, profano, *“foi sem dívida o moto da construção da sociabilidade brasileira”*<sup>18</sup>. Ademais, estas festas *“puseram em contato os anseios, valores e crenças de grupos. Elas mesclaram a música sacra aos ritmos populares. Misturaram corpos, as raças, construindo solidariedades que se mantiveram durante o decorrer da história, desenhando os traços primeiros da cultura brasileira”*<sup>19</sup>.

É nesse sentido que se pode dizer que as festas, no Brasil, possuem a expressão de um multiculturalismo, mesmo que, muitas vezes, apresentem características predominantes da cultura de determinada região, grupo, ou comunidade.

Em épocas anteriores e, concomitantemente, ao início do desenvolvimento industrial e do sistema capitalista, nas sociedades modernas do Brasil, a característica de vida do brasileiro era *“entender e vivenciar a diversão, o descanso, o convívio social, familiar e o trabalho, como esferas e tempos que se misturavam e se confundiam”*<sup>20</sup>. Ainda hoje, pode-se perceber nas sociedades tradicionalmente rurais, características deste estilo de vida.

Foi a partir do início deste século e, preponderantemente, na década de setenta, em função do processo de industrialização e urbanização das cidades, que a vida dos brasileiros citadinos começou a ser fragmentada em tempos e esferas específicas de ação humana. Assim, as atividades ligadas ao trabalho e à esfera política e econômica passaram a se apresentar dissociadas das práticas sociais de domínio lúdico, dos encontros, das atividades e das relações sociais informais<sup>21</sup>.

<sup>18</sup> AMARAL, Rita de Cássia. Cidade em Festa... Op. Cit. p. 257.

<sup>19</sup> Idem. Ibidem. p. 257. citando: DEL PRIORI, Mary. **Festas e Utopias no Brasil Colonial**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

<sup>20</sup> SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. **O Prazer Justificado: História e Lazer**. (São Paulo, 1969/1979). São Paulo: Marco Zero, 1994. p. 14.

<sup>21</sup> Praticamente todos estudiosos que abordaram o lazer de forma direta ou indireta reconhecem a diferença entre estilo de vida de característica tradicional em sociedades predominantemente rurais e estilo moderno em sociedades urbano-industrial, embora este último venha afirmando-se cada vez mais no meio rural.

Desta forma, compreende-se que as manifestações festivas por aquela época e nas sociedades tradicionais, eram, e ainda são, práticas sociais que conviviam misturadas e se expressavam, conjuntamente, com os diversos momentos da vida das comunidades, apresentando-se, somente, como um outro momento, não estando associadas a um tempo específico e à uma esfera de atuação humana. Entretanto é no espaço urbano que as festas passaram a ser práticas específicas do “tempo livre”, do tempo de não trabalho, do tempo disponível e do tempo de lazer, entendidas e concebidas pela grande maioria das pessoas e estudiosos, como práticas dissociadas da vida cotidiana e opostas às esferas do trabalho, da política e da economia.

Portanto, o lazer é fruto da sociedade moderna urbano-industrial, mas surge fundamentado em função da dicotomia trabalho/lazer, compreendido como um tempo e uma esfera de atuação humana que produz ruptura com a vida cotidiana. No entanto Nelson Carvalho Marcellino<sup>22</sup>, em sua obra *Lazer e Educação*, faz uma análise minuciosa com vários autores, demonstrando a impossibilidade de uma visão isolada, quer do lazer, quer do trabalho, tendo em vista que estas esferas de atuação humana mantêm relações de interdependência.

Em outro estudo, observa: *“Além do mais, os limites divisores entre essas esferas apresentam-se cada vez mais tênues, do ponto de vista social, na medida em que, em grande parte, a vivência do lazer supõe também o trabalho”*<sup>23</sup>.

A grande maioria dos estudos recentes sobre o lazer e festas compreendem que estes conceitos mantêm relações com o todo da vida social, não sendo o lazer e seus conteúdos esfera e atividades isoladas do contexto cultural.

---

<sup>22</sup> MARCELLINO, Nelson Carvalho. *Lazer e Educação*. 2 ed. Campinas: Papirus, 1990. pp. 22-28.

<sup>23</sup> MARCELLINO, Nelson Carvalho. *Pedagogia da Animação*. Campinas: Papirus, 1990. p.31.

De outro ponto de vista sobre o lazer, o estudo de Denise Sant'Anna é fundamental, por mostrar como a progressiva produção de um “tempo livre” para o lazer do trabalhador urbano brasileiro, foi produzido historicamente, em meio às tensões e contradições do desenvolvimento capitalista, nomeando esta temática em seu trabalho: *“Incitação e Recusa”*<sup>24</sup>. Explicita-se que, por um lado, houve um movimento de valorização e produção de um tempo para o lazer e, por outro, procurou-se tornar todo o tempo de vida em tempo de trabalho, impossibilitando a fruição do lazer por grande parte dos trabalhadores urbanos, de forma mais ampla e acelerada na década de setenta.

Além do que, a produção de um tempo para o lazer pelo sistema capitalista em escala mundial, surge como *“novos alicerces para o aumento da produtividade”*<sup>25</sup>, ou seja, num primeiro momento, reconhece-se que um indivíduo descansado se torna mais produtivo durante seu tempo de trabalho; em outro, as possibilidades do desenvolvimento da indústria de lazer, na produção e consumo de brinquedos, equipamentos esportivos, atividades e eventos lúdicos, demandam da existência de um tempo e disponibilidade financeira por parte da população.

Sob outro prisma, a mesma autora nos mostra que surgem, paralelamente, a produção de um tempo para o lazer e uma série de preocupações por parte da sociedade organizada em relação aos usos deste tempo pela população brasileira, considerando que o “tempo livre” pode *“se transformar no lugar onde pode nascer tanto o erro, a irregularidade, como o bem, a salvação social e individual”*<sup>26</sup>. Nesta perspectiva, o tempo para o lazer da população urbana brasileira torna-se uma problemática social e institucional, considerando que não existem garantias

---

<sup>24</sup> SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. **O Prazer Justificado...** Op. Cit. pp.13-41.

<sup>25</sup> Idem. p.19.

<sup>26</sup> Idem. p. 20.

de que o trabalhador utilizará este tempo com atividades e atitudes consideradas lícitas, consoantes aos valores, às normas e às leis preestabelecidas pela sociedade.

É neste contexto que, para diversos países industrializados do século XIX, “a necessidade de uma organização dos lazeres é colocada como corolário da diminuição do tempo de trabalho”<sup>27</sup>. Assim, na Europa industrializada, como no Brasil, a partir do início deste século, buscaram tornar o “tempo livre” e o lazer “capazes de responderem às necessidades e interesses de caráter econômico, moral, político, institucional, de torná-los um negócio de algum modo útil e passível de utilização pelos diversos setores sociais”<sup>28</sup>.

Surge, desta forma, a necessidade de instrumentalizar, organizar institucionalmente e inspecionar tudo que se referia ao tempo para o lazer das populações que viviam nos espaços urbanos e industriais. Ou seja, a partir desta época e, preponderantemente, na década de setenta, surgem tendências e concepções de forma empírica, ou através de estudos, de pensar as formas de lazer e seus espaços, orientados por uma visão funcionalista, em detrimento de outras, vistas como um problema, pelo seu caráter de inutilidade e improdutividade, muitas vezes, entendidas como práticas da ociosidade, da vadiagem, do vício e da imoralidade<sup>29</sup>.

Nelson Carvalho Marcellino, em sua obra *Lazer e Educação*, constata a visão funcionalista do lazer em uma série de estudos, onde a ele são atribuídos valores compensatório, utilitarista, moralista e romântico, como fator de ajuda aos homens para suportarem o peso do seu cotidiano, em atividades socialmente aceitas e moralmente corretas. Para o autor, todas essas abordagens do lazer se caracterizam “altamente conservadoras, que buscam ‘a paz social’, a

<sup>27</sup> DUMAZEDIER, Jofre. Sociologia empírica do lazer. In: *Valores e conteúdos culturais do lazer*. São Paulo: SESC, 1980. p.21.

<sup>28</sup> SANT’ANNA, Denise Bernuzzi de. *O Prazer Justificado...* Op. Cit. p.20.

<sup>29</sup> Idem. p.26.

*manutenção da 'ordem', instrumentalizando o lazer, (...)*<sup>30</sup>. Esclarece-se assim, o porquê da ênfase a inúmeros valores ao lazer manifestados e assimilados por instituições privadas ou públicas que promovem programas de lazer.

Aqui chegamos num ponto importante para o nosso estudo, no sentido de compreender porque as festas étnicas em Marechal Cândido Rondon, a expressão da cultura teuto-rondonense, associadas à vida desta comunidade, passaram a ser desenvolvidas, principalmente, no ambiente rural, sendo uma das principais atividades lúdicas da comunidade rural e serem práticas específicas do tempo disponível das pessoas adultas e idosas urbanas. Além disso, entender porque, antes da década de oitenta, estas práticas eram concebidas pela população jovem urbana como atividades atrasadas e ultrapassadas culturalmente, e, posteriormente, transformaram-se em práticas institucionalizadas, desenvolvidas no ambiente urbano, nominadas em *Oktoberfest e Pré-Oktoberfest*, como espaço de cultura e diversão, adquirindo afirmação da população urbana e uma popularidade em toda região Oeste do Paraná, representando uma opção de lazer, e também de trabalho

No que diz respeito às manifestações festivas, Denise Sant'Anna<sup>31</sup> demonstra, em seu estudo, que, no início deste século, também, elas foram sujeitas a sanções normalizadoras e inspeções institucionais, pela necessidade de providências para a manutenção da boa ordem, tranqüilidade e decência. Ademais, as festas tradicionais começaram a ser vistas como práticas ultrapassadas, sendo substituídas por outras atividades de lazer mais modernas ou misturadas aos novos ventos da modernidade, adquirindo outros significados e modos de expressão.

---

<sup>30</sup> MARCELLINO, Nelson Carvalho. *Lazer e Educação...* Op. Cit. pp.35-40.

<sup>31</sup> SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. *O Prazer Justificado...* Op. Cit. pp.21-22.

Compreende-se, assim, que, nos médios e grandes centros urbanos brasileiros, as festas tradicionais, que sempre foram expressão da cultura popular brasileira, progressivamente, no início deste século, passaram a ser práticas específicas do tempo disponível do trabalhador.

Além disso, neste período, essas manifestações festivas começaram a desaparecer do cenário urbano brasileiro, devido principalmente ao seu caráter de inutilidade e improdutividade. Foram vistas como práticas perigosas, em virtude de serem momentos e espaços que propiciavam a diversão, a evasão, maior liberdade de expressão e a ampliação do consumo da bebida e da comida. Da mesma forma, como práticas ociosas – negativas, por serem locais que favoreciam a vadiagem, a imoralidade e o vício.

Por outro lado, começaram a ser percebidas como práticas ultrapassadas, em função dos modernos valores urbanos e o aumento da diversidade de divertimentos na cidade, conseqüentemente, ocorrendo o desinteresse na sua fruição e respectiva redução da sua promoção, por parte da população urbana.

Este panorama, sobre as festas, está diretamente atrelado ao surgimento progressivo de uma concepção sobre lazer, que se consolida na década de setenta. *“Afirma-se uma tendência em conceber o lazer como sendo um estatuto que certas atividades, espaços, equipamentos e atitudes adquirem na medida em que respondam não somente às necessidades de descanso e de diversão do trabalhador mas, ao fazê-lo, implementem também valores e normas à organização de esferas e interesses sociais do mundo do trabalho, da política e da economia”*<sup>32</sup>.

Destaca-se a importância desta argumentação, porque nos dá subsídios para compreender, particularmente, as festas tradicionais, como práticas de lazer. Entende-se, assim, que estes são os motivos pelos quais, em um primeiro momento, as festas sofreram uma subtração

---

<sup>32</sup> Idem. p.10.

cultural, mas, também, em um segundo momento, são os motivos pelos quais elas ressurgem, ou se reafirmam no cenário urbano como práticas de lazer institucionalizadas, aparecendo os mais variados tipos de festas na vida urbana, quer sejam religiosas, étnicas e outras, preponderantemente a partir da década de setenta, no Sul do Brasil.

Tanto as festas tradicionais como outras reaparecem, são recriadas ou criadas no espaço urbano, como formas de lazer, organizadas institucionalmente por diversos setores sociais: Igrejas, grupos étnicos, administrações públicas, instituições sociais e privadas, com objetivos de responderem às diversas necessidades e interesses de caráter político, moral e econômico.

Em sua seqüência, a abordagem acima, explicitada por Denise Sant'Anna, considera que foi sobre este prisma que, no Brasil, os diversos setores sociais e os estudiosos "*erigiram um conceito de lazer que visava a tornar útil e valoroso o lúdico e o descanso a interesses mais diversos: à indústria da moda, aos meios de comunicação de massa, à disciplina do trabalho, aos objetivos governamentais, etc.*"<sup>33</sup>. Cumpre notar que, se de um lado o lazer era entendido como uma esfera e um tempo dissociado do trabalho e da política econômica, de outro, era necessário instrumentalizá-lo, de acordo com as finalidades sociais extrínsecas à gratuidade, a informalidade das brincadeiras e do lúdico.

Particularmente, em relação às festas tradicionais, de acordo com a autora<sup>34</sup>, entende-se que se encontrou também nelas, uma forma de administração e promoção do lúdico e do lazer. Portanto a informalidade, a gratuidade, a diversão e o descanso, que sempre foram características das festas, apresentam-se estreitamente associadas ao circuito de utilidade e consumo público.

---

<sup>33</sup> Idem. p.10.

<sup>34</sup> Idem. p.10 e p.22.

Especificamente, no Sul do Brasil, nas últimas três décadas, irrompeu uma proliferação de festas étnicas, surgindo como práticas institucionais, por iniciativa de administrações públicas, instituições sociais e comunidades, com objetivos de resgatar a cultura, o folclore e a tradição de povos imigrantes. Destarte, as festas próprias destes imigrantes, gradativamente, passaram a ceder lugar ou misturaram-se aos novos ventos da modernidade, constituindo-se em eventos de lazer e turismo<sup>35</sup>.

Por entender que as festas tradicionais urbanas são recriadas e reinventadas, entrelaçando passado e presente, remeteu-se aqui, à noção de **tradição inventada**, tal qual a formulou Eric Hobsbawm<sup>36</sup>, isto é, como *“um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente; uma continuidade em relação ao passado”*.

**O autor mostra que as tradições inventadas se constituem em reações a situações novas que se caracterizam como sendo formas de manifestações com referência a situações históricas anteriores, tanto quanto, aquelas em que se inventam e criam uma continuidade histórica.**

Com base neste referencial teórico, pode-se relatar que o surgimento de eventos culturais e outras práticas relacionadas a etnias específicas, não podem ser pensadas como práticas originais e autênticas, pois a cultura é um processo dinâmico de construções e reconstruções. O

---

<sup>35</sup> Veja o estudo de Rita de Cássia Amaral, que relata um grande número de festas que são realizadas atualmente na cidade de São Paulo, algumas recentes e outras bem antigas, desenvolvidas por diversos grupos étnicos, religiosos, e outros. Em Santa Catarina ver os dois estudos de Maria Bernardete Ramos, e no Paraná o trabalho de Maria Fernanda Maranhão. Estudos mais abrangentes, das diversas regiões do país, podem ser encontradas na imensa produção de folcloristas e os jornais que as registram.

<sup>36</sup> HOBBSAWN, Eric. Introdução. In: HOBBSAWN, E. & RANGER, T. **A Invenção das Tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984. p. 9.

próprio aparecimento de iniciativas e movimentos que defendem o resgate e restauração das tradições, indicam a ruptura da continuidade histórica ou o fato de que elas, deliberadamente, não são mais usadas ou ainda, de que não foram adaptadas e, por isso, constituem-se em *tradições inventadas*<sup>37</sup>. Com base no exposto, é possível afirmar que a grande maioria das festas étnicas no Brasil, constituem-se em “*tradições inventadas*”.

Nesta perspectiva, a organização institucional destas festas fez com que alguns aspectos, que sempre se registravam nos modos de expressão e da vida dos imigrantes e seus descendentes, passassem a ser investidos e valorizados, como: produtos alimentícios, ritmos musicais, formas e objetos decorativos, entre outros. Além disso, utilizam-se de costumes, produtos e objetos antigos e outros novos, que simbolizam os povos imigrantes, entrelaçando o passado e o presente.

Sob este prisma, Maria Bernardete Flores<sup>38</sup>, em seu estudo sobre as festas germânicas de Santa Catarina, descreve que a “*montagem destas festas foi realizada com as modernas tecnologias do lazer, num trabalho de ‘bricolage’, criando algo novo a partir de elementos pré-existentes. Trabalho de enquadramento de elementos novos e velhos para compor um cenário, onde se destacam as tradições, para que a festa seja apresentada e vivenciada como uma tradição,(...)*”.

De forma geral, muito do que fazia parte da tradição e cultura dos povos imigrantes e descendentes, quer sejam alemães, italianos, portugueses, entre outros, que era exclusivo destes grupos sociais específicos, antes desinvestidos pelos valores urbanos modernos, atualmente, são transformados em produtos e objetos acessíveis a todos aqueles que tenham tempo e dinheiro.

---

<sup>37</sup> HOBBSAWN, Eric. Introdução... Op. Cit. p. 15-16.

<sup>38</sup> FLORES, Maria Bernardete Ramos. *Oktoberfest: turismo, festa e cultura na Estação do Chopp. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1997. p.14.*

Atualmente, as festas tradicionais urbanas são utilizadas, na grande maioria das vezes, como um dos artifícios para atração de turistas, transformando-se estas festas em atividades de lazer mercantilizada. Desse modo, estas festas surgem como eventos que podem propiciar lazer às pessoas, mas, simultaneamente, tempo e espaço para o trabalho.

Segundo o estudo de Maria Bernardete Flores<sup>39</sup>, “*a tecnologia e a metodologia das festas germânicas tornaram-se um modelo de economia turística*”. Para ela, foi através destas festas, que o Estado de Santa Catarina empenhou-se para implantar o *Turismo Quatro Estações*, o qual é pontilhado de festas que se utilizam dos costumes locais, numa espécie de “bricolage”, para mercantilizá-los na forma de espetáculos ou produtos de consumo.

**Como podemos ver, as festas tradicionais são redefinidas de acordo com a influência dos novos padrões de cultura, decorrente dos valores do desenvolvimento urbano e das diversas transformações sociais, adquirindo significados e modos de expressão diferentes de outrora.**

São, portanto, transformados os códigos e os valores que as constituíam, para serem, também, transformadas em eventos e em atividades de lazer consumíveis por um público genérico, com formas diferentes de organizá-las e vivenciá-las, alterando todo um modo de percebê-las, em função, principalmente, de políticas públicas de lazer e turismo dos órgãos públicos municipais e estaduais.

É neste contexto, que estas festas receberam um novo brilho e novas composições, adquirindo espaços nos jornais e nas propagandas televisivas, aparecendo como novidade, e aí encontraram seu poder de atração e sedução. Isto fez com que estas propostas de lazer urbano

---

<sup>39</sup> FLORES, Maria Bernardete Ramos. *Oktoberfest...* Op. Cit. p.15.

adquirissem um grande interesse por parte das populações locais, ademais, dos turistas, talvez, de forma preponderante.

Estas considerações indicam que as festas étnicas, enquanto diretriz de políticas públicas de lazer, por parte dos órgãos estaduais e municipais, estão vinculadas ao lazer das pessoas, mas, talvez e, tão somente, pelo fato de serem atividades econômicas de lazer de grande importância.

Entendendo por **Políticas de Lazer** um conjunto de valores e de metas de uma sociedade com relação ao seu próprio bem-estar, dentro do chamado tempo disponível<sup>40</sup> e, especificamente, em relação às festas, percebe-se que seus organizadores têm como meta a política de ordenação de espaços, pois a estrutura física é ampliada e estruturada com novos equipamentos e com atraentes decorações. Outrossim, cada vez mais, se preocupam em oferecer maior diversidade de conteúdos, propiciando maiores alternativas de lazer.

Estes aspectos embasam e dão legitimidade a uma política de lazer<sup>41</sup>, relacionada ao tempo disponível de uma população. Entretanto, como se observou anteriormente, também pode se apresentar associada a outros valores e, no que se refere, especificamente, ao lazer das pessoas, que, muitas vezes, fica em segundo plano.

Finalizando esta parte, recorre-se, novamente, a Maria Bernardete Flores<sup>42</sup> que sintetizou o significado da *Oktoberfest* Catarinense com termos muito próximos àqueles que devam ser aplicados à *Oktoberfest* de Marechal Cândido Rondon, para quem, “estas festas são,

---

<sup>40</sup> CAMARGO, Luis O. de L. Política de Lazer. In: **Revista Estudo do Lazer**. São Paulo: SESC, nº.01, OUT. 1985.

<sup>41</sup> REQUIXA, Renato. **Sugestão de Diretrizes para uma Política Nacional de Lazer**. São Paulo: SESC, (Série Lazer, 2), 1980. Para o autor, Políticas de Lazer não são função exclusiva do poder público, mas sim de toda sua população, e deve estar embasada em três aspectos, que são: uma política de ordenação dos espaços; uma política de reordenação dos tempos; e uma política de animação sócio-cultural nos equipamentos de lazer.p.99.

<sup>42</sup> FLORES, Maria B. R. **Oktoberfest:...**Op. Cit. p. 50.

*portanto, criações que re-criam, restauram, juntam outras criações culturais*". Para a autora, o termo "*restauração cultural*" é mais apropriado do que "*resgate cultural*", pois lida com algo que tem a dimensão do tempo. Ou seja, tempos são construídos e entendidos numa organização temporal atual em que a produção material e simbólica restauradas, através da invenção de tradições em uma sociedade, não têm as mesmas funções e significados de outrora, porque se compõem de outros materiais, de outros fatos, de outros personagens. Por conseguinte, exercem outras funções e remetem a outros significados.

Por tudo isso, é que se pode falar que, no mundo atual, eventos culturais, festas, arquitetura e outros similares que buscam entrelaçar passado e presente, no sentido de restauração cultural de tradições e costumes, conferem à cultura do passado outros significados e outras funções.

Entretanto vale salientar aqui, que ainda hoje, existem, em determinadas cidades do Sul do Brasil, principalmente, naquelas não afetadas totalmente pelo processo de urbanização e industrialização e nas áreas predominantemente rurais, locais onde as festas são práticas associadas a vida destas comunidades. Exemplo disto, é o estudo recente de Elizara Marin<sup>43</sup>, **O lúdico na Vida:** colonas de Vale Vêneto, mostrando-nos que a manifestação festiva nesta comunidade "*sintetiza a totalidade da vida da comunidade*". A autora argumenta que as festas na vida dessas colonas, "*antes de marcarem ruptura com a existência diária, expressam uma continuidade entre o tempo do trabalho e o tempo da festa e, uma continuidade entre o familiar e o comunitário, entre sagrado e o profano, entre o trabalho e a diversão, entre o 'tradicional' e o 'moderno'*".

---

<sup>43</sup> MARIN, Elizara C. **O lúdico na vida:** Colonas de Vale Venêto...Op. Cit. p.128.

Também, assim, ainda, hoje, continuam a existir as festas no município de Marechal Cândido Rondon, como formas de incorporá-las, vivenciá-las e organizá-las relacionadas à cultura e tradição da comunidade teuto-rondonense, ligadas ao tempo de não trabalho, mas não, necessariamente, ligadas ao trabalho e à esfera política econômica. Exemplo disso, são os bailes, festas religiosas, e as *Pré-Oktoberfests* desenvolvidas nos distritos do Município e, no espaço urbano, aquelas desenvolvidas pelas Associações de Idosos.

Este panorama, delineado até o momento, é de grande importância, no sentido de mostrar que, preponderantemente, na década de setenta, no Brasil, de forma mais ampla e acelerada, o lazer e seus diversos conteúdos culturais e espaços, adquiriram uma gama diversificada de funções. Como afirma Denise Sant'Anna<sup>44</sup>, buscou-se “*produzir um lazer ideal capaz de responder às exigências de inúmeras funções sociais*”, ou em outra ocasião “*a construção de um lazer que promete muito mais do que simplesmente descanso e ludicidade,(...)*”. Especificamente, no que se refere às festas, entendemos que estas ressurgem no cenário urbano como formas de lazer institucionalizado, com a responsabilidade de responderem a inúmeras funções sociais, culturais e políticas.

A utilidade e as diversas funções que essas festas adquirem a partir desta época, são os motivos principais, pelos quais as administrações públicas municipais e outros segmentos sociais, começam a intensificar seus interesses e investimentos, de forma mais organizada e, freqüentemente, no planejamento, organização e desenvolvimento de festas urbanas.

É neste contexto, que as festas étnicas surgem para a sociedade organizada com objetivos pedagógicos explícitos como: resgatar a cultura e o folclore; usar o tempo lazer com atividades culturais; promover o lazer e o turismo.

---

<sup>44</sup> SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. **O Prazer Justificado...** Op. Cit. p.11.

Nesse sentido, é interessante notar que as notícias nos jornais, relacionados às festas étnicas, apareceram e aparecem com intuito de divulgá-las, mas, igualmente, como forma de destacar os seus significados e funções, atentando para o fato de que elas não só servem de diversão e evasão, mas, também, como cultura e possibilidades de comercialização.

De modo geral, a grande maioria dos estudos recentes sobre festas buscam refletir sobre os seus valores. Alguns apontam para uma gama diversificada de funções que as festas alcançam, enquanto que outros, concluem o contrário. Entretanto todos eles concordam que as festas mantêm estreitas relações com o mundo do trabalho e seus interesses.

Com relação aos valores, ficou muito evidente no texto de Rita de Cássia Amaral<sup>45</sup>, quando esta escreve que, para um grande número de diferentes autores, as festas têm a função de negar ou afirmar valores sociais. Numa cidade heterogênea como São Paulo, as festas têm muitos outros sentidos:

*“mais que mera ‘válvula de escape’, mais que ser ‘contra’ ou ‘a favor’ da sociedade tal como se encontra organizada, podem também ser o modo próprio de expressão de um dado grupo ou mesmo seu instrumento político, uma vez que boa parte mobiliza grande contingente de pessoas e recursos com finalidades assistenciais, no sentido de cumprir um papel de apoio a seus membros ou de outros grupos, que terminam gerando uma consciência política que dá origem a associações, como as de bairro ou leigos na igreja, por exemplo”.*

Enquanto isso Hermano Vianna<sup>46</sup>, em o **Mundo Funk Carioca**, após análise de autores de diversas tendências e procedências, demonstra a festa como produção de alguma coisa, dando a idéia de que a *“festa serve para tudo”*, o que é colocado inclusive, por grupos sociais ao festejar. Chama a atenção para o fato de que um baile ou uma festa pode não ser nada disso, quando diz: *“mas a festa pode ser apenas uma festa, pura diversão, sem qualquer outra ‘utilidade’ além de divertir”*.

<sup>45</sup> AMARAL, Rita de Cássia. Cidade em Festa... Op. Cit. p. 258.

<sup>46</sup> VIANNA, Hermano. **O Mundo Funk Carioca**. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1997. p. 68.

O autor<sup>47</sup> conclui, em seu estudo, que os bailes *funks*, realizados no Rio de Janeiro, conseguem a fidelidade do seu público, justamente porque são efêmeros, porque nada se produz, tudo é puro gasto, são vivências do aqui e agora, realizados na alegria, na animação e no conflito.

Na mesma linha de pensamento, Olga Von Simson<sup>48</sup>, conceituando atividades festivas em seus estudos, engloba festas profanas, religiosas e outras, dizendo que estas podem pertencer ou não ao viver cotidiano, mas que encerram, entretanto, um conteúdo de reunião e conagração dos indivíduos que delas participam sem nenhum objetivo produtivo, buscando estarem juntos para se divertir.

Após estas considerações faz-se necessário destacar o que diz Roberto Da Matta<sup>49</sup> sobre as festas, enquanto categoria sociológica, quando diz que: *“pretende dar conta daquilo que uma sociedade pensa e assim institui como seu código de valores e de idéias; sua cosmologia e seu sistema classificatório; e também para traduzir aquilo que a sociedade vive e faz concretamente - o seu sistema de ação que é referido e embebido nos seus valores”*.

Neste sentido, a festa não é uma atividade isolada e nem pertence a uma esfera de ação humana. Ela mantém relações com o todo da vida social e pode inserir outras esferas de atuação humana, que tanto podem inibir, como desenvolver a vivência festiva. Desse modo, a festa pode representar lazer, trabalho, obrigação social ou política. É necessário entender que estas áreas de atuação do homem na festa, apresentam-se relacionadas, podendo, assim, apresentarem-se associadas, diferenciadas, mas, também antagônicas.

---

<sup>47</sup> VIANNA, Hermano. *O Mundo Funk Carioca...* Op. Cit. pp.99-110.

<sup>48</sup> VON SIMPSON, Olga R.. Transformações Culturais, Criatividade Popular e Criação de Massa: O carnaval brasileiro ao longo do tempo. In: ANPOCS/CNPq. *Ciências Sociais, Hoje Trabalho e Cultura*. 1981 p. 303.

<sup>49</sup> DA MATTA, Roberto. *Carnavais, Malandros e Heróis: Para uma sociologia do dilema brasileiro*. 5 ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1990. p. 15.

Rita de Cássia Amaral<sup>50</sup>, em suas reflexões sobre os estudos de Mauss, conceitua a festa como *“fato social total”*, considerando que a festa *“engloba as esferas de sentido, transcendência, política, lazer, estética, tradição, trabalho, etc. Em alguns casos pode ser também uma forma de resistência sob a aparência de alienação”*.

Vê-se então, a festa, observada no sentido de espaço e momento que possibilita a vivência do lazer. Passa-se, agora, a discutir os fundamentos teóricos, diretamente relacionados à festa, enquanto conteúdo cultural de lazer, sintetizado na definição de Nelson Carvalho Marcellino que serve de referência para este estudo. O lazer entendido como *“a cultura – compreendida no seu sentido mais amplo – vivenciada (praticada ou fruída) no ‘tempo disponível’*. O autor propõe esta concepção, a partir de um entendimento dialetizado dos aspectos tempo e atitude voluntária dos sujeitos atores, tendo como traço definidor, *“o caráter desinteressado dessa vivência”<sup>51</sup>*.

Neste sentido, a festa apresenta-se como um conteúdo cultural do lazer que oferece, tanto para as pessoas em geral, quanto para as comunidades específicas, uma opção pessoal de lazer, decorrente de uma atitude favorável e disponibilidade de tempo para a participação. Ademais, na festa, o público pode selecionar as atividades que quer fazer, com quem quer se relacionar e de que forma quer se expressar, participando dela, pelos sentimentos de prazer e satisfação, sem ter em vista, a princípio, algum resultado ou objetivo, num tempo e atitude que não estejam vinculadas às obrigações sociais, políticas e do trabalho.

---

<sup>50</sup> AMARAL, Rita de Cássia. *Cidade em Festa...* Op. Cit. p. 262.

<sup>51</sup> MARCELLINO, Nelson C. *Lazer e Educação...* Op. Cit. p.31.

Considerando os conteúdos culturais do lazer, Joffre Dumazedier<sup>52</sup> propõe uma classificação baseada em áreas de interesse, que são “*os interesses físicos, os manuais, os artísticos, os intelectuais, os sociais, e os turísticos*”<sup>53</sup>.

Nessa perspectiva, a festa, enquanto conteúdo do lazer, corresponderia à categoria “social”, predominantemente, pela possibilidade que tem em satisfazer os interesses sociais, isto é, a vivência de contatos face a face, o estabelecimento de vínculos afetivos e uma série de outras formas de relacionamento social que podem ser gerados em uma festa.

Entretanto Nelson Carvalho Marcellino<sup>54</sup>, em uma análise minuciosa em seus estudos sobre este assunto, conclui que uma distinção de conteúdos em áreas de interesse, só pode ser estabelecida de forma subjetiva e, em termos de predominância, considerando que, na prática, eles compõem um todo interligado.

Especificamente, em relação à festa, observa-se que as pessoas podem participar dela, buscando, principalmente, a satisfação dos interesses sociais. De outra forma, satisfazendo seus interesses físico-esportivos, por exemplo, através da dança, jogos, competições. Podem ainda, buscar a satisfação pelos interesses artísticos que a festa propõe, como por exemplo, a apreciação de apresentações e exposições de diversos tipos, bem como, a gastronomia que a festa oferece. Portanto, uma festa pode proporcionar a satisfação de um ou vários conteúdos de interesses culturais para uma pessoa, concomitantemente, ou em momentos diferentes, destarte, muitas vezes, podem se fundir. Tudo isso vai depender do tipo de festa, do que esta proporciona e,

---

<sup>52</sup> DUMAZEDIER, Joffre. Valores e conteúdos Culturais do Lazer... Op. Cit. p.110.

<sup>53</sup> O interesse turístico é incluído entre estes interesse culturais por: CAMARGO, Luís O. de L. **O que é Lazer...** Op. Cit. p.18.

<sup>54</sup> MARCELLINO analisa profundamente os interesses culturais do lazer em Lazer e Humanização, pp. 39-44, e Lazer e Educação pp. 121-123.

predominantemente, da escolha pessoal em optar ou não por esta atividade em seu tempo disponível, em torno de um e/ou de outros interesses, de forma simultânea ou não.

Sob este prisma, o mesmo autor<sup>55</sup> chama a atenção: *“considero importante que as atividades de lazer procurem atender as pessoas no seu todo”*. Dessa forma, é fundamental que as atividades de lazer proporcionem às pessoas, variados e diferentes conteúdos culturais, estimulando a participação e o mínimo de conhecimento necessário para a realização, possibilitando a satisfação dos vários interesses humanos. Em outra direção, afirma que *“o ideal seria que cada pessoa desenvolvesse sua ação, no tempo disponível abrangendo os cinco grupos de interesses, ou seja, exercitando o corpo, a imaginação, o raciocínio, a habilidade manual e o relacionamento social”*.

Nesta perspectiva, seria de fundamental importância que a organização de festa envolvesse diferentes e variadas atividades, no sentido de proporcionar satisfação aos vários interesses sociais e culturais, estimulando uma maior participação e o conhecimento de novas alternativas de lazer que esta atividade pode oferecer.

No entanto não apenas os conteúdos culturais devem ser verificados no lazer, embora sejam fundamentais, mas, igualmente, no mesmo patamar de importância, deve-se considerar a forma como essa participação se processa, ou seja, se a atividade de lazer é vivenciada no nível conformista, crítico e criativo e que, principalmente, a vivência supere cada um destes níveis<sup>56</sup>.

Particularmente, uma festa que se caracteriza como evento de massa, apresenta-se uniforme, coletiva e de consumo, quer pelas atividades que proporciona, quer pela variedade de produtos que são consumidos e a quantidade de pessoas que envolve. Neste sentido, existem

---

<sup>55</sup> MARCELLINO, Lazer e Humanização. Campinas: Papirus, 1983. pp.43-44.

<sup>56</sup> A Teoria Sociológica da Decisão, classifica esses níveis em *“elementar ou conformista, médio ou crítico e superior ou inventivo”*. (DUMAZEDIER, Jofre. **Valores e conteúdos Culturais do Lazer...** Op. Cit. pp. 72-73.)

maiores probabilidades desta festa caracterizar-se como uma prática conformista. Isto, porque, muitas vezes, a opção pessoal pela atividade é guiada pelo gosto da maioria da população e pelos meios de comunicação de massa, em função do caráter de “modismo” e por concentrar um número muito grande de pessoas. Também, assim, os seus conteúdos podem ser vivenciados pelos participantes com atitudes conformistas e de resignação, igualmente, como fuga da realidade social, destarte, muitas vezes, de forma alienante no consumo de bens simbólicos e materiais. Ou, em outra direção, pode ser uma opção pessoal, onde não predomine a influência social, na busca da satisfação dos interesses do lazer, vivenciando os conteúdos de forma festeira, criativa e crítica, gerando diferentes criações nas expressões e novas atividades. Outrossim, os participantes refletem, analisam, manifestam questionamentos e contestações sobre a festa e a vida como um todo, como também, manifestam formas reivindicatórias em maiores oportunidades e condições, para participar de um evento festivo.

A festa é uma atividade social de lazer, pela realização das atividades, de uma maneira em geral, serem exercidas de forma conjunta com outras pessoas, permitindo o contato direto entre indivíduos, social e geograficamente, próximos ou distantes, pertencentes a grupos sociais distintos ou similares. Representa assim, uma possibilidade das pessoas se divertirem, descansarem e se desenvolverem pessoal e socialmente, fruindo, assim, dos valores do lazer<sup>57</sup>.

Nelson Carvalho Marcellino<sup>58</sup> tecendo considerações sobre os valores do lazer, na sociedade atual, ressalta a necessidade de reconhecer a visão do lazer como: válvula de escape da realidade social; a sua associação ao consumo puro e simples; o repouso e o divertimento na perspectiva funcionalista. Da mesma forma, é preciso reconhecer as possibilidades que este mesmo

---

<sup>57</sup> Praticamente todos os autores, ligados ao estudo do lazer, reconhecem como sendo estes os valores do lazer, embora apresentem diferença de enfoques.

<sup>58</sup> MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Pedagogia da Animação...** Op. Cit. p.35.

lazer oferece para o descanso e para o divertimento pelo prazer e pela satisfação, com o fim em si mesmo e, da mesma maneira, para o desenvolvimento pessoal e social do indivíduo.

Os desenvolvimentos pessoal e social se evidenciam nas oportunidades de lazer que propiciam o *“contato face a face, o aguçamento da sensibilidade, e uma variada gama de informações que o seu exercício enseja”*<sup>59</sup>. Outrossim, quando o lazer possibilita uma participação mais efetiva, com informações e a iniciação dos vários conteúdos e, nos dois âmbitos, o lazer pode ser exercido de forma crítica e criativa, gerando estes valores, conseqüentemente, maior importância desta esfera humana.

A consideração do lazer, desta forma, reafirma e comprova as análises minuciosas de Renato Requiá<sup>60</sup>, com relação ao *“duplo aspecto educativo do lazer: como veículo de educação, isto é, a educação através das atividades de lazer; e, como objeto de educação, isto é, a educação para o lazer”*.

Partindo das considerações acima, pode-se afirmar que a participação em uma festa étnica, particularmente, pode oportunizar a vivência dos valores do lazer, como: o descanso, o divertimento, e o desenvolvimento pessoal e social; mas, também, de catarse, os de consumo; outrossim, a afirmação de identidades étnicas e grupais e ainda, a inversão ou legitimação da ordem social, cultural e do cotidiano, dentre outros, constituindo-se em valores, que fazem parte de um todo mais amplo: o plano cultural<sup>61</sup>.

Sob este ângulo, a participação em uma festa étnica, pode se dar em torno dos valores apenas de diversão, higiene mental, distração, entretenimento, em uma perspectiva “funcionalista”,

---

<sup>59</sup> MARCELLINO, Nelson Carvalho. *Lazer e Educação...* Op. Cit. pp.57-93, fundamentado, principalmente, no estudo de Renato Requiá, embora praticamente todos os autores, ligados ao lazer, reconhecem o duplo aspecto educativo do lazer.

<sup>60</sup> Ver: REQUIA, Renato. *Sugestão de Diretrizes...* Op. Cit. pp.52-59.

<sup>61</sup> MARCELLINO, Nelson Carvalho. *Lazer e educação...* Op. Cit. p. 151.

servindo como recurso para aliviar, melhorar e suportar a vida cotidiana, mediante as características da vida habitual, minimizando os problemas pessoais e sociais. Por outro lado, estes valores podem ser norteados, simplesmente, pelo ato de festejar o aqui e agora, na animação, no prazer das pessoas se expressarem livremente, através da reunião e conagração com outras .

Especificamente, no que se refere às festas étnicas de massa, vale salientar aqui, a abordagem de Nelson Carvalho Marcellino<sup>62</sup> sobre eventos esportivos de massa, onde os participantes assumem atitudes que se caracterizam pela evasão e paixão. *“Ora, as atividades de lazer têm entre suas funções o divertimento, a recreação, a busca do prazer e se os espetáculos esportivos de massa atraem tanto público – que se comporta de maneira tão apaixonada, certamente não será apenas devido aos apelos da ‘indústria do espetáculo’”*.

Nesta direção, ampliando as dimensões de um evento de massa, especificamente, em relação às festas, parece-nos que podem, também, proporcionar o desenvolvimento pessoal e social, embora não de forma preponderante, mas, por estas vivências proporcionarem várias alternativas de convivência social, colocando-se em contato com o outro, anseios e valores, através de trocas de informações e conhecimentos em torno da festa, da vida, nas esferas pessoal e social. E pela oportunidade que as pessoas têm de poder livremente imaginar, analisar e refletir sobre si mesmas, em relação às outras pessoas e à festa, implicados nos sentidos que sugerem a tentativa de descobrir como na realidade se expressam e se apresentam. Assim, evidencia-se o lazer como *“veículo de educação”*.

Com base nas considerações efetuadas até o momento, sobre a festa como conteúdo cultural de lazer, é importante destacar a síntese que Nelson Carvalho Marcellino<sup>63</sup> faz sobre o

---

<sup>62</sup> MARCELLINO, Lazer e Humanização. P. 46.

<sup>63</sup> MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Pedagogia da Animação...** Op. Cit. p44.

assunto, de acordo com a estrutura da sociedade em que vivemos, que se julga estar muito presente, atualmente, nas manifestações festivas. Ele diz que:

*“Apesar de todas as tentativas de operacionalização do lazer, para recuperação da força de trabalho, ou como simples espaço de tempo para o consumo, ou como forma deturpada de “circo”— da expressão ‘pão e circo’— ainda sobram ‘brechas’ para a manifestação do lúdico, em conteúdo e forma. A sedução que o lúdico exerce, suas possibilidades de denúncia da realidade, fazem com que os valores do lazer possam desempenhar um papel de subversão”.*

Dando seqüência ao que foi visto até agora, mas em outra direção, aborda-se a dinâmica interna da festa, apontando para os elementos que a constituem. E, destes parâmetros, verificar-se-á a dança, por ser um dos principais conteúdos de lazer de uma festa.

No que diz respeito às características da festa, adotam-se as definidas por Jorge Ribeiro Júnior<sup>64</sup>, em a **Festa do Povo: pedagogia de resistência**, embora não concordando com uma visão tão política da festa, enquanto manifestação de luta e resistência de um povo, que pudemos depreender da leitura daquele estudo. Este autor distingue cinco elementos que regem a dinâmica interna da festa: *“o conflito, o contraste, a gratuidade, a utopia, e a expressividade”*. Ao nosso ver, a definição destes componentes para caracterizar a festa é mais adequada, porque os situa de forma dialetizada, obedecendo a lógica interna da festa, articulada à lógica geral da sociedade. O que não poderia ser diferente, conforme considerações anteriores neste estudo, pois um conteúdo cultural compõe um todo interligado. Assim, a análise específica desta abordagem neste estudo, efetuar-se-á para melhor compreensão sobre a festa como um todo.

No que diz respeito ao *“conflito”*, segundo o autor, este pode expressar-se na festa decorrente de quatro níveis de conflitividade que são: *“aquele que se faz presente no cotidiano popular; no assalto sofrido pelo arbitrário cultural dominado por parte do arbitrário dominante;*

---

<sup>64</sup> RIBEIRO JÚNIOR, Jorge Cláudio Noel. **A Festa do Povo: Pedagogia de Resistência**. Petrópolis: Vozes, 1982. pp.45-57.

*na tentativa de legitimação ritual da Ordem dominante que procura organizar, homogeneizar, branquear a festa; na inversão ritual das relações do cotidiano popular, o que pode transformar a festa num momento de relativa licença”<sup>65</sup>.*

Entende-se, assim, que os conflitos, em uma festa, podem decorrer: por problemas familiares, sociais, econômicos, entre outros, presentes no cotidiano do indivíduo; da passagem de festa-do-povo para festa-para-o-povo no que se refere à participação popular no planejamento, organização, desenvolvimento e, também, da expropriação cultural que, muitas vezes, elas sofrem; em função da normatização de festas, fazendo com que a população precise se adequar às normas e regras oriundas da cultura dominante; pelo domínio no maior controle de uma festa, entre diferentes autoridades que se envolvem, quer sejam religiosas, públicas, civis e os especialistas da festa; o fato dela ser um momento de relativa licença, pode gerar conflitos em torno de valores morais dominantes, decorrentes da inversão dos papéis cotidianos e, muitas vezes, com manifestações de condutas, consideradas imorais e indecentes, pelos padrões estabelecidos socialmente. São apenas alguns aspectos que podem conflitar com a vivência lúdica e criativa em uma festa.

O autor destaca a importância do conflito em uma festa, no sentido de ser uma possibilidade do povo romper com a dominação, tornando-a um momento de contraste, de alteridade. Caso contrário, a festa pode caracterizar-se vazia, acanhada, autoconsumista e de catarse acentuada. Ele a resume nas seguintes palavras: *“o conflito age no sentido de produzir maior fechamento ou alargamento da festa em direção do todo da vida do povo”<sup>66</sup>.*

---

<sup>65</sup> RIBEIRO JÚNIOR, Jorge Cláudio Noel. *A Festa do Povo...* Op. Cit. pp.45-46.

<sup>66</sup> Idem. p.48.

Para se entender “*o contraste*”, segundo o autor, é só olhar para o cotidiano popular para ver o contraste que representa uma festa, pois nela, verificam-se a ampliação do consumo de bebida, de comida e nas formas de celebrações. Assim, a festa é um contraste de excesso e de liberdade frente à vida habitual normatizada, regulada e, para muitos, carente e oprimida. Neste sentido, diz o autor: “*a linguagem da festa contrasta com a linguagem econômico-racional que impõe o silêncio do povo*. Observa ainda: “*quanto mais lúdica e expressiva for uma festa, mais contraste ela terá com o cotidiano fatigado, reprimido*”<sup>67</sup>.

O autor aborda o componente contraste, fundamentado em Roberto Da Matta, que conceitua o carnaval como um ritual de inversão. Além disso, este último destaca que, no carnaval, o contraste e a inversão são mais significativos, por ser (naquela época) uma festa sem dono, em relação aos outros rituais brasileiros – parada militar do Dia da Pátria e a procissão da Semana Santa<sup>68</sup>. Com base nisso, parece que festas decorrentes da iniciativa popular, possibilitam que o contraste se torne mais expressivo.

Jorge Ribeiro Júnior aborda o componente contraste, diretamente relacionado à inversão do ritual. Acrescenta-se que é necessário reconhecer o contraste, quando uma festa envolve rituais de reforço, como, por exemplo, o destaque e a afirmação dos papéis hierárquicos e nos cenários culturais simbólicos de representação de comunidades específicas proporcionadas, geralmente, por festas étnicas e religiosas.

Com relação ao elemento “*gratuidade*”, considera como a principal característica da vivência festiva, “*a essência da festividade popular*”<sup>69</sup>. Para Jorge Ribeiro Júnior, é a gratuidade que rege o encontro das pessoas em uma festa, pela espontaneidade e liberdade que é doada,

---

<sup>67</sup> Idem. pp.48-50.

<sup>68</sup> Idem. pp.49-50.

<sup>69</sup> Idem. pp.51-54.

acolhida e criativa em suas relações de forma pacífica e globalizante, estando elas desarmadas de fins e objetivos<sup>70</sup>.

Desta forma, afirma que: *“a gratuidade vivencia aqui/agora aquelas coisas pelas quais se espera, deixando fluir a Utopia”*. Tudo isto por ser a festa uma forma de celebração; o celebrar não consiste numa atividade produtiva, tem fim em si mesma. Por isso, esta vivência é gratuita, pois *“o ápice da festa não pode ser pro-duzido, mas somente in-vocado, não dependendo diretamente da organização dos preparativos, mas brotando quando menos se espera”*<sup>71</sup>.

De acordo com a abordagem acima, fica claro que a gratuidade não está vinculada ao consumo na festa ou à possibilidade de participação gratuita, mas, sim, à espontaneidade e à liberdade, expressas pelo ser humano em suas relações sociais, percebendo-se, mutuamente, como pessoas, na totalidade da vivência festiva, com o princípio básico de celebrar. Situação esta muito mais complexa em manifestar-se no tempo de rotina, porque a vida do homem e suas relações sociais estão impregnadas por valores funcionalistas de comércio, de produtividade e do lucro.

**É com base, no acima exposto, que se pode falar que festa só é festa, quando se realiza na animação, que caracteriza o ato de festejar o aqui e agora, o prazer nas relações de estar junto com o outro e de expressar-se livremente. E por isto, reforçamos que a festa é uma celebração do gratuito, da espontaneidade e da liberdade.**

Já, a *“utopia”*, como componente da festa, caracteriza-se na medida em que ela é capaz de apontar na direção de esperança por um mundo melhor. O autor, fundamentado em Harvey Cox<sup>72</sup>, escreve que a fantasia é uma forma de pensamento utópico, vivenciada pelas

---

<sup>70</sup> Idem. p.52.

<sup>71</sup> Idem. pp. 52-53.

<sup>72</sup> COX, Harvey. A Festa dos Foliões. Petrópolis: Vozes, 1974.

peessoas, a qual estimula a busca de novas formas de convivência pessoal e ações, sem se deterem em perguntar se as transformações são “possíveis”. Para esses autores, a fantasia não é mera imaginação, devaneio, mas, sim, pensamentos que enfocam esperanças de situações alternativas de vida. Ou seja, *“a Utopia se compõe com uma linguagem e simbologia suficientemente expressiva para ampliar-se a toda pólis motivando ações novas. Se a festa do povo também tiver estes elementos, ela será um poderoso veículo da Utopia”*<sup>73</sup>.

Desta forma, não, exclusivamente, no domínio da festa, mas é nela que existe maior possibilidade de conceder à fantasia toda sua espontaneidade, dimensionando esperanças na visualização ou busca da possibilidade do “vir a ser” de situações de vida alternativa ou nova, principalmente, àqueles que se encontram restringidos ou excluídos dos benefícios de uma sociedade.

No que diz respeito à “expressividade”, Jorge Ribeiro Júnior<sup>74</sup> considera que *“as formas expressivas desenvolvidas na festa do povo compõem uma linguagem-em-ação”*, isto é, a totalidade de ser. Aponta que, *“a linguagem festiva apresenta uma morfologia peculiar. Trata-se antes de tudo de uma linguagem do corpo, este corpo que é o ‘documento de identidade do povo’, timbrado pela violência cotidiana. Todavia, marcando forte contraste, o corpo-em-festa diz excesso, prazer, sociabilidade, plenitude do aqui/agora”* (grifo nosso).

Em uma visão ampla, destaca ainda que *“a linguagem da festa é multiplicidade”*, porque, nela, misturam-se manifestações religiosas, profanas, eróticas, artísticas e políticas. Se esta diversidade e variedade produz um princípio de unidade e de integração, ao mesmo tempo, gera também tensões e conflitos<sup>75</sup>.

---

<sup>73</sup> Idem. pp. 54-55.

<sup>74</sup> Idem. p.55.

<sup>75</sup> Idem. p.55.

E, em uma visão específica, Jorge Ribeiro Júnior considera que a expressividade das pessoas na festa, manifesta-se mais intensamente, através do canto, **da dança**, das roupas fantasiadas e, pode-se acrescentar, nas suas relações sociais. Neste sentido, diz o autor, que ela é sobretudo social, criadora de igualdade, pois o canto manifesta a fala grupal, cheia de alegria e poesia, em contraste com a comunicação cotidiana que se caracteriza formal e, muitas vezes, restringida. *“A dança é uma forma de estar-junto, ela rompe com a individuação de um corpo produtivo para dotar de manifestação interjetiva um corpo total”*, rompendo-se, assim, momentaneamente, os movimentos automatizados, retilíneos, funcionais e solitários da vida habitual<sup>76</sup>.

Com base neste referencial, pode-se concluir que **a expressividade na festa é lúdica, e expressa-se, principalmente, no canto e na dança, constituindo uma fala conjunta, alegre e coletiva, caracterizando-se numa manifestação concreta e total do corpo.**

Neste contexto, Maurice Béjart<sup>77</sup>, ao falar sobre dança profana, diz que: *“O homem faz parte de um dado grupo étnico, social, cultural. E tem necessidade de se sentir fazendo parte integralmente deste grupo: de estar em relação com os outros. Muito mais do que as leis, os costumes, o traje e a linguagem, é o gesto que vai dar existência a essa união”*.

Nesta linha de pensamento, Roger Garaudy<sup>78</sup>, ao analisar a história da dança, esclarece que esta foi para todos os povos, em todos os tempos, *“a expressão, através de movimentos do corpo organizados em seqüências significativas, de experiências que transcendem o poder das palavras e da mimica”*.

<sup>76</sup> Idem. p. 57.

<sup>77</sup> BÉJART, MAURICE. Prefácio. In: GARAUDY, Roger. **Dançar a Vida**. Campinas: UNICAMP/ Nova Fronteira, 1980. p.8

<sup>78</sup> GARAUDY, Roger. **Dançar a Vida...** Op. Cit. p.13.

E sob outra perspectiva de estudo da dança, complementa, dizendo que aquele que sabe compreender a dança sagrada, liberta-se da ilusão individualista, pois a dança é sua própria natureza, sua vida espontânea e total, para além de todos os fins particulares e limitados: ele se identifica com o movimento rítmico do todo que o habita<sup>79</sup>. Assim a dança *“se afirma e se constitui a unidade do homem e de seu meio, do indivíduo e do grupo, (...)”*<sup>80</sup>.

Isto explica os significados que a dança assume **enquanto linguagem festiva**<sup>81</sup>, representando valores e princípios referentes ao contexto sócio-cultural, no qual as pessoas estão inseridas. Assim, **entender a dança como manifestação cultural de lazer, implica em pensar a cultura como organizadora dos significados e construtora das representações sociais, portanto, numa visão conjunta.**

Dando seqüência à abordagem da característica expressividade, Jorge Ribeiro Júnior discute, também, a *“vivência erótica e os comportamentos anti-sociais”* que se manifestam na festa, como integrados a este componente. Entretanto entende-se que a vivência erótica está, também, relacionada ao contraste, à gratuidade e à utopia, enquanto os comportamentos anti-sociais, aos elementos: conflito e o contraste. Portanto estes dois aspectos evidenciam-se na festa em função da maioria dos componentes da mesma, bem como, da estrutura social, cultural e cotidiana.

Ao analisar a *“vivência erótica”* na festa, o autor toma como ponto de partida o que diz Enrique Dussel<sup>82</sup>: *“o desejo sexual normal floresce quando o outro é tratado como outro,*

---

<sup>79</sup>Idem. p.16.

<sup>80</sup>Idem. p.20.

<sup>81</sup>Entende-se por comunicação de alegria com outras pessoas. Maurice Béjart na obra de Roger Garaudy, ao descrever sobre a dança sagrada coloca: *“O que o homem busca, para além da compreensão, é a comunicação. A dança nasce dessa necessidade de dizer o indizível, de conhecer o desconhecido, de estar em relação com o outro”*.( BÉJART, Maurice. Prefácio. In: GARAUDY, Roger. **Dançar a Vida...** Op. Cit. p.8.)

<sup>82</sup> RIBEIRO JUNIOR, Jorge Cláudio Noel. **A Festa do Povo...** Op. Cit. p.56. DUSSEL, Enrique. *Filosofia Ética Latinoamericana*. México: Edicol, 1977.

*num clima de realização e abertura*". Este estado de ser e de considerar o próximo no ambiente social da festa, faz as pessoas perceberem-se mutuamente em sua sexualidade, para além dos papéis e relações afetivas rotineiras. Além disso, a festa é um momento que possibilita às pessoas exibirem as suas sensualidades, afirmando a feminilidade ou a masculinidade.

Com base no acima exposto, compreende-se porque as manifestações festivas possibilitam de forma mais abrangente, embora não exclusiva, as experiências afetivas, sensuais, eróticas e sexuais. O clima de "festa", que é proporcionado, principalmente, pelo componente lúdico da cultura e consumo de bebidas alcoólicas, faz com que as formas de relacionamentos sejam mais expressivas e espontâneas. Do mesmo modo, possibilita um maior abrandamento dos valores morais, familiares e sociais e, tanto um como outro, fazem com que ocorra maior liberdade e autonomia, frente aos relacionamentos afetivos e sexuais, superando a forma habitual de conquista entre as pessoas.

Jorge Ribeiro Júnior considera, também, que, em virtude da festa suspender, momentaneamente, o controle familiar e o social, faz com que ela possa servir de pretexto para *"comportamentos anti-sociais"*. Nesta direção, diz: *"a relativa licença nas festas pode conduzir a uma deformação 'auto-erótica', na expressão de Dussel. O auto-erotismo é o fechamento narcisista frente ao outro"*. E, na seqüência da abordagem, conclui que: *"para o povo, o desvio auto-erótico se traduz numa relação reflexa e mimética com a vida, de resto, antierótica porque violentada. O auto-erotismo é contrário aos interesses populares, pois encerra os indivíduos em limites estreitos que se furtam à convivência e à participação. O verdadeiro erotismo é integrado, alargado à totalidade da vida"*<sup>83</sup>.

---

<sup>83</sup> Idem. p.57.

Neste contexto, torna-se importante destacar que os comportamentos anti-sociais devem ser considerados, tendo como base os valores morais da sociedade em que a festa está circunscrita. De forma geral, nos dias de hoje, este tipo de comportamento se evidencia de maneira mais freqüente na festa e em seus eventos marginais, muitas vezes, gerando uma série de situações conflitivas em torno de valores morais, culturais e sociais.

Com base no item acima, não resta dúvida que, na vivência da festa, são verificados desvios e deturpações em torno de atitudes e valores, mas para colocar a questão em termos do que é normal ou patológico, em relação às atitudes humanas no tempo de lazer, é preciso observar de que ângulo esta atribuição está sendo efetuada, porque, muitas vezes, tem como pano de fundo, preconceitos e ideologias de grupos dominantes e instituições, sensivelmente, tradicionais. Entretanto é necessário considerar que alguns comportamentos e atividades do tempo disponível não são desejáveis do ponto de vista social, porque vão frontalmente contra valores de desenvolvimento da pessoa humana e das suas relações, colocando em risco a qualidade de vida e a própria vida dos participantes envolvidos na atividade. Por isso, caracterizam-se como “*atitudes patológicas*”. Neste sentido, Nelson Carvalho Marcellino afirma que: “*o lazer carrega também possibilidades de se transformar num tempo de manifestação de valores destrutivos*”<sup>84</sup>.

Destarte, não resta dúvida, de que a festa, em especial, em função dos elementos que compõem a sua dinâmica interna, pode, também, gerar formas de contestações e protestos concretos e simbólicos por motivos diversos, sociais, culturais, econômicos, entre outros, propiciando o surgimento de ações e iniciativas subversivas ou alternativas. É nesta direção que

---

<sup>84</sup> MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Lazer e Humanização...** Op. Cit. p.67-68.

*“...a resistência social se mostra mais clara nos momentos de festa, de prazer, de alegria, principalmente nos eventos coletivos, que contagiam e emocionam”*<sup>85</sup>.

Sob este mesmo prisma, Jorge Ribeiro Júnior<sup>86</sup>, considerando que a expressividade na festa é manifestada de forma alegre e prazerosa, e analisando *“a força subversiva do riso”*, abordada por Luís Maldonado, conclui que: *“Esta alegria coletiva e orgânica, na vida do povo, já é um sinal de resistência: ao assumir as feições da ironia, do atrevimento, ela vira de pernas pro ar a verdade oficial, solene e repressiva”*.

Vale salientar que estas considerações sobre a linguagem expressiva lúdica e subversiva de uma festa, estão diretamente relacionadas ao momento, ao espaço e, predominantemente, ao grupo festejante.

É neste contexto, considerando a importância e a força do componente lúdico da cultura, manifestado no lazer, que Nelson Carvalho Marcellino<sup>87</sup> afirma: *“Embora não de modo exclusivo, é particularmente, no tempo de lazer, que são vivenciadas situações geradoras de valores que poderiam ser chamados de ‘revolucionários’*. Ou seja, é no lazer que são reivindicadas formas de relacionamento social mais espontâneas, outras formas de convivência social, a afirmação da individualidade, a ocorrência de questionamentos de valores, manifestação de mudanças de valores e comportamentos, mediante estrutura temporal e espacial coercitiva e restritiva, vigentes, atualmente, no cotidiano das pessoas.

De acordo com este raciocínio, sobre esta esfera de atuação humana, o autor considera o lazer uma *“possibilidade privilegiada, enfatizada, para a vivência (em conteúdo e forma, enquanto produto e processo) de valores, que embasem mudanças, ou abram perspectivas*

---

<sup>85</sup> MARCELLINO, Nelson C. **Pedagogia da Animação...** Op. Cit. p. 44.

<sup>86</sup> RIBEIRO JUNIOR, Jorge Cláudio Noel. **A Festa do Povo...** Op. Cit. p. 56.

<sup>87</sup> MARCELLINO, Nelson C. **Pedagogia da Animação...** Op. Cit. p. 44.

*para mudanças de ordem moral e cultural, necessárias para a implantação de uma nova ordem social (...)*<sup>88</sup>.

Finalizando esta parte, entende-se que, até aqui, delineia-se o quadro referencial teórico da festa, enquanto conteúdo cultural do tempo de lazer. No decorrer do presente trabalho, pretende-se abordar uma festa, em particular, a 11ª *Oktoberfest* de Marechal Cândido Rondon – PR. Apresentar-se-ão os principais interesses e significados políticos, culturais e sociais que representam para os descendentes de alemães; a criação, o desenvolvimento e participação no que se refere ao lazer, particularmente, à prática da dança neste ambiente social, enquanto manifestação cultural de lazer de um grupo específico.

---

<sup>88</sup> Idem. p.40.

## II –“*AGORA, QUANDO TOCA UMA MARCHA OU ALGO ASSIM, ESTE NOSSO PESSOAL SE VIRA PRO LADO AVESSO*”.

### 2.1. O CONTEXTO CULTURAL DOS ATORES DA *OKTOBERFEST*

O município de Marechal Cândido Rondon está situado no Extremo Oeste do Paraná, conta, atualmente, com área de 575 Km<sup>2</sup>, limitando-se ao Norte com Mercedes, Nova Santa Rosa e Guaíra; a Leste com Quatro Pontes e Toledo, ao Sul com Entre Rios e Santa Helena; e a Oeste com a República do Paraguai. Está a 600 Km de Curitiba, capital do Estado do Paraná, a 180 Km de Foz do Iguaçu, na região Sul do Brasil. Teve, antes de 1978, um território maior, de cerca de 159 Km<sup>2</sup> a mais, ao longo do rio Paraná e seus afluentes, que foi recoberto pelo Reservatório de Itaipu. Hoje, o Município tem aproximadamente 46.500 habitantes, sendo sua população, predominantemente, de origem germânica, oriunda dos Estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, o que tem grande influência na sua cultura, nos seus hábitos e costumes<sup>1</sup>.

Ao se fazer uma retrospectiva histórica, o Oeste do Paraná, incluindo o município de Marechal Cândido Rondon, por volta de 1950 foi colonizado pela Industrial Madeireira Colonizadora Rio Paraná S.A - MARIPÁ, que pertencia a um grupo de comerciantes de Porto Alegre, RS. A MARIPÁ se caracterizou por uma colonização planejada, através de um plano de ação; sendo assim, colonizou a região na base da pequena propriedade familiar, priorizando colonos descendentes de europeus do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, ou seja, os primeiros

---

<sup>1</sup> Conforme dados fornecidos em fevereiro/98 pela Prefeitura Municipal de Marechal Cândido Rondon – PR.

colonizadores migrantes eram descendentes de alemães e italianos que exerciam funções agrícolas em pequenos núcleos familiares<sup>2</sup>.

Na colonização de Marechal Cândido Rondon, prevaleceram os imigrantes e descendentes de alemães que praticavam, principalmente, a religião protestante, os quais vieram à procura de terras mais produtivas e novas oportunidades para os seus filhos, dedicando-se essencialmente, à produção agrícola em regime de pequena e média propriedade.

Conforme Venilda Saatkamp<sup>3</sup>: *“no ano de 1956 havia 95% de famílias alemães, 5% de famílias italianas e luso-brasileiros, totalizando cerca de 587 habitantes”*. Predominava a prática da religião protestante Luterana e Batista, sendo Católica, apenas uma minoria de pessoas; a Igreja Luterana dividia-se em duas origens, da Alemanha e dos Estados Unidos. Entretanto a primeira, Igreja Luterana no Brasil foi a que *“apresentava [ e apresentou] o maior número de adeptos exercendo grande influência no desenvolvimento sócio-cultural da comunidade rondonense”*.

A “perseverança no trabalho” e a “fé em Deus” tornaram-se elementos de superação das condições florestais, climáticas e materiais desfavoráveis aqui encontradas. Os interesses sociais desses colonos alemães deram-se, primeiramente, em torno da escola, seguindo-se o hospital e a igreja. Diferentemente da reconstrução social da colonização italiana nesta região, que deu prioridade à igreja, especificamente, à Católica e, após, à escola e ao hospital<sup>4</sup>.

Os migrantes trouxeram consigo uma série de hábitos e costumes de suas regiões de origem, adaptando e criando, de acordo com suas necessidades, todo um complexo cultural e social teuto-brasileiro no Município em tela. A manutenção de alguns e a adaptação de outros hábitos, herdados de seus antepassados, a aquisição de novos e a criação de outros costumes e valores pelos membros desta comunidade, são exemplo de como as culturas complementam-se

<sup>2</sup> SAATKAMP, Venilda. **Desafios, Lutas e Conquistas**: História de Marechal Cândido Rondon. Cascavel –PR: ASSOESTE, 1984. pp. 37-43. WACHOWICZ, R. C. **Obrageros, Mensus, e Colonos**: História do Oeste Paranaense. Curitiba; Ed. Vicentina, 1987. p.174. GREGORY, V. **Os Euro-brasileiros e o Espaço Colonial**: A dinâmica da colonização no Oeste do Paraná nas décadas de 1940 a 1970. Tese de Doutorado, UFF, 1997.

<sup>3</sup> SAATKAMP, Venilda. **Desafios, Lutas e Conquistas...** Op. Cit. pp.85-207.

<sup>4</sup> Idem. Op. Cit. p.86.

em simbiose umas com as outras. As visitas às residências dos informantes, seus depoimentos, a vivência da pesquisadora nesta comunidade, comprovam que a cultura não pode ser pensada numa concepção estática no tempo e como uma colcha de retalhos, mas, sim, como a cultura no plural, presente e dinâmica, isto é, uma cultura em acepções diversas e “...*múltiplas e em constante transformação*”, e assim, “...*constituídas de sistemas de símbolos que articulam significados...*”<sup>5</sup>.

Como nos chama atenção Alfredo Bosi<sup>6</sup>, os sub-conjuntos culturais diferenciados se interpenetram em formas históricas concretas, multiplamente determinados pelo contexto econômico, pelas relações de classes, pelo dinamismo interno dos grupos e, até mesmo, pela sensibilidade individual dos criadores e dos receptores das várias culturas. De forma sucinta, podemos demonstrar esta asserção, através de práticas gerais dos membros desta comunidade, como o chimarrão que é tomado por quase toda população local, como o é, o gosto acentuado pelo churrasco e a apreciação de músicas e danças gaúchas. Tais práticas convivem, com o gosto pelo futebol, carnaval, boates e ritmos populares brasileiros, simultaneamente, a heranças germânicas, como: o prazer em dançar marchas alemães, a audição de diversos gêneros de músicas alemãs, o consumo de doces típicos de Natal e Páscoa e, também, o consumo cotidiano da *Schimier* (geléia), da *Keschmier* (requeijão), do pão caseiro e da cuca (pão doce) assados no forno de pedra, entre outras.

Antes, General Rondon foi distrito de Toledo, criado em 06 de julho de 1953 pela Lei Municipal n.º 17. Emancipou-se, transformando-se em Município em 25 de julho de 1960, pela Lei Estadual n.º 4.245, com instalação da comarca em 02 de julho de 1970<sup>7</sup>.

Conforme dados fornecidos pelo IX Recenseamento Geral de 1980 Paraná, dos 56.210 habitantes de Marechal Cândido Rondon, 55.853 eram brasileiros natos, 138 brasileiros naturalizados e 219 estrangeiros. Entre os estrangeiros havia 80 alemães, 47 paraguaios, 22

<sup>5</sup> ARANTES, Augusto A **O Que é Cultura Popular**. 8ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1985. pp.23-35.

<sup>6</sup> BOSI, Alfredo. **Dialética da Colonização**. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p.342.

<sup>7</sup> Dados fornecidos pela Prefeitura Municipal de Marechal Cândido Rondon – PR.

russos, 07 poloneses, 06 argentinos, 06 uruguaios, 05 espanhóis, 04 libaneses, 03 romenos, 17 de outras nacionalidades e 18 sem declaração.

Os estudos de Clarice Nadir von Borstel<sup>8</sup>, com uma amostra constituída por alunos de primeiro e segundo graus, demonstra uma supremacia significativa em relação à ascendência étnica, onde 83% perfazem o percentual de informantes descendentes de alemães, 8% italianos, 7% luso-brasileiros e 2% de poloneses e outras etnias.

Estes dados recentes reafirmam a predominância da descendência étnica alemã no contexto atual da comunidade; entretanto, vale ressaltar que casamentos inter-étnicos sempre foram prática constante nesta comunidade.

Apesar do acelerado desenvolvimento urbano, a cultura dos antepassados alemães ainda se faz presente nas práticas econômicas, sociais e culturais, embora de forma fragmentada. Estes costumes, hábitos e valores subsistem, atualmente, adaptados e modificados. Como por exemplo, a fala alemã que foi uma prática constante na vida destes migrantes e seus descendentes quer seja no ambiente familiar, profissional e no lazer. Entretanto este falar alemão, em Marechal Cândido Rondon, foi e é uma variedade poliglôssica em relação ao alemão padrão, ou seja, há elementos do alemão padrão, do português e de vários dialetos trazidos de várias regiões da Europa, originando-se um novo falar que, atualmente, vem a ser o *Brasildeutsch*<sup>9</sup>.

Vale destacar que, com as medidas de nacionalização de Getúlio Vargas<sup>10</sup>, foi proibido o uso e o ensino de línguas estrangeiras no cotidiano, nos meios de comunicação, nos sermões religiosos e escolas, pois estas práticas deveriam ser feitas na língua nacional. Esta normatização trouxe várias conseqüências, também, na vida dos habitantes de Marechal Cândido

---

<sup>8</sup> BORSTEL, Clarice N. von. **Aspecto do Bilingüismo Alemão-Português em Marechal Cândido Rondon**. Dissertação de Mestrado, UFSC, 1992. p. 77.

<sup>9</sup> BORSTEL, Clarice N. von. **Contato lingüístico e variação em duas comunidades bilíngües do Paraná**. Tese de Doutorado, UFRJ, 1999. p.94.

<sup>10</sup> Medidas de Nacionalização de Getúlio Vargas, conforme Decreto Lei n.º 1545, de 15 de agosto de 1939, artigos 15 e 16.

Rondon, entre elas, o surgimento de indivíduos bilíngües, com baixo grau de competência em português e com muita interferência fonológica, gramatical e léxica da língua materna<sup>11</sup>.

Atualmente, a língua alemã é uma prática constante apenas na vida de uma minoria de pessoas, ou seja, entre adultos e idosos e, mais acentuadamente, no ambiente rural, mesmo assim, de forma bem menos intensa que num passado próximo, quer seja no lar, tanto quanto no comércio, meios de comunicação locais e práticas de lazer, como: Grupos de Corais das Igrejas Luteranas, nos encontros em Associações de Idosos, cultos, e leitura de jornais que são escritos em alemão/português. Isso foi confirmado nas entrevistas, quando se questionou se costumavam ou não falar o idioma alemão. A maioria deles não tem o conhecimento da língua, outros, tem o domínio do idioma, mas o usam apenas para se comunicar com as pessoas idosas no ambiente familiar e em alguns encontros com determinados grupos sociais (vizinhos, parentes, associações de idosos) e, muito poucos no âmbito do trabalho.

Outro exemplo: até meados de 1975, era comum as propriedades urbanas terem nas suas adjacências o forno de lenha, galinheiro, pequenos chiqueiros de porcos; no entanto, por medidas sanitárias, tais práticas foram proibidas. Persistindo, atualmente, o cultivo do gramado, flores e plantas ornamentais ao redor da casa; nas adjacências, a horta, o pomar e pequenas áreas de cultivo de produtos de subsistência familiar (milho, mandioca, e outros). Da mesma forma, terrenos baldios urbanos são, em geral, transformados em pequenas roças pelo proprietário ou por terceiros.

Hoje, na economia de Marechal Cândido Rondon, entre diversas atividades, há predominância da cultura agrícola, da pecuária e das indústrias de transformação (cereais, animais). A agricultura desempenha o papel mais importante da economia municipal, e a agropecuária é mantida em minifúndios.

---

<sup>11</sup> BORSTEL, Clarice N. von. *Aspecto do Bilingüismo...* Op. Cit. pp. 65-67.

No que refere às práticas de lazer, ainda são vivenciados torneios de bolãozinho de mesa<sup>12</sup> (mulheres) e tiro ao alvo (homens e mulheres); Festa da Colheita, promovida pela Igreja Evangélica Luterana no Brasil; Bailes de Chope, mantidos por uma associação local, tendo como prato típico cuca e lingüiça cozida, predominando o ritmo de marcha e valsa, também, cantadas na língua alemã e muito consumo de chope; Bailes promovidos por Clubes Particulares e Clubes Associativos, prevalecendo o ritmo da marcha, xote e vanerão<sup>13</sup>. Como afirma Venilda Saatkamp<sup>14</sup>, em seu estudo histórico sobre Marechal Cândido Rondon: “*O povo rondonense se caracteriza como um povo alegre, apreciador de bailes, festas e músicas*”.

Além disso, as emissoras de rádio desta cidade, sempre tiveram como prática comum, oferecer algumas programações relacionadas ou específicas à cultura alemã. Em alguns programas, a comunicação é feita exclusivamente em língua alemã, e o repertório musical compreende diversos gêneros da música alemã. Mesclam o idioma alemão com o português, divulgando músicas em que predomina o ritmo de marcha alemã, iguais e similares àquelas que são tocadas em suas festas e na *Oktoberfest* e, também, ritmos brasileiros da cultura gaúcha. Estes programas radiofônicos têm grande audiência pela população rural e pelas pessoas idosas urbanas, tanto no tempo de trabalho, quanto no tempo do não trabalho.

<sup>12</sup> Este jogo é praticado em uma mesa especialmente construída para esta modalidade. De forma retangular, com um túnel localizado lateralmente tomando 80% da mesa, sua saída direcionada para o seu centro, onde são dispostos nove pinos. Pode ser jogado em equipe ou individual, onde cada jogador de posse de um taco procura empurrar a bola através do túnel, procurando acertar os pinos. Cada jogador tem direito a jogar doze bolas, em três mesas diferentes, isto é, quatro bolas em cada mesa. O vencedor do jogo é determinado pela somatória de pinos derrubados (semelhante ao jogo de boliche).

<sup>13</sup> Estes três gêneros musicais têm compasso 2/4, mas apresentam estruturas rítmicas distintas pela combinação de valores das figuras musicais que as formam, apresentam estilo dinâmico e alegre. A marcha é cantada, predominantemente, em língua alemã, sendo seu instrumento principal os de sopro, enquanto que, o xote e o vanerão são cantados em língua portuguesa, sendo o instrumento principal o acordeão. Segundo Barbosa Lessa e J. C. P. Cortes, estes ritmos musicais foram trazidos pelos imigrantes alemães que colonizaram o Rio Grande do Sul e se mesclaram com os ritmos dos campeiros, e, posteriormente, foram levados para os Estados de Santa Catarina e Paraná. Para os autores, o *schottisch*, *hacken-schottisch*, *herr-schmidt*, *militar-walzer*, etc., eram irmãos de músicas que mais tarde – hoje – se tornariam expressão gauchesca, como “polca marchada”, “chote”, “vanerão”, etc. Ao passo que, a *walzer*, a *ritsch-polka*, a *kreutz-polka*, o *rheinlander*, transformam-se na valsa e na marcha, caracterizando-se como músicas regionais do Sul do Brasil. (LESSA, Barbosa e CORTES, J. C. P. A contribuição do Imigrante Alemão. In: **Danças e Andanças da Tradição Gaúcha**. 2 ed. Porto Alegre, Garatuja, 1975, pp. 55-56).

<sup>14</sup> SAATKAMP, Venilda. **Desafios, Lutas e Conquistas...** Op. Cit. p.205.

A Prefeitura Municipal, por volta de 1985, foi um dos órgãos municipais públicos incentivadores da preservação e restauração de tradições e costumes germânicos em Marechal Cândido Rondon, criando o projeto de Germanização do Município, pela Lei municipal n.º 1.627, de 14 de julho de 1986, correspondendo à isenção do imposto predial e territorial urbano por um período de até dez anos, aos imóveis construídos em estilo “enxaimel” e “casa dos alpes”<sup>15</sup>.

Considerando que festas similares à *Oktoberfest* sempre se constituíram em uma manifestação cultural de lazer desta comunidade, surge em 1987 a idéia de institucionalização de uma *Oktoberfest* por iniciativa do governo municipal, fazendo parte do projeto de Germanização do Município.

Assim, portanto, **a *Oktoberfest* decorre da iniciativa política do Poder Municipal, simbolizando todo um complexo cultural, em que as representações enunciadas na festa planejada não são dissociadas dos papéis sociais dos participantes, habitantes do município.** Considera-se que é, neste imaginário teuto-brasileiro, que se nutre a *Oktoberfest* de fatores bastante fortes de identificação étnica.

## 2.2. OKTOBERFEST: A “REINVENÇÃO DA TRADIÇÃO”

No mundo contemporâneo, quando tudo parecia se definir em um único caminho, o da racionalização, tecnologia e informática, enfim, na total e completa mercantilização das relações sociais, depara-se, atualmente, com o surgimento de uma força incomensurável de objetos e práticas plenas de utilização simbólica e ritual, por muitas instituições políticas, movimentos ideológicos e grupos associativos ou não, que lançam mão de velhos elementos, adaptam elementos antigos e inventam novos que se relacionam à subjetividade afetiva do

---

<sup>15</sup> Conforme publicação no jornal “O Paraná”, n.º 3070 de 22.08.86, fls. 11, fornecido pela Prefeitura Municipal.

homem, os quais, cada vez mais, propagam-se de forma eficiente e rapidamente no ambiente social urbano e industrial.

Neste contexto, pode-se destacar que só, recentemente, no Sul do Brasil, é que eventos culturais étnicos e assemelhados ganharam notoriedade nunca vista na história social e cultural brasileira. Tal fato aumenta em significado, quando se pensa que, há mais de um século, houve a imigração européia para o Brasil. Ademais, observa-se que, em nenhum outro momento, a etnicidade germânica tenha se projetado no imaginário social com tamanha carga simbólica afirmativa. Cabe lembrar o fato de, num passado recente repressivo (década de trinta), ter havido uma acirrada campanha de formação cultural nacionalista, correspondendo ao período do Estado Novo (1937-1945), quando o governo tomou uma série de medidas, reprimindo a cultura das colônias alemãs do Sul do Brasil, alcançando, concomitantemente, as colônias italianas, polonesa e outras. Nesse período, observou-se um gradativo ocultamento, minimização e desaparecimento da identidade na região, atingindo, assim, as expressões públicas ligadas à idéia de germanidade<sup>16</sup>. Tal resultado, decorrente do processo de nacionalização e da 2ª Guerra Mundial, esteve presente na vida dos imigrantes e descendentes de alemães no Sul do País, como, também, na daqueles que migraram a Marechal Cândido Rondon, Paraná, até aproximadamente a década de setenta.

Nas décadas iniciais da colonização deste Município, “ser alemão”, era ser aceito, valorizado, tido como cidadão da comunidade rondonense. Entretanto, com a continuidade da transmissão dos princípios da política de brasilidade e a divulgação das atividades do governo nazista na Alemanha (campos de concentração entre outras), simultaneamente, a infiltração sucessiva dos meios de comunicação de massa e a absorção dos valores urbanos em oposição aos rurais, foram fatores que influenciaram decididamente para que as manifestações culturais étnicas germânicas sofressem restrições e preconceitos, seja por pessoas de fora do Município, seja pela própria coletividade rondonense. Em consequência, a grande parcela jovem da

---

<sup>16</sup> SEYFERTH, Giralda. **Nacionalismo e Identidade Étnica**. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1981. pp.175-208.

comunidade urbana, começou a ver os que permaneceram no campo e as pessoas adultas e mais velhas, urbanas, que mantinham a cultura germânica no seu cotidiano, com as características de anti-brasileiro, atrasado e inculto, estigmatizando-as como “alemão”, “alemão-grosso”, “alemão-batata” e “colono”<sup>17</sup>. Portanto, ser alemão, para a cultura jovem, “era vergonhoso”. Tais fatos, como visto anteriormente, refletiram de forma acentuada no abandono da língua alemã e de outras práticas culturais étnicas. Era muito comum presenciar em conversas, intrigas, discussões e gozações o uso desses termos pejorativos. Nos dias de hoje, embora pouco freqüente, ainda se apresentam estes estigmatismos. Exemplo disso, foi a resposta obtida, quando se questionou a informante “D” do que não gostava na 11ª *Oktoberfest*: ela destacou que eram os comportamentos brutais e grosseiros expressos pelos descendentes de alemães nesta festa:

*“Eu acho isso grave sabe, mas é uma das características do alemão, eu diria, de ser um pouco grosseiro às vezes. Mesmo, ele indo para escola, buscando cultura, eu vejo as pessoas de origem alemã, com expressão carregada, mais agressiva. Isso é cultural, (...) eu vejo isso mais no sexo masculino, são muito grosseiros com o sexo feminino, os jovens entre si. Isso cresce junto, é da família. Eu sempre acho que a educação realmente vem de casa, a família é tudo”.*

Vale salientar aqui, que esta forma de manifestação corporal na festa, não se restringe a este grupo participante, mas, sim, aos jovens de diversas etnias e de ambos os sexos, tanto da comunidade local, como de outras localidades. O uso abusivo de bebidas alcoólicas e o grande estado de entusiasmo, fazem com que estes participantes da festa dançam, brinquem e pulem, empurrando, pisando e dando cotoveladas naqueles que se encontram próximos. Como resultado, limitam a participação destes na festa. Esta forma de comportamento na festa, de grande parte dos jovens é discriminada pela comunidade local, incluindo-se aí os informantes desta pesquisa; entretanto é preciso destacar que manifestaram direcionando-a ao turista jovem, “o outro”.

O fato da informante morar num ex-distrito de Rondon, predominantemente agrícola, e atuar na educação, deixa claro que sua fala se direciona aos jovens que atuam na agricultura.

<sup>17</sup> Idem, pp.193-208. Estas conotações pejorativas para designar e identificar os teuto-brasileiros no sul do Brasil, foram muito bem estudadas pela autora. Vale destacar, que categoria “alemão” esta associada as de nazista e integralista.

Dessa forma, o *“descendente de alemão que permaneceu no campo, passou a ter conotação pejorativa perante a população urbana, que mesmo tendo as mesmas origens, estava inculcada a valores urbanos”*<sup>18</sup>.

A depreciação para com a população do campo não se restringe a este Município e está relacionada a duas vertentes: uma, pelo fato destas pessoas expressarem-se, principalmente, na língua alemã em sua vida cotidiana, ou falarem a língua portuguesa com muitas limitações, apresentando muitos erros e sotaques, além de diferenciarem-se dos urbanos, em sua maneira simples de vestir. Outra, pelo *status* de posse de grandes lavouras comerciais. Pois o termo colono possui origem histórica bem definida, porque está relacionado ao processo de colonização por imigrantes europeus, com base na agricultura familiar, em pequenas propriedades. Desde o início da colonização, o termo colono, além de designar os imigrantes, no nível das representações, significava carência de certos atributos considerados positivos. *“Colono remetia a noção de pessoa com carência de ambição, de traquejo social, de elegância, de postura corporal e comportamental, de senso de oportunidade e de progresso, de arrojo, de perspicácia e de sagacidade. Por sua vez, colono significa grossura de comportamento”*<sup>19</sup>.

Como representação simbólica, esta carga pejorativa dos termos “alemão”, “alemão-batata” e “alemão-grosso”, em Marechal Cândido Rondon, começa a declinar na década de 70, em grande parte pela aceitação das restrições legais e absorção dos valores ideológicos da política de nacionalização, simultaneamente, às conseqüências da mecanização da agricultura.

A agricultura foi mecanizada, através de incentivos estaduais e federais, ocorrendo uma produção acentuada da bicultura soja-trigo, com altas taxas de produtividade nas terras, produzindo-se para o mercado interno e externo, fenômeno vinculado com a penetração definitiva das relações capitalistas no campo. Foi desse modo que o colono com lavoura mecanizada, passando da produção familiar para a produção exportadora e, com os bolsos cheios

<sup>18</sup> IURKIV, José E. **Criação e Implicâncias na Construção da Identidade Cultural Rondonense**. Marechal Cândido Rondon, PR: (Monografia de conclusão de Curso de Graduação em História), UNIOESTE, 1993. p.18.

<sup>19</sup> TEIXEIRA, Sergio A. **O Recado das Festas**. Rio de Janeiro: FUNARTE/ Instituto Nacional do Folclore, 1988. p.59.

para gastar no comércio urbano, fez com que os adjetivos designados a ele “*fossem revistos ou senão mudados*”<sup>20</sup>, passando a ser designado como agricultor, adquirindo *status* nesta profissão.

A valorização do colono-alemão, simultaneamente, fez com que fossem revalorizadas as práticas da cultura étnica germânica pela comunidade. Conseqüentemente, os valores culturais étnicos, que eram considerados pejorativos, passam a ser considerados positivos, principalmente, no ambiente urbano e sendo ocasião propícia às iniciativas do Poder Municipal, através da criação do Projeto de Germanização do Município e da *Oktoberfest*.

Com base no exposto acima, pode-se relatar que o surgimento deste evento cultural e das outras práticas relacionadas à etnia alemã, em Marechal Cândido Rondon, não podem ser pensados como práticas culturais originais e autênticas, pois implicaria em referir-se à cultura como algo estático. Por conseqüência, pensá-las desta forma é impossível, pois, o próprio aparecimento de iniciativas e movimentos que defendem o resgate e a restauração das tradições indica a ruptura da continuidade histórica, ou o fato, de que elas, deliberadamente, não são mais usadas, ou, ainda, de que não foram adaptadas. E, por isso, essas ocasiões se constituem em “*tradições inventadas*”<sup>21</sup>.

Por entender que as festas tradicionais urbanas são recriadas e reinventadas, entrelaçando passado e presente, remeteu-se aqui, à noção de **tradição inventada**, tal qual a formulou Eric Hobsbawm, e que já foi colocado, no capítulo anterior.

Segundo três informantes, a *Oktoberfest* foi idealizada, em 1986/87, na gestão de Ilmar Priesnitz (1986-1988), inspirada na *Oktoberfest* de Blumenau, Santa Catarina, e na cultura teuto-rondonense. Após uma visita a Blumenau por uma comissão de pessoas relacionadas à Secretaria da Educação, Cultura e Esporte, da Secretaria de Indústria e Comércio e empresários da cidade, decidiu-se que Marechal Cândido Rondon teria condições de organizar uma *Oktoberfest*, dentro da sua realidade e proporcionalidade. A idéia inicial era realizar a primeira festa em 1986; no entanto, julgou-se que não havia estrutura suficiente. Segundo o informante

<sup>20</sup> IURKIV, José E. *Criação e Implicâncias na Construção da...* Op. Cit. p.20.

<sup>21</sup> HOBBSAWM, Eric. *Introdução*. Op. Cit. pp.14-16.

“T”, “(...) queríamos ter um exemplo, nós queríamos ter uma base para poder estruturar bem nossa festa, para não correremos o risco de repente fazer aquilo que não era mais indicado”. Para A”, “(...) no ano 1986 nós tínhamos só a idéia de realizar a *Oktoberfest* em Rondon, mas não tínhamos um nível de estrutura para que se fizesse (...)”. Buscou-se pois, em Blumenau, informações sobre a estruturação, organização e execução de uma *Oktoberfest*, além de se analisar aquela festa, através de uma fita de vídeo, conforme relato de “N”: “Foi com base nestas informações, com base na realidade rondonense e ainda foram feitas pesquisas em revistas alemãs, onde encontramos informações da *Oktoberfest* na Alemanha, aquela de Munique (...)”.

Estas falas demonstram, claramente, que o sucesso da *Oktoberfest* de Blumenau – SC foi de substancial influência para a criação de uma festa de outubro na cidade de Marechal Cândido Rondon.

Sob este panorama, é que se pode falar que a *Oktoberfest* tem autoria, portanto, ela não foi um mero acaso da dinâmica cultural. Seus autores são conhecidos e, para fazer valer seu projeto cultural, exerceram determinado poder político e cultural no meio político e no seio da população. Como nos afirma Maria Bernardete Flores, comentando a festa catarinense; “São sujeitos que encaram desafios, solucionam problemas, enfrentam opositores, animam os descrentes e implantam o evento”<sup>22</sup>. Além do que, estes “fazedores de festa” para a autora, teriam tido consciência da importância do passado como referência. Neste sentido, puderam fazer com que os moradores daquela cidade e região, de um modo geral, se identificassem com a festa, decorrendo daí, como resultado, o imediato sucesso da *Oktoberfest* de Blumenau<sup>23</sup>.

Assim como em Blumenau, em Marechal Cândido Rondon, dentre outros interesses, um dos que predominou na criação da *Oktoberfest*, foi a valorização da cultura germânica real e/ou mítica do cotidiano da sociedade. Para o Município rondonense, relata “T”: “Na verdade, foi uma somatória de interesses, um interesse foi, levando em consideração a origem, a etnia do

<sup>22</sup> FLORES, Maria Bernardete Ramos. *Oktoberfest...* Op. Cit. p. 51.

<sup>23</sup> Idem, p.45.

povo, pois no início de Rondon era cerca de 95% e 98% de origem alemã, (...). Então nosso objetivo, foi justamente, fazer com que a cultura fosse preservada de forma mais acentuada”.

Desse modo, através da construção da *Oktoberfest*, a municipalidade e a elite dominante étnica tiveram, como princípio, resgatar, valorizar e transmitir à sociedade rondonense os valores culturais étnicos do colonizador, descendente de alemães, que se fixou nesta cidade. Mas, ainda, a idéia da festa surgiu em função da cultura presente no cotidiano desta comunidade, como explica “N”:  
*“O povo daqui tem por hábito, por gosto, a bebida da cerveja, todo brasileiro gosta, mas o povo alemão é algo mais acentuado no seu paladar. Então, aproveitando essa condição e aproveitando a condição do próprio rondonense de ser assim, um povo alegre e festeiro por natureza, diria até que, o povo rondonense não é muito de bailar, mas é de festar”*. A informante destaca que a atração e a identificação desta comunidade por determinados ritmos musicais, também, foi um fator decisivo. *“Até a gente pode fazer uma comparação entre o ritmo do Carnaval para os cariocas e o que a Oktoberfest é para o pessoal daqui, de origem alemã. Sabe, parece que ele têm isso queimando dentro dele, assim no sangue. E isso, a gente pode notar num baile comum, num casamento, num aniversário tocam vários ritmos musicais; agora, quando toca uma marcha ou algo assim, este nosso pessoal se vira pro lado avesso”*.

Marechal Cândido Rondon teve sua primeira *Oktoberfest* em outubro de 1987, desenvolvida no Parque de Exposições Álvaro Dias, com a duração de três dias. A sua programação consistia principalmente de bailes, consumo de chope e alguns pratos típicos. Cabe acrescentar que as danças, por esta época, não reproduziam os ritmos típicos do folclore alemão, mas marchas, do gênero “abastardado”<sup>24</sup>, por apresentar, estruturas rítmicas brasileiras.

Paralelamente ao desenvolvimento anual da *Oktoberfest*, houve outras iniciativas por parte da administração municipal de valorizar e resgatar a cultura germânica, como: a formação de grupos folclóricos de crianças, jovens, adultos e idosos; banda municipal; corais; e a formação

---

<sup>24</sup> O termo é utilizado no sentido de alterado, de não ser genuíno.

de Associações de Idosos, que promovem, semanalmente, bailes e outras atividades, com características germânicas.

Outrossim, foram criadas figuras e práticas expressivas de novas representações da germanidade, por exemplo, os personagens símbolos da festa: *Opafass*<sup>25</sup> e Rainha, as vestimentas, o desfile, o concurso de chope em metro, entre outras.

Houve também, a preocupação com a preservação da língua alemã, através das escolas; assim, uma escola pública e duas particulares oferecem a língua alemã como opção de estudo em língua estrangeira. Destaca-se ainda, o Café Colonial, de iniciativa privada, que proporciona o consumo de produtos da colônia alemã.

Este contexto mostra como a Alemanha adquire valor imaginativo e figurativo, que se aproxima da definição de “*comunidade imaginada*” de Benedict Anderson<sup>26</sup>, ou seja, aquele país, seus costumes, hábitos e população adquirem valor mítico, torna-se um referencial imagético poderoso a comandar corações e mentes.

Da mesma forma, Maria Fernanda Kluge<sup>27</sup> percebe a reinvenção das comidas e rituais italianos, no bairro de Santa Felicidade em Curitiba, em que a administração pública tornou possível um diálogo transnacional, envolvendo o bairro e uma Itália mítica e ou real.

Com base no exposto acima, é possível dizer que a *Oktoberfest* e, através dela, juntaram-se tradições, resgatando umas, valorizando outras, recriando antigas e criando outras novas, relacionadas à etnia alemã, mas que ritualizam uma nova construção de idéia da germanidade.

---

<sup>25</sup> O termo em alemão significa “pipa de cerveja do avô”. Pessoa fantasiada, que representa o avô alemão, alegre, sociável e festeiro, que tem o gosto peculiar de tomar chope. Símbolo da ancestralidade alemã, criada pelos festeiros, inicialmente para atuar na *Oktoberfest*, atualmente, em todo o período festivo e representando o Município em outras cidades da região e de outros estados. Isso equivale também à rainha e os casais acompanhantes.

<sup>26</sup> ANDERSON, Benedict. *Nação e Consciência Nacional*. São Paulo: Ática, 1989. p.15.

<sup>27</sup> KLUGE, Maria Fernanda M. *O Vêneto não Pode Morrer: Um estudo sobre restaurantes, rituais e (re) construção da identidade italiana Santa Felicidade*. Curitiba: UFPR, 1996. p. 163. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social.

### 2.3. UMA QUESTÃO DE IDENTIDADE ÉTNICA

Em Marechal Cândido Rondon, tanto quanto no Sul do Brasil, nas últimas décadas, a recriação e a adaptação de rituais e objetos simbólicos que acionam os aspectos da etnicidade alemã de grupos, passaram a resgatar, de forma prestigiosa, a reconstrução de uma identidade germânica.

Nesse sentido, é que o estudo de Stuart Hall<sup>28</sup> sobre identidade cultural, torna-se significativo para as reflexões aqui feitas: lembra que a redescoberta de uma identidade essencial é objeto que desempenhou e desempenha uma força poderosa e criativa, através de novas formas de práticas culturais, nos povos das sociedades pós-coloniais, e questiona: “ *Se existe aí uma prática totalmente diferente - não a redescoberta, mas sim a produção da identidade? Não uma identidade que se baseie na arqueologia, mas sim em re-contar o passado* ”<sup>29</sup>.

Stuart Hall propõe uma segunda posição para se pensar “*identidade cultural*”, se bem que relacionada à primeira, mas, também, fundamentada na idéia de alteridade, reconhecendo os aspectos de similaridade, tanto quanto os aspectos críticos de diferença profunda e significativa. Nesta concepção a identidade cultural:

*“É construída sempre por intermédio de memória, fantasia, narrativa e mito. São os pontos de identificação, os pontos instáveis de identificação ou sutura, feitos no interior dos discursos da cultura e da história. Não uma essência, mas um posicionamento. Onde haver, sempre uma política da identidade, uma política de posição, que não conta com nenhuma garantia absoluta numa ‘lei de origem’ sem problemas, transcendental”*<sup>30</sup>.

Sob este prisma, pode-se falar que, na cidade de Marechal Cândido Rondon, Oeste do Paraná, ocorre a diversidade e a hibridização cultural, numa mobilização social e espacial acentuada, dentro do processo de urbanização. Embora os signos de uma Alemanha da diáspora,

<sup>28</sup> HALL, Stuart. Identidade Cultural e Diáspora, In: **Revista do Patrimônio Histórico**. Volume temático: Cidadania, n.º 24, 1996, pp. 68-76.

<sup>29</sup> HALL, Stuart. Identidade Cultural e Diáspora... Op. Cit. p.69.

<sup>30</sup> Idem. p.70.

como visto anteriormente, sempre estivessem presentes na vida cotidiana dos rondonenses, é fato que estes signos se constituem como resultado de uma série de transformações.

É, na década de 80, que se encontrou, em torno do Projeto de Germanização e da *Oktoberfest*, os símbolos de produção de uma identidade germânica para o Município. Fenômeno paralelo a um processo de posicionamento e reposicionamento dessa identidade na e da população. Tudo isto implicou em várias estratégias e atividades na produção de objetos e rituais simbólicos, os quais consistiram em “*focos simbólicos de (re)-elaboração (...)*”<sup>31</sup> de uma identidade germânica.

Nesta época, Marechal Cândido Rondon já era uma cidade de médio porte, como a maioria das cidades brasileiras, com seu espaço físico dividido em centro, concentrando o comércio da cidade, em suas proximidades casas amplas e, na periferia, apresentando loteamentos com casas populares. Portanto o estilo arquitetônico que predominava e, ainda, predomina, é o moderno, caracterizado, prevalecendo, a construção de casas.

Porém, especificamente em relação ao centro da cidade, a partir de 1986, com o Projeto de Germanização, surgem construções de fachadas e de casas comerciais, de agências bancárias e locais de prestações de serviços públicos municipais e estaduais com uma arquitetura exótica, lembrando as construções alemãs do século passado, nos estilos “*enxaimel*” e “*casa dos alpes*”, principalmente, com relação a parte externa dessas construções, efetivando-se, assim, um visual germânico. Outrossim, faziam-se e, ainda se fazem presentes, algumas casas com características originais da arquitetura utilizada pelos colonizadores imigrantes e migrantes, que abrangem pequenas casas em madeira com varandas.

A última obra de referência à Alemanha, foi a construção do Portal, pela administração municipal em 1996, caracterizando-se o “*cartão de visita*”<sup>32</sup> da cidade. Localiza-se no início da principal via de acesso ao centro da cidade, à frente do anel viário, separando a área urbana da área rural do Município.

<sup>31</sup> KLUGE, Maria Fernanda M. *O Vêneto não Pode Morrer...* Op. Cit. p.162.

<sup>32</sup> Exemplo disto, é a utilização de sua foto em destaque, na capa do prospecto de apresentação turística da cidade e nos *outdoor* referentes a *Oktoberfest* de 1998, espalhados nas principais ruas da cidade.

Sintetizando, podemos dizer que o estilo arquitetônico germânico, em Marechal Cândido Rondon, não se apresenta relacionado a uma arquitetura colonial dos migrantes colonizadores desta cidade, mas, sim, às características culturais da arquitetura colonial da Alemanha, de onde vieram os seus ancestrais. E, é esse passado que recria e reconstrói uma arquitetura germânica moderna nesta cidade, relacionada a uma Alemanha idealizada, em torno de uma imagem identitária para o Município.

Em relação à criação da *Oktoberfest*, seus autores buscaram resgatar a história e a cultura alemã e teuto-rondonense, mas, também, recriaram e inventaram outras práticas e representações, com intuito de reificar a identidade germânica com a participação da população. O que se demonstra com o que diz “N”: *“A minha responsabilidade era reunir a comunidade. Na sede, fazia-se em conjunto com a Secretaria de Indústria e Comércio e a AMFEST, mostrando as informações que tínhamos e estimular [representantes de entidades] para que oferecêssemos a nossa festa resgatando a própria cultura alemã, através de grupos folclóricos, (...) sugerimos que se enfeitassem vitrines, que os funcionários trabalhassem trajados tipicamente”*. A importância do envolvimento dos representantes da sede é que *“tais investimentos atrairiam turistas, que certamente com sua vinda, teriam em contrapartida a venda de mercadorias, isso era bom, além de bonito, interessante porque era novidade ...”*. Em relação às estratégias, utilizadas com a comunidade do interior do Município, ainda afirma “N”: *“Nos distritos, marcávamos reunião com os representantes e interessados, mostrávamos a proposta e a receptividade era excelente, além do desfile, poderiam participar na premiação das competições de tiro ao alvo e bolãozinho, que é uma prática deles, assim, era uma programação particular para eles, onde os melhores seriam premiados”*.

Como se vê, essas alterações, no espaço e na vida social, na sede e no interior do município, **não foram iniciativas isoladas do Poder Público, pois tiveram adesão das lideranças culturais e aceitação da população**, como confirma “N”: *“A receptividade à proposta da festa era excelente ao meu ver, é devido ao número significativo de pessoas de*

*origem germânica, e a festa vinha de encontro com a natureza deles, do interesse deles, assim, eles podiam mostrar como eles são, e como é sua comunidade ...”.*

A adesão e o envolvimento da população às iniciativas públicas, em que a Alemanha adquire um valor paradigmático foram significantes para a criação da imagem da cidade de Marechal Cândido Rondon, tanto quanto, na assunção de uma identidade teuto-rondonense pela população. Por isso, concorda-se com Stuart Hall, quando diz que a identidade cultural, *“tanto é uma questão de ‘ser’ quanto de ‘se tornar, ou devir’. Pertence ao passado, mas também ao futuro”*<sup>33</sup>.

A construção da identidade germânica, em Marechal Cândido Rondon, parece estar relacionada a uma Alemanha da diáspora; entretanto sua construção e assunção é grupal e local. Isto se explica, porque as diversas práticas e formas de representação da germanidade na *Oktoberfest*, no Projeto de Germanização e no cotidiano, apresentam-se transformadas e diferenciadas, substancialmente, em relação à história e à cultura da Alemanha. Outrossim, envolvem-se, em torno desta identidade étnica, os descendentes de alemães, tanto quanto, pessoas de outras origens étnicas como referência de pertencimento ao grupo e à cidade de Rondon. Exemplo disso, é a fala de uma senhora de 65 anos: *“Participamos sempre de todas Oktoberfest, embora minha origem seja a Suíça, no entanto, participo como descendente de alemães, porque afinal todos viemos da Europa”*. Outro exemplo, é a participação de afro-brasileiros e de descendentes de italianos ou de poloneses em grupos folclóricos que representam a cultura germânica. Igualmente, a fala de “N” confirma esta concepção de identidade cultural: *“Essa festa é muito contagiante porque por exemplo, eu sou de origem italiana, vim pra cá quando me casei, eu não era acostumada com esses ritmos, mas com bolero, estilo de música mais brasileira até internacional, eu me identifico muito, eu adoro essas músicas, me visto [tipicamente] e até hoje participo de tudo”*.

Os poderes públicos, quando financiam algum evento desta natureza, nos seus discursos e iniciativas, demonstram um interesse de retorno às origens, do resgate da história e

<sup>33</sup> HALL, Stuart. *Identidade Cultural e Diáspora...* Op. Cit. p.69.

da redescoberta de uma identidade essencial. É o que diz, por exemplo, “A”: *“O aspecto cultural de Rondon é germânico, esse aspecto ninguém muda porque isso nasceu com a população. (...) tem essa característica, cabe então ao poder público ter essa visão de sua responsabilidade para com essa questão, assim organizamos a festa e o projeto [germanização]. No entanto isto não pode ser realizado, considerando que, se tudo que é histórico, sofre transformações constantes, assim, também, as identidades culturais “estão sujeitas ao contínuo jogo da história, da cultura e do poder”*<sup>34</sup>.

A cultura, compreendida da forma acima abordada, também é demonstrada no documento de Apresentação da 11ª *Oktoberfest* (Anexo III)<sup>35</sup>. Ali, tem-se como um dos objetivos: *“Conservar e propagar a cultura germânica do povo rondonense”*. Com base nesse documento, o radialista apresentador da Abertura Oficial expressa que: *“Marechal Cândido Rondon é um município de cultura essencialmente germânica, pela sua colonização e, principalmente, pelo valor que sua gente dá aos costumes dos antepassados”*.

Ademais, é possível observar que estes agentes administrativos insistem no caráter de celebração, confraternização e harmonia entre os vários grupos étnicos de uma mesma sociedade. Como afirma “T”: *“Na estruturação da festa não se privilegiou só as pessoas de origem germânica, todo mundo contribui, pessoas de origem italiana, polonesa, o próprio brasileiro autêntico, [negro] (...). Aqui em Rondon o que se fez, foi exatamente a união”*.

No entanto Maria Fernanda Kluge mostra, em estudos que produziu sobre a celebração dos 300 anos de Curitiba, que esses eventos são profícuos em produzir identidades e territorializações políticas, da mesma forma, desavenças, discórdias e disputas em torno das identidades e pelos territórios<sup>36</sup>; tais aspectos serão desenvolvidos no decorrer desta dissertação.

Com base no referencial de Stuart Hall, Maria Fernanda Kluge e Maria Bernardete Flores, é que se pode falar que, na construção da identidade teuto-rondonense, através da *Oktoberfest*, a diferença importa, pois criam-se territorialidades próprias, no desejo de marcar

<sup>34</sup> Idem. p. 69.

<sup>35</sup> Documento fornecido pela Prefeitura Municipal de Marechal Cândido Rondon – PR.

<sup>36</sup> KLUGE, Maria Fernanda. M. *O Vêneto não Pode Morrer...* Op. Cit. p.142.

diferenças sociais e culturais. É-se “outros”, no sentido de contrastar a outras cidades da região e do Estado com histórias similares, conseguindo, destarte, encontrar uma imagem identitária para o Município, frente ao cenário estadual, para que possa ser reconhecido.

Como demonstra “T”, um dos criadores da *Oktoberfest*, “o outro interesse, foi fazer de Marechal Cândido Rondon - que é o município mais germânico do Paraná, (...) - foi destacar o município a nível de Paraná, na tendência que isso crescesse. (...) Ah! nós havíamos criado o projeto de germanização, exatamente para caracterizar o município”. A importância da diferença, de ser “outro” no cenário regional e estadual, é destacada: “Era comum você ir a qualquer lugar e dizer que era de Rondon e as pessoas falavam. Ah! a terra dos alemães, da nova Alemanha, o que nunca nos ofendeu, eu me orgulhava e me orgulho, como acho que qualquer rondonense, porque o município de Rondon é sem dúvida nenhuma, um município diferente. (...) pela sua estrutura fundiária, pela cultura e pela estrutura da cidade”.

A meta de divulgar e destacar o Município, na década de oitenta, fez com que todas as atividades fossem planejadas e programadas no intuito de motivar a comunidade a participar do projeto de arquitetura germânica, tanto quanto da execução e participação da e na *Oktoberfest*.

Este depoimento reafirma a constatação de Maria Fernanda Kluge ao afirmar porque “o Vêneto não pode morrer”: “a (re) construção da identidade ‘italiana’ e da etnicidade estão identificadas em torno da comida típica dos restaurantes e da politização deste grupo étnico no contexto das celebrações dos 300 anos de Curitiba, de disputa pela visibilidade relativa às outras etnias e que implica a construção da imagem da cidade cosmopolita”<sup>37</sup>.

Por conseguinte, a recriação e reinvenção da *Oktoberfest*, por iniciativa da administração municipal que investiu e investe, direta ou indiretamente, grande soma de recursos financeiros neste plano cultural de lazer, reafirmou e, ainda, reafirma, a identidade germânica na e da população e se apresenta como meta de uma política de lazer em relação ao tempo disponível de sua população. Entretanto esta festa serviu e serve,

<sup>37</sup> Idem. p.164.

**principalmente, para projetar e identificar o Município, no intuito de atrair novos investimentos e capitais, para que a cidade cresça e se destaque.**

### III - “A PREFEITURA NÃO É FEITA PARA PAGAR FESTA PARA O POVO (...)”.

#### 3.1. POLÍTICAS DE MERCADOS SIMBÓLICOS: NUMA FESTA TRADICIONAL TURÍSTICA

As festas tradicionais constituem-se em práticas ideológicas que dizem respeito à superestrutura de cada sociedade, porque nelas inventam-se novas tradições, quando é “*necessário conservar velhos costumes em condições novas ou usar velhos modelos para novos fins*”<sup>1</sup>, tanto do prisma da oferta da festa pelos poderes públicos, quanto da demanda pela sociedade.

Pondera Maria Bernardete Flores<sup>2</sup>, em atenção às festas germânicas de Santa Catarina, que : “*a invenção dessas festas germânicas têm reafirmado identidades, remexido lugares de memória, criado cenários simbólicos, representando e reforçando valores e aspirações. Mas a problemática destas festas não se encerra na perspectiva de retorno das tradições para reforçar identidades étnicas, embora talvez este aspecto seja um vetor mobilizador*”.

Para a autora, a tecnologia e a metodologia destas festas tornaram-se um modelo de economia turística, as quais “*se utilizam dos costumes locais numa espécie de bricolage, para*

---

<sup>1</sup> HOBBSAWN, Eric Introdução... Op. Cit., p.13.

<sup>2</sup> FLORES, Maria. Bernardete Ramos e WOLF, C.S. Imagens que não se Apagam: Representações de gêneros na *Oktoberfest*. In: **Projeto História**, n.º 14, Revista do Programa de Estudos de Pós-Graduação da PUC-SP, 1997, p.163.

*mercantilizá-los na forma de espetáculos ou produtos de consumo*<sup>3</sup>. Assim, tais festas tradicionais surgem como um recurso de determinada parcela da sociedade para a promoção do turismo. Como “atração turística”, aparecem cenários e tipos estilizando festas que eram tradicionais, transformando-as em atividades de lazer mercantilizada.

Destarte, na trajetória da construção cultural da *Oktoberfest* de Rondon, é possível perceber que os investimentos políticos e sociais, através do empenho dos organizadores dessa festa, visaram a fins comerciais. Apesar disso, nos primeiros anos do seu desenvolvimento, o interesse turístico não se mostrava tão transparente, buscando, principalmente, a expansão do comércio local, associado, concomitantemente à valorização da cultura germânica e à projeção do Município. Como relata “N” : *“Uniu vários objetivos, um natural, essa influência alemã. Agora, no sentido prático seria o lucro de uma festa. A possibilidade de projeção do município, de ser a amostra para os outros lugares, e assim, atrair investimentos para o município”*.

Atualmente, na *Oktoberfest* de Rondon, é possível perceber que as postulações de Geraldo Di Giovanni<sup>4</sup> sobre a crescente associação entre espetáculo e “*mass media*” vem sendo cada vez maior; assim, também, a movimentação financeira em torno desse evento, fato que se tornou rotineiro na sociedade contemporânea, nas duas últimas décadas, pois a mercantilização dessas práticas culturais está atingindo dimensões consideráveis em se tratando da variedade dos produtos que proporciona - que são majoritariamente simbólicos - e a quantidade de pessoas envolvidas nestas práticas, transformadas em um setor da produção capitalista.

Tal aspecto se evidencia, nos últimos anos, pelo fato da municipalidade e dos patrocinadores da festa verem esta prática como um potencial de propaganda e de lucro. Assim, investiu-se grande soma financeira em sua divulgação, através dos meios de comunicação de massa e de carreatas nas regiões Oeste, Noroeste e Norte do Paraná. Por conseqüência, tal iniciativa estimulou a vinda de um grande número de pessoas destas regiões, para participar desta

<sup>3</sup> FLORES, Maria Bernardete R. *Oktoberfest...* Op. Cit. p. 15.

<sup>4</sup> DI GIOVANNI, Geraldo Mercantilização das Práticas Corporais: O esporte na sociedade de consumo de massa. In: *Coletânea de Autores – III Encontro Nacional de História do Esporte, Lazer e Educação Física – Curitiba, PR: 1995, pp.15-22.*

festa, por outro lado, diminuiu a participação da comunidade local, o que se confirma nas palavras de “T”: *“Hoje a Oktoberfest virou uma espécie de carnaval, uma festa de bebedeira e de comilança, não há mais a participação da verdadeira família rondonense”*. Resultou, ainda, desta divulgação, a atração de um grande número de pessoas de fora, e da cidade, para comercialização de produtos na festa. *“Com o passar dos anos, houve interesse de pessoas, inclusive de fora, alugar espaços, e o negócio é vender, empurrar mercadorias, isto aqui passou a ser uma espécie de uma grande feira”*, diz “T”.

Bem assim, entende-se que o caráter de celebração, próprio de festas integradas no calendário litúrgico, agrícola, ou mesmo, das primeiras *Oktoberfests* foi transformado, pois, atualmente, esta festa tornou-se festa-espetáculo com outras funções, tendo adquirido outros significados, porque está penetrada pela lógica do valor de troca, concebida com função do consumo de mercadorias.

As postulações de Geraldo Di Giovanni, fundamentadas em Jean Baudrillard, também afinam-se às de Ademir Gebara, que se preocupam com questões pertinentes à produção cultural na sociedade contemporânea. O primeiro considera que um certo caráter comercial nunca deixou de estar presente, conquanto há algum tempo atrás priorizava-se o que ele nomina de “valor de uso” diferentemente do “valor de troca”, que se apresenta atualmente<sup>5</sup>; para Ademir Gebara, houve uma mudança qualitativa e quantitativa da comercialização do “tempo livre”<sup>6</sup>.

Em Rondon, o interesse principal que norteia a reedição anual da *Oktoberfest*, predominantemente, nos últimos anos, é turístico e de natureza comercial. As palavras de “A”, confirmam o pensamento dos demais organizadores da festa. *“Além do aspecto cultural, é também responsabilidade do poder público conseguir visualizar um mercado que naquela ocasião já tinha esse indicativo e, hoje muito mais do que naquela ocasião, esta aí fluente, é a questão do turismo, né”*. Complementa: *“Rondon tem tudo para fazer dessa prestação de*

<sup>5</sup> BAUDRILLARD, Jean. *A Sociedade de Consumo*. São Paulo: Martins Fontes, 1975.

<sup>6</sup> GEBARA, Ademir. O Tempo na Construção do Objeto de Estudo da História do Esporte, do Lazer e da Educação Física. In: *Coletânea de Autores – II Encontro Nacional de História do Esporte, Lazer e Educação Física – Curitiba, PR: 1994, pp. 188-189.*

*serviço uma grande fonte de renda, mas o Poder Público não pode esquecer o cultural, senão comprometeremos o aspecto econômico”.*

A recriação e reinvenção de festas tradicionais por iniciativa de administrações municipais, cada vez mais, está sendo um fato comum na sociedade brasileira, principalmente, em cidades de pequeno e médio porte, investindo na divulgação, estruturação física e programação deste plano cultural, muitas vezes, prevalecendo tal meta, enquanto política de lazer em relação ao tempo disponível de sua população. Surgem, então, como eventos turísticos, para projetar e identificar os municípios na intenção de atrair novos investimentos e capitais, para que a cidade se destaque e cresça, tornando-se, assim, mais um componente do âmbito terciário da economia desses municípios.

Sob este prisma, a partir de 1993, o Poder Municipal tomou iniciativas para melhor comercialização da *Oktoberfest*, por parte da comunidade local. Ouça-se o que diz “A”: *“Nós criamos em 93, uma quinta-feira que chamamos de “Noite do Rondonense”, criamos pra dizer para ele que o dia dele se divertir é na quinta-feira, na sexta, sábado e domingo era dia de trabalho, o dia dele ter êxito econômico. Hoje, o turismo é o grande filão que aí está, mas foi e é difícil porque ele [comerciante] quer participar da festa (...)”.*

Neste contexto, as manifestações da cultura popular rondonense, caracterizam-se como uma função folclórica com objetivos turísticos. O poder de difusão dos meios de comunicação, utilizando os mais variados recursos, para estimular a vinda das pessoas à festa e o consumo de bens simbólicos, não é tão efetivo como a aparência demonstra. Alfredo Bosi<sup>7</sup>, ao discutir o tema cultura de massa e o tema cultura popular, mostra que *“(...) a dialética é uma verdade mais séria do que supõe a nossa vã filosofia”*, pois o povo assimila, ao seu modo, aqueles conteúdos que são mais significantes no seu sistema de significados. Assim, a cultura de massa acaba, muitas vezes, fazendo o que menos quer, espalhando imagens, palavras e ritmos que

---

<sup>7</sup> BOSI, Alfredo. *Dialética da Colonização...* Op. Cit., p.329.

são incorporadas ou reincorporadas por uma generosa gratuidade do imaginário popular; vender, que é seu maior objetivo para quem não tem muito dinheiro, não é alcançado tão efetivamente.

Assim, expressa-se “R”: *“Hoje a prefeitura gasta dinheiro pra fazer a Oktoberfest, que eu acho uma coisa errada. Acontece o seguinte, o pessoal vem de fora, vem com camioneta, ônibus, de carro com caixas e caixas de isopor com cerveja, eles vem aqui para se divertir, dormem em qualquer lugar. Eles entram aqui de graça, eles gastam no máximo o que, um cachorro quente, esse pessoal come lanche”*. Este aspecto é evidenciado na fala de todos os informantes organizadores desta festa. O fato é que o maior número de participantes nesta festa é composto de jovens e, a festa ocorre em período de verão; por isso é comum, no amanhecer do sábado e do domingo, na cidade, encontrar um número significativo de jovens dormindo em praças e carros estacionados em diversos lugares; como ainda, nas barracas, quiosques e bosque do Parque de Exposição onde se concentra a festa.

Embora este aspecto esteja relacionado ao espírito de aventura, à fuga do cotidiano e à quebra da rotina familiar pelos jovens, também se apresenta, pela falta de infra-estrutura da cidade, no que se refere a hotéis, *camping*, pousadas. Leia-se a respeito o que disse “N”: *“A cidade não está preparada assim, pra esse contingente tão grande de pessoas, os jovens e todas as pessoas que querem ficar pro dia seguinte, não encontram lugar pra ficar, hotel, local para fazerem suas necessidades fisiológicas, então a consequência tá aí, a avenida principal parece um caos, um terremoto, aparece de tudo, papel, sujeira e muita bagunça”*.

Considerando que a divulgação da festa atraiu, majoritariamente, jovens, isto fez com que o retorno econômico não fosse tão grande quanto o esperado, pois esta clientela não fica em hotéis, não consome produtos dos restaurantes, ou os do Café Colonial; além disso, não paga estacionamento, nem ingresso. Por conseguinte, não gera grandes lucros para a comunidade e, conseqüentemente, para a municipalidade. Neste sentido fala “R”: *“Acho injusto todo rondonense ter que pagar uma festa pra gente de fora e gente da cidade certo, essa não é a finalidade do imposto de renda, né!”*

Tanto em Rondon, como em Blumenau, a comercialização da festa causou algum descontentamento na população local. Como nota Maria Bernardete Flores<sup>8</sup>, o afluxo de turistas, a bebedeira ampliada e a violência ocasional, “desvirtuaram” o caráter eminentemente cultural para o qual a festa foi projetada, conquanto, tanto aqui como lá, a comercialização fosse mesmo o objetivo da festa, isso acabou por carnavalizar este evento tradicional.

A grande maioria dos entrevistados, ex-organizadores e participantes locais enfatizam que a mercantilização da *Oktoberfest* nos últimos anos, acabou por “vulgarizar” a festa, carnavalizando este evento tradicional, o que se sintetiza no seguinte depoimento. Para “T”, *“Hoje a Oktoberfest virou uma espécie de carnaval anarquizado, lamentavelmente. (...) Rondon transformou a Oktoberfest numa festa de massa, sem olhar a qualidade e os objetivos da festa”*.

O acentuado interesse comercial nos últimos anos, onde a tônica da festa gira em torno da quantidade de pessoas que participam, do número de litros de chope e pratos típicos que são vendidos, fez com que as preocupações da administração municipal se direcionassem para com a infra-estrutura física do Parque de Exposições Álvaro Dias, onde se concentra a festa. Tais aspectos, também, fizeram com que fossem suprimidas algumas atividades que envolviam a comunidade do interior do município, como a da sede: ocorreram dificuldades em estimular maior participação comunitária na *Pré-Oktoberfest* e na festa oficial trajados tipicamente. Como nos reporta “T”: *“Mesmo depois de ser prefeito, sempre participava, enquanto a festa tinha ainda aquele espírito de conagração da cultura, da manutenção [da ordem] e disciplina, onde o aspecto comercial não era o principal”*.

Os interesses econômicos em torno desta festa são de diversas áreas, como também, de outros locais, como critica “N”:

*“A preocupação hoje é baseada no econômico, (...). Quem é atraído para cá não são as famílias, mas sim, muitos ônibus de jovens. Eu ouvi falar que estas empresas até oferecem bebidas, quando chegam a Rondon estão todos meio tontos, se acumulam nas principais ruas da cidade e nem sempre têm atitudes*

<sup>8</sup> FLORES, Maria Bernardete R. *Oktoberfest...* Op. Cit. p.23.

*tão alegres como a gente gostaria que fosse, não diria agressiva, mas comportamentos equivocados, com relação aos objetivos da festa”.*

A dimensão da *Oktoberfest* fez com que ganhasse contornos para além das expressões geográficas locais, gerando mudanças nas expressões culturais, nas relações sociais e na paisagem da festa. A mercantilização da festa trouxe progressos e, simultaneamente, problemas e conflitos.

Todos os informantes que trabalharam em entidades associativas e *stands* afirmam que a festa sempre gerou lucros para eles. Por conseguinte, conclui-se que houve ganhos para patrocinadores, barraqueiros, vendedores ambulantes e todos os demais que vendem produtos e gêneros alimentícios nesta festa. Como relata “E” que trabalha há muitos anos : *“Eu considero uma renda adicional, né. No nosso caso [stand], é um mês a mais de vendas praticamente, durante o ano, se a gente explora a festa e festa ocorrer normalmente”*<sup>9</sup>.

Embora a Prefeitura Municipal seja beneficiada com parte deste lucro, todos os informantes organizadores dizem que a festa sempre deu e dá prejuízos, considerando-se o grande investimento que é necessário fazer no seu planejamento, organização e desenvolvimento.

Neste sentido, a partir de 1996, a administração municipal tomou algumas iniciativas para a terceirização desta festa, como informa “A”: *“Nós tivemos a oportunidade de profissionalizar ela (sic) em determinados aspectos, menos na cobrança de ingresso, mas na divulgação, na limpeza, na própria festa, quer dizer, diminuiu essa sangria que é dos cofres públicos. Agora, com essa cobrança de ingresso [1997], vai fazer com que o poder público pare de colocar recursos nisso, e coloque seu trabalho, suas ações, que é realmente atribuições do poder público”*.

Deram-se, assim, as primeiras iniciativas na terceirização da *Oktoberfest* e da *Festa do Boi no Rolete*<sup>10</sup>, mas a maior problemática nos últimos anos gira em torno da cobrança ou não de

<sup>9</sup> Este termo é usado pelo informante no sentido de que a cobrança de ingresso na 11ª *Oktoberfest* fez com que diminuíssem sensivelmente as vendas nesta festa.

<sup>10</sup> Esta festa comemora o aniversário da cidade que ocorre anualmente em 25 de Julho, no Parque de Exposição Álvaro Dias, tendo como prato principal o Boi no Rolete, sendo que sua preparação concorre-se a premiação. Atualmente, se encontra na XIX Festa Nacional do Boi no Rolete, desenvolvendo-se simultaneamente a Expo' Rondon Internacional, num período de cinco dias com uma programação diversificada.

ingresso nas festas. Tal iniciativa, embora tenha sido solicitada e aprovada pelas entidades associativas que participam na organização dessas festas, mediante o elevado número de participantes e o fato da administração municipal alocar recursos financeiros de outras áreas públicas nestes eventos, gerou e ainda gera polêmicas, porque está vinculada a interesses partidários e políticos, de cunho eleitoreiro, quer de gestões anteriores ou da última. Como demonstra-nos “A” ao referir-se sobre a não cobrança de ingresso: *“Esta questão é cultural, e também fruto do governo anterior, que foi uma forma de ganhar aquelas eleições naquela ocasião, fazendo com que Rondon tivesse a sangria de aproximadamente 800 mil reais a cada ano (...). No entanto, tal fato também se apresenta em sua gestão. “O município tem que participar com sua infra-estrutura, isso vai ocorrer agora [1997] com respaldo da própria população e da sociedade organizada que já haviam solicitado, mas que não podia ser feito por uma questão política da época, mas vai ocorrer, como acontece em todo o lugar”.*

Neste contexto, a *Oktoberfest/97*, como um evento turístico, necessitou ser melhor redimensionado sob variados aspectos, para a melhor efetivação de sua terceirização, tornando viável a proposta do governo municipal: empresários e comerciantes uniram-se em torno de uma causa turística do Município. Nesse sentido, o setor público forneceu a infra-estrutura tendo como retorno o ingresso; os patrocinadores oficiais: Um banco e uma fábrica de cerveja participam com exclusividade em troca de *marketing* e distribuição da bebida, comparecendo o setor privado na efetivação da terceirização dos serviços de limpeza, segurança, sonorização e alimentação, e a atuação das entidades associativas na distribuição da bebida na festa, retornando para a Prefeitura uma percentagem, extraída também das barracas com o pagamento de aluguéis. Assim, explica “R”: *“Quando eu falo em profissionalizar a festa, é porque ela tem que ser auto-suficiente, ela tem que dar renda e tem que servir pro povo de Rondon, isto é, ajudar no orçamento familiar, certo. Em contrapartida, nós temos que cuidar da tradição, (...), das danças folclóricas e tudo isso, tem que permanecer se não ela descaracteriza, certo”.*

A reestruturação da *Oktoberfest/97* pelo Poder Municipal atual, teve como objetivo a geração de empregos para a comunidade rondonense e maiores lucros para a municipalidade. Para tanto, as estratégias se direcionaram, principalmente, em duas vertentes: **na decisão pela cobrança de ingresso na festa**; tal iniciativa gerou conflitos, problemas e contradições como se verá no capítulo seguinte. Como esclarece “Ar”:

*“A questão do ingresso acabou se tornando mais uma vez um tema de amplo debate [críticas] e não era isso que a gente pretendia, e ela se prende a dois fatores: Primeiro que, o poder público precisa aprender a fazer as coisas com profissionalismo e deixar de fazer coisas que engorduram os cofres públicos e, Rondon é campeão nisso é uma herança que vem de longos anos, (...) estamos atendendo um clamor da sociedade organizada, documento entregue pra mim, enquanto candidato, exigindo entre outras coisas, a instituição de ingresso nos eventos do município. Porque as sociedades organizadas tem consciência de que a prefeitura não é feita prá pagar festa pro povo”.*

O outro direcionamento foi dado, em função de que a **maioria dos produtos básicos da festa são oriundos de fora**, predominantemente, de Santa Catarina; assim o governo atual tomou iniciativas junto à CDL – Câmara de Dirigentes Lojistas e à ACIMACAR - Associação Comercial, Industrial e Agropecuária de Marechal Cândido Rondon, no sentido de estimular e mobilizar a comunidade comercial e industrial, para que houvesse maiores iniciativas na fabricação e na produção de artigos com a simbologia da cultura germânica, e outros, para serem comercializados na festa. Como se reporta “R”:

*“Por exemplo, Rondon faz na Oktoberfest o Eisbein e o Kassler, mas a salsicha vermelha compram em Pomerode, Brusque, SC. Por isso eu digo, os açougueiros têm que começar a fazer esta salsicha, ele vai ganhar muito dinheiro(sic).”* E complementa: *“Porque não, na Oktoberfest ter um cara vendendo cuca, pão caseiro, essas geléias que pra nós é Schimia, essas coisas certo, tem que conscientizar nosso povo de que pode dá dinheiro vendendo essas coisas, deveriam aproveitar. Então, esta seria a política agora junto á comunidade na fabricação, na atuação mais comercial da festa, é isso ou eu tou errado?”.*

No entanto, para aumentar a participação da comunidade no setor terciário, com implicações em termos de economia informal, não é tão fácil, principalmente, quando se refere a uma comunidade onde a característica de trabalho é formal, sua forma de atuação nas festas é de trabalho associativo e tem o gosto acentuado por festas. Por consequência, o trabalho informal, através do turismo, faz com que o Poder Municipal enfrente dificuldades.

Tal aspecto é relatado por “R”: *“Vamos dizer o seguinte, nosso povo é diferente, ele é mais dado, ele é mais alegre, ele é mais desinteressado, por isso, que essa festa dá certo aqui, pela nossa formação, certo. (...) Só que nisso, nós também temos que perder um pouco desse negócio de se dar, dele ser bom, e ... ele tem que se nortear e nós dizer a ele: “Oh! minha gente, nós podemos ganhar dinheiro”.*

Por tudo isso, políticas de redirecionamento e de maior flexibilização do mercado de trabalho, faz com que o turismo, através de um evento de lazer de massa, torne-se, em Rondon, mais um dos componentes do âmbito terciário de sua economia.

**Analisadas historicamente, verifica-se que o surgimento das festas tradicionais urbanas, recriadas e reinventadas, entrelaçando passado e presente, constituem-se num fato social e cultural de grande importância na sociedade pós-industrial com o aparecimento do turismo de massa e do lazer, como fenômenos econômicos que suscitam reflexões sobre o uso do tempo de não trabalho, que envolvem questões culturais, econômicas, psicológicas e sociais<sup>11</sup>.**

Sob este prisma, as palavras de “Ar” destacam que o objetivo principal da *Oktoberfest/97* é gerar empregos para comunidade rondonense. *“Nós queremos divulgar o município, para proporcionar oportunidades para os rondonenses, trazendo gente aqui, gente que gaste comprando, (...). Então, esse é o nosso enfoque nesse momento, oportunidades, depois o lazer e ir destacando o folclore e a cultura germânica”.*

---

<sup>11</sup> FLORES, Maria Bernardete Ramos; WOLFF, Cristina Scheibe. *Imagens que não se apagam...* Op. Cit. p. 161.

Esta fala, o documento de Apresentação da 11ª *Oktoberfest* (Anexo III), os depoimentos anteriores, e dos participantes locais, levam-nos a concluir que a festa, enquanto uma das diretrizes da política de lazer por parte do Poder Público, está vinculada, primeiramente, como uma atividade econômica de lazer de grande importância para o município de Marechal Cândido Rondon. E é em torno desta diretriz que os objetivos da festa são arrolados, com exceção de um, inclusive, naquele que se refere ao lazer, expresso da seguinte forma: “*Propiciar lazer a toda população regional*”<sup>12</sup>. Tal objetivo é alcançado efetivamente, considerando que, atualmente, o maior número de participantes, nesta festa, provêm de cidades vizinhas; conseqüentemente, converte-se em benefícios financeiros para todo o Município.

Entendendo **Políticas de Lazer** como especificado no capítulo um e, especificamente em relação à *Oktoberfest*, atualmente, é visível que o Poder Municipal tem como meta a política de ordenação de espaços na festa, pois sua estrutura física é ampliada e estruturada com novos equipamentos e com atraentes decorações. Assim, a municipalidade, também, preocupa-se em oferecer diversas alternativas de lazer nesta festa, nos campos dos interesses físicos, artísticos e sociais. É dentro deste contexto que se enfatiza: “*As ações públicas deste município giram em torno de um único objetivo: A melhoria da qualidade de vida de todos os seus habitantes. E é dentro deste contexto que acontece todos os anos, a OKTOBERFEST, uma festa cujo objetivo maior é a alegria*”<sup>13</sup>.

Estes aspectos, na *Oktoberfest*, embasam e dão legitimidade a uma política de lazer<sup>14</sup> do Poder Municipal, relacionada ao tempo disponível de toda a sua população; entretanto podemos perceber que ela está associada a outros valores e, no que se refere ao lazer da comunidade local, apresenta-se como segundo plano. Como se evidenciou anteriormente, e se

<sup>12</sup> Documento de Apresentação da 11ª *Oktoberfest* fornecido pela Prefeitura Municipal de Marechal Cândido Rondon.

<sup>13</sup> Documento de Apresentação da 11ª *Oktoberfest* fornecido pela Prefeitura Municipal.

<sup>14</sup> Para Renato Requixa, Políticas de Lazer não são função exclusiva do poder público, mas sim de toda sua população, e deve estar embasada em três aspectos, que são: uma política de ordenação dos espaços; uma política de reordenação dos tempos; e uma política de animação sócio-cultural nos equipamentos de lazer. (REQUIXA, Renato. *Sugestão de Diretrizes...* Op. Cit. p.99.)

confirma em suas estratégias de *marketing* que pretendem: *“Evidenciar preocupação com atendimento e bem estar aos visitantes”, e “Atingir um público mais selecionado”*<sup>15</sup>: tal aspecto está relacionado à cobrança de ingresso que, conforme os depoimentos de todos os participantes locais, trabalhadores e turistas, foi considerado de alto valor, conseguindo restringir, acentuadamente, a participação da comunidade local, na festa de 1997.

Embora tenham sido utilizadas estratégias diferentes para beneficiar o público local, com entrada gratuita nas quintas-feiras e tomadas iniciativas de reduzir o preço dos ingressos no decorrer do desenvolvimento da festa, essas medidas não solucionaram os problemas causados pela pouca participação do público local, em relação aos anos anteriores, por isso, simultaneamente, houve decréscimo na comercialização de produtos na festa.

Outro aspecto, também demonstrado em suas falas anteriores, e que se sintetizam nas palavras de “Ar”, é o não reconhecimento do lazer como uma necessidade básica da população, como o é o trabalho, a saúde, a habitação e muitos outros aspectos do quase infinito caleidoscópio compreendido nos conceitos “social” ou “cultural”. *“A prefeitura não é feita pra pagar festa pro povo, tem que fazer sim, naquele ideal de divulgar o município, de gerar oportunidades, mas não deve se expor ao sacrifício muito grande, (...) sacrificando áreas essenciais, onde o município deve agir, por exemplo a saúde.”*

No entanto a cobrança de ingresso, outrossim, teve outras dimensões, apresentando-se como estratégia do Poder Municipal e da elite da comunidade, de exclusão da população menos favorecida financeiramente: as palavras de “T” enfatizam esta questão. *“Parece que este ano vão cobrar ingresso, isso é bom, é uma forma de recuperar e até uma forma de se fazer seleção do público. Quando se populariza uma festa, quando se torna vulgar - como se tornou - é muito difícil você inculcar algum aspecto cultural [germânico], porque o próprio público que ali está, não vai aceitar (...), porque estão divorciados de qualquer interesse cultural a não ser a festa pela festa, farrá pela farrá, bebedeira pela bebedeira”.*

<sup>15</sup> Documento de Apresentação da 11ª *Oktoberfest*, Op.Cit.

Para finalizar, entende-se que os interesses que norteiam o desenvolvimento sucessivo da *Oktoberfest*, atualmente, pela administração pública, ainda se caracterizam na valorização da cultura germânica, mas com objetivos de projeção municipal para a comercialização de produtos. Como toda festa pertence ao seu próprio tempo, nos dias de hoje, na “onda” do multiculturalismo, os teuto-brasileiros, com suas festas de tradição, parecem ser apenas mais uma “tribo” desta sociedade, alegre e divertida que é capaz de fazer música, dança e chope se transformarem em bastante dinheiro, em meio à farsa burlesca e colorida das *Oktoberfests*<sup>16</sup>.

No entanto, dizer que a 11ª *Oktoberfest* é somente um produto econômico que aporta lucros à comunidade e aos seus promotores, é mostrar, apenas, uma face deste acontecimento que tem muitas delas. Assim, após terem sido demonstradas as condições, a partir das quais se construiu, e as maneiras como essa “tradição inventada” interessou e interessa aos desígnios do Poder Municipal e elite dominante, procurar-se-á demonstrar a maneira de como foi organizada a 11ª *Oktoberfest* e o cenário festivo que antecedeu a esta festa.

### 3.2. A 11ª OKTOBERFEST POR FORA

Apesar da 11ª *Oktoberfest* “Oficial” ter seu início previsto, apenas, para 16 de outubro de 1997, sua organização foi iniciada com bastante antecedência. Em primeiro lugar, as autoridades municipais de Marechal Cândido Rondon definiram o presidente e o coordenador geral da Comissão Central Organizadora dos Festejos - CCO, que foram respectivamente, o prefeito municipal e o proprietário da empresa particular “X”, os quais, posteriormente, definiram os responsáveis para as subcomissões. Estas foram as de: infra-estrutura, bandas, finanças, cerimonial, desfile, alimentação. A CCO, foi composta, exclusivamente, por elementos que

---

<sup>16</sup> FLORES, Maria Bernardete R. *Oktoberfest...Op. Cit.*, p.50.

pertencem ao poder administrativo da Prefeitura Municipal e pelo proprietário da firma particular “X”<sup>17</sup>.

Com base em Relatório Geral da 11ª *Oktoberfest* (Anexo VI), e nas informações colhidas com os responsáveis pelas subcomissões, indica-se que as principais decisões e estratégias, quanto à estrutura e à organização, desta festa em 1997, foram feitas pelo arbítrio da autoridade municipal, do proprietário da empresa “X” e pelo responsável da subcomissão de infra-estrutura, os quais, de forma conjunta, iniciaram os preparativos naquilo que concernia à infra-estrutura a partir de julho; de modo análogo, repassaram suas decisões e normatizações para as respectivas subcomissões exercerem suas funções, no que se referia à organização e ao desenvolvimento deste evento.

No entanto as palavras de “Ar” procuram demonstrar que a organização da festa havia sido feita pela CCO em conjunto com a firma particular: *“É, a organização, ela teve um ingrediente diferente esta vez, o município contratou uma empresa, a AMP, que de certa maneira, organizou, juntamente com a comissão central, o evento”*.

Num panorama geral desta festa, pode-se relatar que, quanto à infra-estrutura, foi necessário entrar em contato com a instituição bancária e com a distribuidora de bebidas que, oficialmente, patrocinam todos os anos, assim como, com os outros interessados. Esta função foi de responsabilidade da empresa contratada, como informa “Ar”: *“A ação da AMP teve mais ligada na área de buscar patrocinadores, especialmente para divulgação da festa, porque a divulgação, ela é feita até a nível nacional, ela tem um custo elevado, então sua tarefa, entre outras, era de viabilizar o evento através de patrocinadores, de parceiros, isso foi em parte conseguido”*.

Da mesma forma, foi necessário proceder à definição de datas, programação, estratégias de divulgação, acerto de preços e impressão do material de divulgação em *folders*, cartazes e nos meios de comunicação de massa, como, também, estudar a definição de preços

---

<sup>17</sup> Conforme Relatório Geral da 11ª *Oktoberfest*, fornecido pela Prefeitura Municipal.

para ingresso, o de aluguel de barracas, a percentagem correspondente aos restaurantes, Café Colonial, *stands* de *souvenirs*, entre outros; a contratação de firma para elaboração de cartões magnéticos para trabalhadores e participantes da festa, bem como, a contratação de firma para decoração dos pavilhões e de todo o Parque de Exposição com apoio da mão de obra do Centro Social Urbano; além de definir estratégias de decoração das ruas e no comércio da cidade; a contratação da firma de limpeza, a de sonorização, entre outros serviços.

Vários procedimentos foram realizados, mas sob a incumbência das outras subcomissões, tais como: a abertura do período de inscrição e confirmação de entidades associativas que se responsabilizassem pelas copas, as entidades privadas ou associativas para assumirem o Café Colonial e os restaurantes na festa, da mesma forma, os comerciantes de *stands* e barraqueiros. Confirmar a participação da ARCO (Associação Rondonense de Cultivadores de Orquídeas) quanto à Exposição de Orquídeas e a AABB – Associação Atlética Banco do Brasil, para venda dos ingressos e fichas na festa.

Quanto à seleção dos interessados em trabalhar no comércio da festa, deu-se, através de dois períodos de inscrições: o primeiro, foi destinado à inscrição de pessoas ou grupos da comunidade local. Após o seu encerramento, abriu-se um segundo período, destinado aos interessados “de fora”, de outros lugares e regiões.

As formas de pagamento foram as seguintes: os barraqueiros com pagamento de aluguel e, nos outros casos, em troca de uma percentagem de seus lucros para a prefeitura; assim, supunha-se que todos pudessem participar da festa comercializando seus produtos.

No anos anteriores, os restaurantes e o Café Colonial eram assumidos por entidades filantrópicas e associativas. Neste ano, com a maior efetivação da terceirização desta festa, a maioria destes locais foram repassados à entidades privadas. Cabe destacar que, nos primeiros anos da festa, as barracas eram poucas e, na sua grande maioria, pertenciam aos moradores da cidade. Atualmente, além de ter aumentado sensivelmente o número de barraqueiros locais, tem aumentado o número de pessoas de outros Estados e do interior do Paraná, **que trabalham,**

**exclusivamente, com barracas em festas.** Por conseguinte, novas mercadorias surgem no cenário interno e externo da festa, como por exemplo, relógios, bijuterias, balões infláveis, além de serem introduzidos outros itens alimentícios, tais como churros, batata frita e sorvete.

A importância do trabalho das entidades associativas e filantrópicas para o desenvolvimento da festa é destacada pelo informante “Ar”: *“Nunca se pode dispensar a participação da sociedade organizada, (...) essas instituições, clubes de serviços e outros que se envolvem na organização e também na realização da festa, não se pode dispensar, que é sinônimo de gente que vai trabalhar no evento, fazer com que aconteça, e se faça com qualidade”*. Embora, a autoridade municipal enfatize a participação de todas as entidades na organização da *Oktoberfest/97*, os depoimentos dos informantes trabalhadores e as informações dos responsáveis pelas subcomissões nesta festa, demonstraram que, apenas, houve a aprovação e o cumprimento das metas decididas. Como por exemplo, o CDL – Câmara de Dirigentes Lojistas e a ACIMACAR – Associação Comercial, Industrial e Agropecuária de Marechal Cândido Rondon, participaram na aprovação do valor do ingresso; na proposta de estímulo à comunidade rondonense para a fabricação de gêneros alimentícios e outros com base na cultura germânica, para uma maior comercialização destes produtos na festa; e na comunicação e aprovação dos prazos de inscrição e valor do aluguel ou percentagem correspondente ao tipo de comércio na festa.

Para que a *Oktoberfest* se realizasse, houve necessidade de contratação de bandas musicais, para atuarem nos bailes, e grupos instrumentais musicais, para atuarem nos restaurantes e Café Colonial. Bandas e grupos musicais, para que executassem os gêneros e ritmos típicos “teuto-brasileiros” já mencionados, e outros de acordo com o momento e circunstâncias específicas, esses conjuntos podendo ser de fora ou da cidade. Outrossim foi contratada uma Banda da Alemanha a *“Bockenauer Musickanten”*.

A equipe do cerimonial preocupou-se com o convite a Grupos Folclóricos da sede e do interior do Município e com a contratação de grupos folclóricos de fora. Cuidou, também, da

atuação do *Opafass*, Rainha e seus acompanhantes, “símbolos da *Oktoberfest*” durante todo o período festivo, e, do mesmo modo, com o convite às moças de todo o Município, interessadas em participar do Concurso da Rainha da festa de 1997, tendo como requisito, somente, o uso do traje típico. Cuidou, por fim, da organização do cerimonial de abertura da festa “oficial”, e da definição das normas e responsáveis pelo concurso de Chope em Metro.

Ao mesmo tempo, foi necessário que a subcomissão de desfile entrasse em contato com representantes dos distritos, escolas, firmas, grupos de idosos e grupos folclóricos, convidados para participar no Desfile Folclórico e Carros Alegóricos. Esta subcomissão tomou providências quanto à estrutura física do palco, convite às autoridades e ao radialista locutor. Enquanto isso, a Comissão de Alimentação se preocupou na coordenação dos restaurantes.

Foi necessário, também, organizar-se uma equipe de reparos na estrutura física do Parque de Exposições Álvaro Dias, decoração interna dos pavilhões e restaurantes que teve participação do CSU – Centro Social Urbano, em troca de uma percentagem dos lucros; bem como, contatar a Polícia Militar, e de Trânsito, e equipes de Saúde para seu apoio neste período festivo.

Nos dois dias antes da festa, entidades privadas, associativas, barraqueiros e funcionários públicos se reuniam no Parque de Exposição ultimando os preparativos finais. No dia do início, foram preparados os pratos típicos, instaladas as aparelhagens necessárias e feita a colocação dos produtos à venda. Do lado de fora do parque, foi possível observar grande movimentação, terrenos baldios foram transformados em estacionamentos, bares e barracas se estruturaram para a grande festa.

As copas de chope e um restaurante foram constituídas por pessoas integrantes de associações de funcionários, de entidades filantrópicas e associações profissionais, moradores de Marechal Cândido Rondon. São homens e mulheres que se desligam de seus afazeres cotidianos, do trabalho profissional e dos cuidados com a casa e filhos, para se dedicarem integralmente à tarefa não remunerada de trabalhar na festa.

Assim, após terem sido demonstrados os procedimentos realizados pela Comissão Central Organizadora dos Festejos – CCO na organização da 11ª *Oktoberfest*, procurar-se-á mostrar, no item seguinte, o cenário da cidade, o qual também, recebeu cuidados especiais, especialmente, no que diz respeito à decoração.

### 3.3. UM CENÁRIO FESTIVO

Como em todos os anos, no mês de outubro, há uma atenção especial por parte do Poder Público e da elite dominante de Marechal Cândido Rondon, em relação à manutenção e o reforço da imagem que identifica o Município Neste sentido, desenvolvem-se estratégias de legitimação simbólica e política de representação da germanidade, em torno de um cenário voltado, principalmente, para atração turística. Exemplo disso, é o desenvolvimento do Concurso de Vitruvas e Fachadas para a *Oktoberfest* de 1997, promovido pela ACIMACAR – Associação Comercial, Industrial e Agropecuária de Marechal Cândido Rondon, tendo como objetivos: *“contribuir com a caracterização germânica do município; estimular o uso de flores e folhagens naturais; incentivar a decoração das empresas; despertar o espírito festivo e servir de decoração da cidade, (...)”*<sup>18</sup>. Além de estimular a participação das empresas neste concurso, através da premiação em dinheiro das cinco vitruvas ou fachadas que estivessem mais enfeitadas. A comissão julgadora, segundo o Jornal Presente, do dia 19/09/97, tinha os seguintes critérios: *“(...) criatividade e originalidade; o impacto visual; a iluminação; a fidelidade ao tema; o uso de flores e folhagens naturais; e cumprimento do regulamento”*<sup>19</sup>.

---

<sup>18</sup> Jornal O Presente, 19/09/97, p.9.; O Jornal, 23/10/97, p.07;

<sup>19</sup> Idem.

Seguindo esta regulamentação, verificou-se que a maioria do comércio da cidade participou deste concurso. Além destes, envolveram-se, neste cenário, as agências bancárias, os locais de prestações de serviços públicos Municipais e Estaduais, decorando, externamente e internamente suas instalações, através de motivos germânicos. Torna-se importante ressaltar que alguns destes locais de comércio foram construídos com base na arquitetura colonial da Alemanha.

Da mesma forma, a administração municipal se responsabilizou em enfeitar o espaço físico da cidade; pois troncos de árvores e meio-fio das ruas centrais foram pintados, os canteiros públicos arrumados e flores plantadas. Determinadas ruas foram decoradas com bandeirolas, flores e *outdoors*. Tudo isso, no sentido de contribuir no reforço da imagem identitária da cidade.

Concomitantemente às iniciativas acima expostas, iniciou-se o período festivo da *Oktoberfest* de 1997, com o desenvolvimento de quinze *Pré-Oktoberfest*, programadas durante o período de 27 de setembro a 15 de outubro, constituindo-se numa forma de divulgação antecipada da “Oficial”, com exceção da última, que foi desenvolvida no período intermediário da festa oficial, ou seja, 20/21/22 de outubro. A promoção destas festas foi feita por linhas<sup>20</sup> e distritos do interior do município de Marechal Cândido Rondon, bem como, por associações e/ou entidades privadas da cidade-sede. Algumas tiveram a duração de uma noite, outras de duas; e, uma, até de três noites. Conforme convite (Anexo IV), elaborado em conjunto com a Prefeitura Municipal e distribuído para a comunidade rondonense, podemos relacioná-las abaixo:

27/09 – Os Milionários – Avenida Sete de Setembro (Calçada da Sete)

28/09 – Porto Mendes

---

<sup>20</sup> Linha: corresponde a uma determinada área rural, que tem apenas uma estrada principal, que é a via de acesso para o deslocamento dos agricultores que moram neste local.

01/10 – *Claudiu's* Restaurante  
02 e 03/10 – AMPE – Assoc. Micro e Pequenas Empresas – Pizzaria Calçadão  
04/10 – Linha *Heindrich*  
04/10 – Iguaporã  
04/10 – SESC – Clube Concórdia 3ª Idade  
05/10 – Lanchonete *Skol* – Rua Paraná  
07 e 08/10 – Difusora/CDL e Lanchonete *Dein House*  
09 e 10/10 – *Golden Fass*  
11/10 – Novo Três Passos  
11/10 – Margarida  
12/10 – Bom Jardim  
15/10 – *La Bodeguita* – Av. Maripá  
20, 21 e 22/10 – Milionários – Av. Sete de Setembro.

Vale destacar que foram desenvolvidas mais outras *Pré-Oktoberfest* no espaço urbano, que não faziam parte da programação oficial, como é o caso das promovidas pelas Associações de Idosos “Amizade” e “Paz e Amor” e da “Agência 7”.

De um modo geral, pode-se relatar algumas características sobre todas estas festas, quer sejam daquelas que foram realizadas na área rural e daquelas desenvolvidas no perímetro urbano do Município.

As festas, desenvolvidas no interior do Município, foram realizadas em ginásios de esportes ou clubes particulares ou associativos dos respectivos locais. Os espaços internos destes locais foram decorados com bandeirolas nas cores da bandeira da Alemanha e bandeira de Marechal Cândido Rondon, com flores e folhagens artificiais, com *paneaux* decorativos com figuras ou dizeres escritos em alemão.

O público, presente nestas festas, consistiu, preponderantemente, da comunidade das respectivas linhas e distritos. Estes, na sua grande maioria, são agricultores de ascendência européia, mas, também, houve presença de pessoas da cidade sede, na maioria adultos, jovens e alguns idosos. O ritmo de música consistiu na marcha, sendo tocada e cantada em alemão e, em alguns raros momentos, apresentavam-se a valsa e o xote<sup>21</sup>.

Nas *Pré-Oktoberfest* do interior do Município, houve a apresentação de danças folclóricas alemãs por grupos folclóricos dos distritos e da cidade-sede, com a presença do *Opafass* e da Rainha de 1996 e seus acompanhantes. Após a apresentação, estes grupos animavam e motivavam o público presente a participar de diversas expressões de danças, havendo a formação de círculos, trezinhos, dançadas, individualmente, ou em pequenos grupos, e danças dois-a-dois com outros que não pertenciam ao seu grupo. Apenas eles, os componentes da banda e alguns casais, estavam trajados tipicamente; pois a grande maioria das pessoas estava trajada a passeio.

**No entanto o estilo de dança que predominou nestas festas, foi a forma tradicional de dançar marcha em duplas de casais. Foi possível perceber nestes bailes, uma demarcação imaginária rígida entre espaço da pista de dança e espaço fora da pista, sendo este determinado às pessoas, para sentar ou ficar em pé, conversando, observando e tomando chope e, aquele, para dançar.**

---

<sup>21</sup> Vale reiterar que valsa têm compasso  $\frac{3}{4}$ , a marcha, o xote e o vanerão são gêneros musicais que têm compasso  $\frac{2}{4}$ , mas apresentam estruturas rítmicas distintas pela combinação de valores das figuras musicais que as formam, apresentam estilo dinâmico e alegre. A marcha e a valsa são cantadas, predominantemente, em língua alemã, naquela, o instrumento principal é o de sopro, nesta os de tecla e corda, enquanto que, o xote e o vanerão são cantados em língua portuguesa, sendo o instrumento principal o acordeão. Segundo Barbosa Lessa e J. C. P. Cortes, estes ritmos musicais foram trazidos pelos imigrantes alemães que colonizaram o Rio Grande do Sul e se mesclaram com os ritmos dos campeiros, e, posteriormente, foram levados para os Estados de Santa Catarina e Paraná. Para os autores, o *schottisch*, *hacken-schottisch*, *herr-schmidt*, *militar-walzer*, etc., eram irmãos de músicas que mais tarde – hoje – se tornariam expressão gauchesca, como “polca marchada”, “chote”, “vanerão”, etc. Ao passo que, a *walzer*, a *ritsch-polka*, a *kreutz-polka*, o *rheinlander*, transformam-se na valsa e na marcha, caracterizando-se como músicas regionais do Sul do Brasil. (LESSA, Barbosa e CORTES, J. C. P. A contribuição do Imigrante Alemão. In: **Danças e Andanças da Tradição Gaúcha**. 2 ed. Porto Alegre, Garatuja, 1975, pp. 55-56).

Em relação às *Pré-Oktoberfest*, realizadas na cidade, a maioria delas foi desenvolvida nas ruas, prioritariamente, em frente a uma das entidades promotoras, com exceção, das promovidas pelo SESC, Associações de Idosos e Agência 7, que se desenvolveram em locais fechados, associativos e particulares.

Nas festas de rua, a estrutura física compreendia um palco, miniaturas de “*casa dos alpes*” para a venda de fichas, barracas de chope e estruturas da entidade promotora. Como visto antes, as ruas neste período encontravam-se, igualmente, decoradas.

Nas festividades de ruas, a participação da comunidade local se restringia àqueles jovens, de diferentes etnias, que retornavam do período de aulas. Predominaram ali, tocadas pelas bandas, músicas com os ritmos de marcha, xote e vanerão em proporções semelhantes. As principais práticas consistiram em observar, conversar, apreciar a música e tomar chope. **O ato de dançar se manifestava, também, mas de forma tímida, num ambiente sem muita motivação, em dupla de casais ou de moças.**

Somente em duas dessas festas, pode-se observar a presença do *Opafass*, Rainha e seus acompanhantes, e só, em uma delas, houve apresentação de um grupo folclórico, sendo eles e os músicos, os únicos, vestidos à caráter.

As festas, promovidas pela associação dos idosos “Amizade” e Paz e Amor”, foram desenvolvidas nas sedes dessas entidades que estavam muito bem decoradas. A primeira foi desenvolvida no período que antecedeu a *Oktoberfest* “Oficial”. Assim, o público presente consistiu-se, preponderantemente, dos idosos que pertencem àquela associação.

Já a *Pré-Oktoberfest*, promovida pelo grupo de idosos “Paz e Amor”, foi desenvolvida na noite de sábado, da segunda etapa da festa principal. Devido ao fato de que, neste dia, a *Oktoberfest* se caracteriza como um evento de massa e esta entidade ficar bem próxima ao Parque de Exposição, um grande número de pessoas da comunidade local dela participou. **Numa análise geral, pode-se dizer que esta festa foi a expressão da *Oktoberfest* Oficial que, mais aproximadamente, pareceu-se com aquelas de cinco anos atrás, pois, além**

**de reunir a comunidade local, expressou componentes culturais próprios dos momentos festivos que fazem parte da vida deste grupo social.**

Em ambas, as bandas foram compostas por pessoas que pertencem à própria entidade associativa, constituindo-se o repertório musical de marchas, valsas e polcas alemãs. Naquelas oportunidades, desenvolveram-se atividades, como: Concurso da Rainha do Clube, apresentação da dança folclórica polonesa e, este ano, houve o primeiro leilão de Boneca de *Kerb*<sup>22</sup> na associação “Amizade”.

A festa promovida pelo SESC, para todos os idosos de Marechal Cândido Rondon, desenvolveu-se no salão de baile do Clube Concórdia que estava decorado de forma bastante simples. Estiveram presentes, somente, as duas associações de idosos, as quais iniciaram, conjuntamente, o baile com dança folclórica polonesa. **Entretanto, na ocupação do espaço físico, pôde ser observado que as respectivas entidades se separavam, ocupando cada qual um dos lados do salão.**

**Nessas três últimas festas, os estilos de danças que se desenvolveram foram a marcha e a valsa, dançada em dupla de casais ou dupla de mulheres, e todos os participantes eram de ascendência étnica européia, predominando a alemã.**

Já, na promovida pela Agência 7, que é uma das danceterias da cidade, a proposta consistia na compra de um caneco de chope com direito à consumação livre desta bebida, o ambiente não foi decorado e, nas músicas, destacava-se a marcha, mas, ainda, ouviram-se outros ritmos, que eram provenientes de som mecânico. O público presente foi, especificamente, composto por jovens da cidade que vivenciavam as diversas manifestações de danças.

---

<sup>22</sup> Esta atividade fazia parte da *Kerbfest*, que era realizada aproximadamente até 1970, em comemoração ao aniversário de fundação da Igreja Luterana no Brasil.

## IV - OS MÚLTIPLOS SENTIDOS DO “CARNAVAL ALEMÃO”

### 4.1. UM CENÁRIO<sup>1</sup> DIVERSIFICADO E VARIADO

A 11ª *Oktoberfest* desenvolveu-se em duas etapas: 16 a 19 e 23 a 26 de outubro de 1997<sup>2</sup>, (Anexo V). Como em todos os anos, a abertura da festa foi feita com a passagem do *Bierwagen*<sup>3</sup> pelas principais ruas e avenidas da cidade de Marechal Cândido Rondon, distribuindo chope aos moradores e comerciantes que se deslocavam para as calçadas a fim de recepcioná-lo.

---

<sup>1</sup> MAGNANI, JOSÉ GUILHERME C. Quando o campo é a cidade: Fazendo antropologia na Metrópole. In: MAGNANI, J.G.C. & TORRES, L.L. (org.). *Na Metrópole: Textos de antropologia urbana*. São Paulo: Universidade de São Paulo; FAPESP, 1996. Compartilhamos com o autor, que o cenário nesta perspectiva não corresponde só ao conjunto de elementos físicos ou à idéia de um palco para desempenho dos papéis dos atores, “é entendido como produto de práticas sociais anteriores e em constante diálogo com as atuais – favorecendo-as, dificultando-as e sendo continuamente transformado por elas”. p.37. O cenário é aqui entendido, a relação dialética entre estrutura física, papéis sociais e as diferentes formas de práticas dos atores na apropriação de um determinado espaço.

<sup>2</sup> Em termos de temporalidade, a *Oktoberfest* pode ser denominada como um “Ritual de Calendário”, por fazer parte do calendário oficial do Município, e do Estado, e seu período de realização estar associado ao momento da colheita de grãos do município, que é essencialmente agrícola. Para Marechal Cândido Rondon, outubro, caracteriza-se como uma época muito propícia, por ser fim de período agrícola, momento em que circula mais dinheiro nas cidades da região e nos distritos com a venda dos cereais colhidos e por ser final de primavera, com ótima estabilidade do tempo. Apesar das datas sofrerem alterações todos os anos, dependendo de finais de semana, o ponto alto da festa é o último final de semana de outubro. Tal fato também, está relacionado ao recebimento de ordenados dos trabalhadores mensalistas. Ver DA MATTA, Roberto. *Carnavais, Malandros e Heróis...Op. Cit.* pp. 44-45.

<sup>3</sup> O termo no idioma alemão significa “carro de cerveja”. Na *Oktoberfest*, representa o meio de locomoção utilizado antigamente para o transporte de chope em barril, símbolo da ancestralidade alemã, em suas festas.

A programação oficial (conforme Anexo V), constou de várias atividades que se desenvolveram no decorrer daqueles dias, como: Carreata do *Bierwagen*, Concurso da Rainha/97, apresentações de Grupos Folclóricos da cidade e de outras cidades e Estados, (germânicos, italianos, ucranianos), apresentação de Bandas, bailes no Centro de Eventos I e Centro de Eventos II para Casais, Concurso de Chope em Metro, Desfile Folclórico e Carros Alegóricos<sup>4</sup>, Exposição de Orquídeas, cardápios típicos, quiosques de *souvenirs*, atividades várias, relacionadas com a cultura alemã; bem como oferta de variedade de produtos ao público, no parque de diversões, nas barracas de lanches, quiosques e camelôs<sup>5</sup>.

Embora o conjunto nuclear de eventos da *Oktoberfest*, como todos os anos, procurasse reunir e conservar eventos tradicionais germânicos, neste ano, também, foram incluídas atividades folclóricas correspondentes a outras etnias européias. Além dessas, seus atores criaram outras próprias, neste evento festivo.

Observa-se assim, que o Poder Municipal teve a preocupação de oferecer diversos conteúdos culturais de lazer, os quais, de forma preponderante, abrangem as áreas de interesses físicos, artísticos, sociais e turísticos no lazer<sup>6</sup>.

Em comparação com os anos anteriores, pode-se observar, nesta festa, um grande investimento em relação à decoração dos pavilhões, restaurantes e imediações do Parque de Exposição, que foi acrescida e melhorada com novos elementos, utilizando-se de toda tecnologia moderna, fato que, no seu conjunto deu um aspecto altamente festivo ao local, ampliando, assim, efetivamente o seu efeito turístico. A estética da decoração atraiu e seduziu todos os

---

<sup>4</sup> Este evento estava programado para o dia 25, sábado à tarde, por motivo de chuva foi adiado para o domingo, e, pelo fato de ter continuado o mau tempo, não foi desenvolvido.

<sup>5</sup> Conforme convite da 11ª *Oktoberfest*.

<sup>6</sup> DUMAZEDIER, Joffre. *Valores e conteúdos culturais...* Op. Cit. p.110, e o interesse turístico é incluído por Luiz O. de L. CAMARGO. *Política de Lazer*. In: *Revista Estudo do...* Op. Cit., p.18.

participantes, uma vez que todos os informantes disseram que foi um dos aspectos de que gostaram muito na festa deste ano, o que se sintetiza nas palavras de “D”:

*“Quando eu cheguei, primeiro analisei e observei os enfeites antes de ir dançar. O colorido é lindo, as janelas parecem vitrais, você entra nos salões... veja, que perfeição a bandeira de Rondon, da Alemanha decoradas com flores e aqueles arcos, ali! Isso é muito convidativo, então eu olho tudo, daí me satisfaço, me alimento com isso. Porque você incentiva, renova até a espiritualidade da gente, até parece festa natalina, com essas flores vermelhas nas janelas. Isso é festivo e deixa o coração da gente em festa”.*

Em todo o período da *Oktoberfest*, observou-se a presença acentuada de vários seguranças, nos pavilhões onde ocorrem os bailes e em todo espaço do Parque de Exposição, no sentido de evitar e apaziguar brigas e outros abusos que sempre acontecem nesta festa, como veremos mais adiante.

Da mesma forma, a equipe de limpeza, formada, prioritariamente, por mulheres, que de forma impressionante ajuntavam os copos plásticos, espalhados no chão do Centro de Eventos I, no meio da multidão, fazendo desaparecer toda sujeira. Também, assim, em relação aos outros locais da festa.

Com relação ao repertório musical, tocado pelas bandas, pode-se dizer que as músicas que predominaram eram em ritmo de marcha, sendo cantadas em alemão, outras vezes, mesclando o idioma alemão com o português. Muitas vezes, estas marchas alemães se apresentaram adaptadas ao aproximando-se do ritmo de *rock*, principalmente, nas sextas-feiras e sábados, pela presença majoritária de jovens e adolescentes. De um modo geral, o repertório não era diversificado, sendo as músicas excessivamente repetidas.

Outrossim, verificou-se, no decorrer de toda a *Oktoberfest*, que as pessoas vestidas, tipicamente, na festa, pertenciam aos conjuntos musicais ou aos grupos folclóricos; a Rainha, o *Opafass* e seus acompanhantes, as autoridades municipais, os idosos, e alguns casais de meia

idade. A grande maioria das pessoas, presente nesta festa, estavam vestidas com traje esportivo. No entanto apresentaram-se muitos grupos de jovens com camisetas da mesma cor, personalizadas com dizeres. Outras fantasias, também, apareceram nesta festa, como: traje típico com peruca de cabelos longos; traje de gaúcho com cuiá e bomba de chimarrão; presidiário; capacetes de *vikings*; trajes de *cowboy*; camisetas de times de futebol, chapéus e copos de alemão; entre outros.

No dizer dos teuto-brasileiros, o uso da roupa típica germânica se dá em torno da afirmação da germanidade, pois demonstram orgulho e não participam da *Oktoberfest* sem estarem trajados desta forma, como mostra o casal “F” e “D”: *“Ah! Isso é um orgulho sabe. Esse chapéu, é uma relíquia que a gente usa e que a gente herdou”*. A esposa complementa: *“É, essa roupa eu guardo e coloco todos os anos, é uma oportunidade de usar minha saia com grega”*. Ademais, o visual colorido desta roupa traduz uma sensação de alegria e beleza, mas, principalmente, para se diferenciarem dos demais participantes na festa, como relata “Joa”: *“Isso mesmo pertence a Oktoberfest, o traje é o que mais identifica a Oktoberfest. [...] A gente se sente muito bem, a gente se sente alegre, a gente se sente um outro, é uma roupa diferente, né”*.

Porém as outras fantasias usadas têm como objetivo específico a distinção, no intuito de chamar a atenção e se relacionarem com as pessoas, como se constata na fala de um participante: *“É para chamar a atenção, a gente fica diferente dos outros, e isso faz com que as pessoas se aproximem da gente e se faz novas amizades”*.

Já, a importância do uso da camiseta personalizada por grupos de jovens, está vinculada a ser membro de um determinado grupo e se distinguir dos demais grupos, como relata “By”: *“É mais para gente se identificar, para ficar todos juntos assim no grupo”*. Complementa a amiga, “Dy”: *“No ano passado, vieram muitos grupos assim, né, achamos legal, e resolvemos*

*fazer uma camiseta assim também, para dizer que nós estamos aqui também. Se você vem com qualquer outra roupa, é só mais alguém, entende. Se você está num grupo, você se reconhece mais e as pessoas te vêem melhor”.*

Como acontecimento urbano, a festa e os seus eventos neste ano, envolveram grande parte da população jovem da cidade, tanto quanto de outras cidades e Estados, sendo, apenas, uma minoria, a população adulta e idosa e, muito poucas pessoas, do meio rural<sup>7</sup>.

Faz-se necessário frisar novamente, que neste ano da *Oktoberfest*, durante todo o seu período, diminuiu, sensivelmente, o número de participantes da sede, do interior do Município e de turistas. Isto porque, houve a cobrança de ingresso, cujo valor foi considerado elevado por todo o público presente nesta festa. Igualmente pesou no descontentamento geral da comunidade, a atuação do Conselho Tutelar do Menor que definiu “normas” quanto à participação de menores de dezoito anos nos dias da festa, as quais, quando divulgadas durante a festa, o foram de forma contraditória e ambígua. A contradição e ambigüidade repousam na rigidez restritiva daquelas normas no início da festa e, no seu relaxamento, quando se constatou o esvaziamento do público, comparando-se aos anos anteriores. Tal fato fez, também, com que se diminuísse o valor do ingresso para o segundo domingo. Além desses aspectos, por coincidência ou não<sup>8</sup>, o município vizinho, Pato Bragado, realizou sua primeira *Oktoberfest* no mesmo período que correspondia a primeira etapa da festa de Marechal Cândido Rondon, cobrando ingresso com um valor

---

<sup>7</sup> Diferente de cinco anos atrás, quando predominava a população do Município do meio rural e urbano de todas as faixas etárias e grupos sociais, inclusive crianças nos períodos vespertinos.

<sup>8</sup> Embora as autoridades municipais de Pato Bragado tenham explicado através das emissoras de rádio que a data coincidiu e, os idosos desta associação justificarem que a festa foi realizada nesta data devido ao mau tempo na data prevista, parece porém, como alguns entrevistados revelaram, que isto tem como pano de fundo o aspecto político partidário, pois aqueles pertencem e estes na sua grande maioria simpatizam com o partido político contrário ao da administração pública de Marechal Cândido Rondon. Vale lembrar também que, nos anos anteriores, este grupo de idosos sempre participou da abertura da *Oktoberfest* Oficial. Entretanto neste ano, embora convidados, fizeram a abertura da festa de Pato Bragado. Tanto em uma como em outra, houve grande participação da comunidade rondonense.

sensivelmente menor. Bem como, a associação de idosos “Paz e Amor” promoveu a sua *Pré-Oktoberfest* na noite do sábado, da segunda etapa da festa oficial, e a entidade fica bem próxima ao Parque de Exposição. Estes, como aqueles procedimentos, tiveram várias conseqüências resultando, principalmente, na pouca participação da comunidade rondonense durante o período festivo e no esvaziamento da festa em determinados períodos dos dias ou das noites.

**Sintetizando, trata-se de um acontecimento profano de atributos nitidamente tradicionais, mas que se atualizou e se atualiza constantemente, incorporando um visual moderno, novos eventos, diferentes personagens e novas expressões.**

Percebeu-se assim, que um mesmo ritual<sup>9</sup> pode reunir situações que se alternam durante o seu desenvolvimento, que vão do solene ao informal, das práticas tradicionais às modernas, de comportamentos formais aos comportamentos orgiásticos, de baile ao carnaval. Muitas vezes, num mesmo dia, num mesmo momento, foram vivenciados, simultaneamente, diferentes modos de representação: um completamente dentro da formalidade, outro, em forma carnavalesca e, ambos, incluídos neste evento<sup>10</sup>.

Embora alguns eventos da *Oktoberfest* tenham atributos, momentos, objetivos variados e diversificados, diferenciando-se uns dos outros, todos, entretanto, giraram em torno de

<sup>9</sup> DA MATTA, Roberto. *Carnaval, Malandros e Heróis...* Op. Cit. Baseados nesse autor, podemos considerar a *Oktoberfest* como um “*Ritual de Neutralização*”, considerando que reúne momentos que enfatizam o princípio social de reforço, isto é, os vários níveis de distinções hierárquicas dos papéis e posições sociais no início da festa, e acentua o princípio social de inversão, isto é, as múltiplas relações sociais e os vários princípios ordenadores, neutralizando ou invertendo papéis e posições sociais, enfim, “*na reunião de elementos polissêmicos no seu conjunto*”. p.54.

<sup>10</sup> BRANDÃO, Carlos R. *Cavalcadas de Pirenópolis: Um estudo sobre representações de cristãos e mouros em Goiás*. Goiânia: Oriente, 1974. Tais aspectos, são evidenciados nesse estudo do autor, entretanto, caracteriza-se uma festa religiosa. pp.23-33.

um objetivo maior que é a **celebração**<sup>11</sup> deste acontecimento, **como veículo de comunhão e de alegria coletiva.**

Enfim, esta festa foi apresentada com o objetivo de celebrar as tradições alemãs, programada com “*rituais de representação*”<sup>12</sup> germânica, mas foi vivenciada como uma festa profana, espaço de diferentes manifestações populares, onde ocorreu de fato, uma miscigenação de povos de diferentes etnias e de diferentes locais, numa interação de diversas culturas, caracterizando-se como um evento de massa. Abrangeu, também, outros eventos e situações, que se desenvolveram no espaço social da cidade. Nestes últimos espaços, aglomeraram-se determinados grupos sociais, jovens, por exemplo, que, ali, todos os anos se fazem presentes.

O panorama desenvolvido até aqui, constitui-se nas características gerais da 11<sup>a</sup> *Oktoberfest*, de um modo geral, muito semelhante com as festas dos últimos quatro anos, quer pelas atividades programadas, pelo repertório musical nos bailes e os eventos marginais, em que as variações são quase imperceptíveis. As principais diferenças foram a estética da decoração e a pouca presença de público, como abordados anteriormente. Enfim, o cenário com um visual colorido e alegre vem contribuir para que a vivência festiva, seja alegre, dinâmica, e coletiva, é o que veremos a seguir.

---

<sup>11</sup> RIBEIRO JÚNIOR, Jorge. *A Festa do Povo...* Op. Cit. Para o autor, a festa é uma forma de celebração, que se manifesta na liberdade, espontaneidade, e gratuidade, vivenciando o “aqui e agora”, proporcionando a integração grupal. p.52.

<sup>12</sup> BRANDÃO, Carlos R. *Cavalhadas de Pirenópolis...* Op. Cit. p.31.

## 4.2. UMA VIVÊNCIA FESTIVA

Se a variedade e diversidade da *Oktoberfest* se manifestam nas esferas de ação humana, espaço para trabalho filantrópico, político, econômico e espaço para o lazer, nas suas características gerais, quanto aos conteúdos programados, aos personagens participantes, à estética da decoração e as fantasias, como vimos anteriormente, também, se manifestarão nos seus dias festivos pela forma como os conteúdos culturais de lazer são apresentados e vivenciados, traduzindo uma multiplicidade de expressões, como veremos a seguir, pois, nesta festa, conviveram diferentes classes e grupos sociais de diferentes etnias e de diferentes locais. Outrossim, os interesses, os valores e os significados em vivenciá-la, apresentar-se-ão heterogêneos, como observaremos no decorrer deste estudo.

Assim, considerando-se estritamente os dias de festa, conforme o Programa Oficial, foi possível perceber que eles apresentaram características diferentes e variadas em conteúdo e forma. Veja-se, então, como, e de que forma, isso se manifestou.

Às quintas-feiras, dia da abertura e reabertura da festa, diferenciam-se dos outros dias e, principalmente da segunda etapa da *Oktoberfest*, porque chegou à cidade e à festa um grande número de pessoas, como ex-rondonenses, visitantes e turistas, sendo estes, predominantemente de municípios vizinhos da região Oeste do Paraná e de outros municípios do Estado.

Estes dias iniciais da festa foram enriquecidos, prioritariamente, com eventos solenes, os eventos de representação da cultura germânica e baile que sintetizaram a expressão cultural dos rondonenses.

Neste contexto, a abertura “oficial” da *Oktoberfest* iniciou-se às 20:00 horas do dia 16 de outubro, à frente do Centro de Eventos I, com *show* musical da Banda Municipal, tocando marchas alemães. Em seguida, o radialista, apresentador, além de convidar as autoridades municipais e suas respectivas esposas e as autoridades da festa, *Opafass* e Rainha, a se fazerem presentes, iniciou a abertura com o seguinte discurso: “*Marechal Cândido Rondon é um município de cultura essencialmente germânica, pela sua colonização e, principalmente, pelo valor que sua gente dá aos costumes dos antepassados*”<sup>13</sup>.

Como se percebe, os poderes públicos, quando financiam algum evento desta natureza, nos seus discursos e iniciativas, demonstram um interesse de retorno às origens, do resgate da história e da redescoberta de uma identidade essencial. No entanto isto não pode ser realizado, considerando que, se tudo que é histórico, sofre transformações constantes, assim, também, as identidades culturais “*estão sujeitas ao contínuo jogo da história, da cultura e do poder*”<sup>14</sup>.

Outrossim, foi nesse momento que as autoridades destacadas nominalmente, com os respectivos cargos que ocupam, compareceram ao saguão de entrada do Centro de Eventos I. Ali, fizeram-se presentes autoridades locais e estaduais, civis e militares, que, em seguida, cantaram o Hino de Marechal Cândido Rondon, tocado pela Banda Municipal, com hasteamento da bandeira

---

<sup>13</sup> Este discurso na abertura da festa, teve por base o documento de Apresentação da 11ª *Oktoberfest* fornecido pela Prefeitura Municipal, (Anexo III).

<sup>14</sup> HALL, Stuart. Identidade Cultural e diáspora. In: *Revista do Patrimônio...* Op. Cit. p. 69.

do Município, do Paraná e do Brasil, conferindo uma espécie de legitimidade necessária a esta festa.

**Nesta oportunidade, a festa reuniu as condições excepcionais, para que, determinado grupo de pessoas da sociedade pudesse fazer uma espécie de revisão de sua posição na ordem social, às vezes, encoberta nos dias de rotina. Isto é, posições, papéis de prestígio e poder na festa são determinados pelos papéis ocupados, antecipadamente, na sociedade; e, paralelamente a estes, a festa cria outros para valerm “para a festa”. Tanto estes, quanto aquelas posições, podem se alterar dentro e no decorrer da festa. A este respeito, concordamos com Carlos Rodrigues Brandão e, quando afirma que: “*A distribuição das atuações e dos conhecimentos rituais é prescrito e só por isso já determina o reconhecimento gritante da hierarquia dos papéis sociais-rituais*”<sup>15</sup>.**

A hierarquia na festa evidenciou-se, ainda, nos vários discursos, elaborados neste momento pelas principais autoridades do Município, legitimando a própria ordem e a ideologia de quem a organizou. Teve como desfecho, o discurso do Prefeito Municipal, destacando seu trabalho e o do Vice-Prefeito para o progresso do Município, enfatizando alguns dos objetivos da festa: “*A geração de novos empregos para os rondonenses e seus filhos;*” e “*Divulgação do nome do município no âmbito nacional.*”<sup>16</sup>. Agradeceu a todas as entidades, associações e funcionários que se envolveram na organização da festa e enalteceu a presença dos idosos. Através de seu discurso, pretendeu-se instaurar um diálogo com os imigrantes e migrantes colonizadores e demais membros da comunidade, descendentes de europeus, que ali se faziam presentes.

---

<sup>15</sup> BRANDÃO, Carlos R. *Cavahadas de Pirenópolis...* Op. Cit. p. 24.

<sup>16</sup> Este discurso é elaborado, apresentando alguns dos objetivos que estão arrolados no documento de Apresentação da 11ª *Oktoberfest*, fornecido pela Prefeitura Municipal, (Anexo III).

Com as palavras do Prefeito dirigidas à comunidade, atualizou-se o vínculo de Marechal Cândido Rondon com os migrantes descendentes de europeus, destacando o trabalho e a luta destes para o progresso do Município, reforçando o sentido da etnicidade alemã. Encerrou seu discurso, com a seguinte frase: *“Ich und Renato wünschen euch eine guten Oktoberfest”*, que significa, “Renato e eu desejamos a vocês uma boa *Oktoberfest*”.

Posteriormente à etapa acima citada, a banda municipal começou tocar e houve um *show* de fogos de artifício. Logo após, todos entraram no Centro de Eventos para a “Sangria do Barril de Chope”, distribuindo-se chope para todos os presentes, os quais se cumprimentavam, brindavam e conversavam, ao ritmo de marchas tocadas e cantadas em alemão. **Algumas pessoas gingavam timidamente o corpo.**

Na seqüência, houve apresentação de vários grupos folclóricos germânicos, sendo que todos os seus integrantes são moradores da cidade de Marechal Cândido Rondon. Diferente da apresentação da dança polonesa pelos idosos, os demais grupos apresentaram suas danças de forma extrovertida, alegres, risonhos, com gritos de estímulo para maior motivação do grupo e do público. No entanto, o público presente se limitava a observar: raras pessoas gingavam o corpo, mas todos saudavam com muitas palmas o encerramento de cada apresentação. Faz-se necessário destacar que, de todos os integrantes destes grupos folclóricos, havia apenas uma pessoa que não era de cor branca. Sabe-se porém, que seus atores não são, exclusivamente, de ascendência étnica germânica.

Sucessivamente, desenvolveu-se o Concurso da Rainha da *Oktoberfest* 1997 e a Dança da Integração, que encerrou a etapa de apresentações, com o intuito de envolver todas as pessoas dos diferentes grupos folclóricos e a comunidade ali presente.

O público presente neste evento solene da Abertura, consistiu, principalmente, dos anfitriões da festa, além das autoridades e dos muitos idosos descendentes de europeus, sendo que a grande maioria destes, *pioneiros* de Marechal Cândido Rondon. Estiveram presentes, ainda, muitos funcionários públicos, representantes de associações, os responsáveis pelas barracas e algumas pessoas da comunidade em geral, restringindo-se tal público a pessoas adultas e idosas.

Este é um momento formal, no qual, a exemplo das festas da ordem, especialmente as paradas militares da Semana da Pátria, analisadas por Roberto Da Matta<sup>17</sup>, celebra-se, acentuando a hierarquia, a ordem, o centro e a formalidade da estrutura social, embora não significando que não crie situações de solidariedade e fraternidade entre os participantes.

Pela programação da abertura da *Oktoberfest*, pelos discursos efetuados e por, neste dia, concentrar-se determinado grupo étnico, pode-se dizer, também, que este momento formal desta festa adquire, entre outros, “*um caráter de curral eleitoral étnico*”<sup>18</sup>.

Concomitantemente a toda essa programação, ocorreram a abertura do Parque de Diversões, dos Restaurantes Típicos e do Café Colonial, finalizando com o baile programado, apenas, para o Centro de Eventos I nesta noite.

No decorrer da programação de abertura da *Oktoberfest*, o público começou a chegar ao Parque de Exposições Álvaro Dias, pois esta noite é intitulada “Noite do Rondonense”. Os participantes, neste dia de festa, são, principalmente, pessoas da cidade sede, do interior do Município e dos municípios vizinhos próximos, que há alguns anos atrás pertenciam a este município. Os frequentadores da festa, neste dia, foram, em sua maioria, idosos, casais, e jovens que, em grande parte, têm ascendência européia.

---

<sup>17</sup> DA MATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis...* Op. Cit. p.56.

<sup>18</sup> KLUGE, Maria Fernanda M. *O Vêneto não pode morrer...* Op. Cit. p.128. A autora conclui o mesmo aspecto, em relação aos atos solenes das festas étnicas em Santa Felicidade.

O baile foi iniciado por volta das 22:30 horas, com a iniciativa das pessoas pertencentes aos grupos folclóricos. As músicas eram tocadas de forma harmoniosa e melodiosa. **O estilo de dança que predominou foi a forma tradicional de dançar marcha em dupla de casais ou de mulheres na pista de dança. No momento culminante do baile até o seu final, além dessa expressão de dança, outras apareceram. Uma que lembra muito o samba de roda, em que dançarinos formam um círculo, abrindo espaço para dois membros do grupo dançar no centro deste, sendo estes pares substituídos por outros. Da mesma forma, dançando simplesmente em roda, de forma individual. Outra, que se apresentou foi a formada por pequenos grupos de mulheres dançando, ora de forma individual, ora em conjunto, elaborando pequenas coreografias, no centro ou ao redor da pista de dança. Foi possível perceber neste baile, durante toda a sua duração, uma demarcação imaginária rígida entre espaço da pista de dança e espaço fora da pista, sendo este determinado às pessoas que permaneciam de pé, conversando, observando e tomando chope e, aquele para dançar.** A principal diferença quanto à segunda quinta-feira de *Oktoberfest*, foi o não desenvolvimento do ato solene de abertura.

Dado o fato da festa, segundo Carlos Rodrigues Brandão, *“reproduzir de modo simbólico e simplificado a sociedade que a produz”*, a programação das quintas-feiras, “Noite do Rondonense”, da *Oktoberfest*, particularmente, *“oferece mensagens de uma pedagogia social necessária e oportuna”*. Por isso, a diversidade de programações sintetizou as maneiras como a sociedade rondonense *“não só reproduz os símbolos de seus valores e sua identidade, mas o modo como recria codificadamente a sua própria ordem e ao mesmo tempo a ideologia por que*

*se legitima e através da qual legitima também 'quem a faz' e 'como se faz', dentro das relações previstas nos rituais da festa*"<sup>19</sup>.

As sextas-feiras caracterizaram-se por eventos predominantemente informais, que a maioria dos informantes nominou de "Carnaval Alemão". A festa, nestes dias, foi majoritariamente vivenciada por jovens da cidade, do interior do Município, e de municípios vizinhos. Os bailes, no Centro de Eventos I, iniciaram por volta das 22:00 horas, começando muito devagar, pelo pouco público presente. **As primeiras pessoas a dançar foram as mulheres, inicialmente, fora da pista, em pequenos grupos, logo, depois, na pista, na forma tradicional de dançar marcha. No decorrer, chegaram mais pessoas, comportando-se de forma similar àquelas mulheres, e, nesses momentos iniciais, as marchas eram tocadas de forma melódica e harmoniosa. Nesses dias, as danças em dupla funcionam melhor no começo do baile, porque ainda existia espaço para o seu desenvolvimento. Depois de duas horas de baile, todo o ambiente foi tomado por participantes dançarinos ou não, ficando difícil executar este estilo de dança sem esbarrar ou ser esbarrado por pessoas ou grupos que dançam, muitas vezes, de forma violenta.**

No decorrer do tempo, aumentou consideravelmente, o número de pessoas, nos bailes desses dias e, aspectos diferentes se apresentaram em seus momentos de clímax, cujas **expressões de dança foram inúmeras, como por exemplo: forma tradicional de dançar marcha em duplas de casais, de mulheres e, até homens; dança que sempre aparece, formada por pequenos círculos, que lembra o samba em roda; o "trenzinho", coluna de pessoas pulando, que começa com poucos e acaba atraindo muitos componentes, que percorrem toda a área do baile, dentro e fora da pista de dança, muito comum nos bailes de carnaval, e tem**

---

<sup>19</sup> BRANDÃO, Carlos R. *Cavalhadas de Pirenópolis...* Op. Cit., p.23.

velocidade variável, que pode ir da lentidão à correria; pequenos grupos em fila, dançando dois a dois, três a três, elaborando pequenas coreografias com passos, gestos e giros; outra dança que se apresentou, embora muito pouco freqüente, foi o “esfrega-esfrega”, cujos dançarinos, em grupos de três a quatro componentes, dançam em conjunto, com os corpos colados um no outro, os braços entrelaçados, os peitos e quadris encostados nas costas do companheiro, “esfregando” as nádegas e o ventre um no outro. Esta dança foi bastante, mas não explicitamente, sexualizada.

Hermano Vianna, em sua análise sobre as danças nos bailes *funk* cariocas, conclui que esta última forma de dançar está se tornando cada vez mais popular nestes bailes a qual, na maioria das vezes, simula uma relação sexual. Neste sentido, o autor diz: “*esta dança só aumenta a carga erótica que perpassa todo o baile, do começo ao fim*”<sup>20</sup>. Concorda-se com autor sobre esta dança, entretanto, o erotismo se manifestou, ainda, em outras formas de dançar na *Oktoberfest*, que se expressaram sensuais e eróticas, como por exemplo, casais que dançavam simultaneamente se abraçando e se beijando, e os homens, quando dançavam juntos dois a dois, simulavam explicitamente uma relação sexual, mas, dando-lhe um sentido jocoso.

Outrossim, com exceção das quintas-feiras e dos domingos, neste local, neste ano, houve uma banda que proporcionou *show* de dança artística, apresentando coreografias ao ritmo de marcha, que eram sensuais. O erotismo era produzido pelas roupas germânicas estilizadas que os componentes do grupo usavam, compreendendo vestidos ou saias bem curtas e tangas que, ao realizarem certos movimentos mostravam parte do quadril e as tangas. Este número despertou muito interesse do público masculino, que não escondeu sua empolgação, olhando admirado, assobiava, gritava, mandava beijos. Com relação a esta apresentação artística na festa, diz “Az”:

---

<sup>20</sup> VIANNA, Hermano. *O Mundo Funk Carioca...* Op. Cit. p.78.

*“O que eu gostei, foi aquelas mulheres dançando ali [no palco], nossa!.. umas bundinhas...”*. Quando questionado do que isso representou, afirmou: *“Alegria, alegria, êxtase, empolgação”*. Complementou a colega “Cz”: *“Antes ninguém estava pulando, quando essas alemoazinhas entraram no palco, todo mundo começou a pular, gritar, e assobiar”*. E fala “Az”: *“Queira ou não queira, o brasileiro quer sensualidade, e elas colaboraram muito com o clima da festa”*.

Foi nos momentos mais animados desses bailes, nesses dias, que as bandas aceleraram o ritmo musical das marchas, aproximando-as ao ritmo de *rock* e animaram os participantes da festa, através de “contestes”<sup>21</sup> e atividades mímicas, utilizando táticas, como: músicas e refrões de maior sucesso da *Oktoberfest*, questionamentos sobre time de futebol e cidade de origem. **Esses são momentos de densidade e intensidade culminante na pista de dança, onde os participantes passam a formar um único grupo, pulando, gesticulando e gritando de forma similar, no mesmo ritmo, no entanto, individualmente.**

São momentos em que os cantores brincam com o seu poder sobre o público, exigindo mais animação e menos habilidade e criatividade em dançar, conseguindo, na maioria das vezes, duplicar a euforia em poucos minutos. Segundo os profissionais da música, essa forma de atuar e trabalhar na festa é feita com grande satisfação, porque o público responde e “delira” com as atividades propostas.

*“Faz umas duas Oktoberfest que nós fizemos um trabalho específico, que cativou principalmente o público jovem, é o agito, é fazer o público ir ao delírio, a loucura, através de gestos e gritos. O povo vê nós como atípico, nós ficamos contentes, e a festa está cada vez com*

---

<sup>21</sup> São perguntas formuladas que exigem como resposta a execução de movimentos, expressões gestuais e verbais proveniente do desafio proposto.

*mais público, porque povo chama povo*”, relata “An”.

Nestes momentos, é grande a semelhança com as coreografias dos grupos dos bailes *funks* cariocas, descrita por Hermano Vianna, onde todos os passos são simultâneos e idênticos. Para ele, a sensação é a de que: “*estamos diante de uma única criatura, com centenas de braços, centenas de pernas, centenas de cabeças*”<sup>22</sup>.

Muitos autores colocam que estes momentos de empolgação e de excitação levam os dançarinos ao “*estado de loucura*”<sup>23</sup>. Entretanto entende-se que as pessoas não saem do seu estado psicológico normal, simplesmente, amplia-se o jeito de ser e de expressar-se, na maioria das vezes, usando o limite máximo das possibilidades. Esta “*catarse*”, usando o conceito de Nelson Carvalho Marcellino<sup>24</sup>, também, é produzida em outras formas de dançar e festar nos bailes da *Oktoberfest*, mas, com certeza, evidenciam-se, preponderantemente, nesses momentos e neste local. Este fenômeno está relacionado ao grande número de pessoas presentes, tanto quanto ao ritmo acelerado da música e à comunicação lúdica que os cantores das bandas estabelecem com o público.

Diferente do que verificou Hermano Vianna, nos bailes *funks*, esses momentos em que a intensidade e a densidade atingem seus pontos culminantes, são também, os mais propícios para gerar violência, todos os tipos de brigas, inclusive com mortes, que acabam, muitas vezes, terminando com os bailes<sup>25</sup>. De forma geral, pelas nossas observações e os relatos dos entrevistados, podemos dizer que, brigas na *Oktoberfest* aconteceram, contudo, foram muito pouco frequentes e, quando ocorreram foi no espaço fora da pista, sem grandes conseqüências.

<sup>22</sup> VIANNA, Hermano. *O Mundo Funk Carioca...* Op. Cit. P.79.

<sup>23</sup> CANETTI, Elias. *Massa e Poder*. Brasília. Editora Universidade de Brasília, 1983. p. 32.

<sup>24</sup> MARCELLINO, Nelson Carvalho. *Pedagogia da Animação...* Op. Cit. p. 35. O autor, coloca que na sociedade atual em que vivemos é necessário reconhecer também a visão do lazer como válvula de escape da realidade social.

<sup>25</sup> VIANNA, Hermano. *O Mundo Funk Carioca...* Op. Cit. p.78.

Enquanto, foi muito comum acontecer nestes momentos, jovens subirem nas mesas e bancos para dançar, empurrar de propósito alguém que estava com copo de chope, derramar chope no companheiro, colocar urina no copo de chope e lançar para cima, bem como, grupos em círculo, impulsionar uma pessoa para o alto. Com relação aos dois primeiros aspectos, observou-se que os seguranças agiam rapidamente, evitando e apaziguando brigas e fazendo com que descessem destes locais.

**Retomando as considerações sobre a dança neste local, nestes dias, é importante ressaltar que todas as formas de expressar a dança abordadas acima, embora predominasse o seu desenvolvimento em grupos, de homens e mulheres, geralmente já criados<sup>26</sup>, os casais de namorados mantinham-se juntos. Também, foram realizadas com outros, conhecidos ou desconhecidos, que pertenciam ou não a determinados grupos de jovens, coletivamente ou individualmente e todas as danças surgiam e desapareciam simultaneamente. Todavia todas essas expressões de dança se davam ao ritmo de marcha, dentro e fora da mesma, misturando o espaço social da pista e o de fora da pista, mesclando-se os atos de observar com o de dançar, com ou sem copo de chope. Neste dia, o festar se espalhou tomando todo o espaço ao ar livre à frente do Centro de Eventos I, não havendo uma demarcação rígida entre este espaço fechado e o espaço ao ar livre<sup>27</sup>.**

O fato de se ter participado sempre desta festa, principalmente, no Centro de Eventos I, reconhece-se e identifica-se muitos participantes. Entretanto com olhar mais atento, neste ano, foi possível verificar, neste local, que as pessoas ocupam, quase sempre, os mesmos lugares fora

<sup>26</sup> A grande maioria dos jovens chegavam à festa sempre em grupos, acompanhados pelos amigos com quem vão passar a festa juntos, usando camisetas da mesma cor, personalizadas com dizeres.

<sup>27</sup> Diferente dos anos anteriores, nos últimos três dias, principalmente, da segunda etapa da festa, o festar se espalhava por todos os espaços do Parque de Exposição Alvaro Dias, não havendo uma demarcação rígida entre espaços fechados e espaços ao ar livre.

da pista de dança. Na ala direita, para quem entra neste pavilhão, concentraram-se, predominando, filhos de pessoas da classe média e alta de Marechal Cândido Rondon. Na ala esquerda, prevalecendo as pessoas do meio rural e da classe baixa. Já, na pista de dança, todos se misturam, dançando de forma similar.

Outro aspecto, que vale salientar, é que os conjuntos são substituídos de duas em duas horas e, nesta mudança, surge o momento de descanso para os dançarinos, os quais, na grande maioria, sentam no chão, conversam, cantam, brincam e fazem algazaras no centro da pista de dança.

No espaço ao ar livre, à frente deste pavilhão, existe uma copa com mesas e bancos, onde, nestes dias, durante os bailes, os jovens descansam e se refrescam, para tomar chope ou refrigerante com maior tranqüilidade, para conversar com amigos, para o início de uma conversa, de um flerte ou namoro, para o início ou afirmação de uma relação afetiva amorosa. Presenciam-se abraços e beijos, mas, também, muitas algazaras de grupos de amigos, que se sentam nos bancos, nas mesas, ou meio-fio.

Com exceção das quintas-feiras e dos domingos, houve baile no Centro de Eventos II, para Casais. Na primeira etapa da festa, não havia público suficiente neste local, dado ao fato da ausência de adultos e idosos na festa. Porém, na segunda etapa, o público aumentou e sua abertura foi feita com apresentações de grupos folclóricos de outras cidades e Estados. Os freqüentadores deste local se diferenciavam daqueles que estavam no Centro de Eventos I, sendo, majoritariamente, casais jovens e adultos, alguns da terceira idade e integrantes dos grupos folclóricos de Marechal Cândido Rondon, constituindo-se de moradores do Município. **A forma de dançar, o ritmo da marcha, neste ambiente, era em dupla de casais ou de mulheres e, quando surgiam outras expressões de dança no espaço da pista, disfarçadamente, os**

**seguranças alertavam os dançarinos; no entanto estas se manifestavam fora da pista de dança. Além disso, as marchas foram tocadas pelas bandas de forma harmoniosa, marcando-se bem o seu ritmo musical.**

A diferença das sextas-feiras para os sábados na *Oktoberfest* se deu, principalmente, pelo fato de que esses últimos dias concentraram sempre o maior número de pessoas que vieram à festa, predominando a presença de jovens da região Oeste do Paraná e se caracterizando pelos “verdadeiros carnavais” ao ritmo da marcha. Por conseqüência, a expressividade das pessoas na vivência da dança e nas relações sociais e a bebedeira foram sensivelmente ampliados, como, também, as vivências eróticas e os comportamentos anti-sociais.

Já, aos domingos, no período da tarde, foi possível perceber, como sempre, a presença maior de famílias rurais do Município, nesta festa, da mesma forma, famílias da cidade sede, embora em número, excessivamente, menor, que em anos anteriores. Enquanto os jovens participavam do baile no Centro de Eventos I, os adultos, idosos e crianças passeavam no espaço do Parque de Exposição, concentrando-se, predominantemente, na copa, localizada à frente deste salão, observando, conversando e tomando chope. Entretanto, ao entardecer, gradativamente, começaram a chegar jovens e adultos da cidade sede, participando, especificamente, do baile no Centro de Eventos I. **Neste dia, a forma de dançar consistia no estilo tradicional de dançar marcha em dupla de casais ou de moças. Concomitantemente, apresentaram-se outras expressões de danças elaboradas pelos jovens.**

Paralelamente, nos últimos dias das duas etapas da Programação Oficial da Festa, sábados e domingos, ocorreram os “**eventos marginais**”. Como em todos os anos, no período vespertino desses dias, observou-se uma grande concentração de jovens da cidade e da região

Oeste do Paraná, em determinado espaço da Av. Rio Grande do Sul, nesta cidade. **Ali, eles fizeram a sua festa.**

Foi e é, na última etapa da *Oktoberfest* que a cidade e a festa se enriqueceram com pessoas vindas das mais diversas cidades e é, especialmente, neste período que o festar espalha-se a outros espaços da cidade, onde o comportamento informal é incorporado e se expressa das mais variadas formas. De modo oposto, nas duas quintas-feiras e na sexta-feira da primeira etapa, o festar se circunscreveu, especificamente, aos limites do Parque de Exposições Álvaro Dias.

Pelo panorama acima descrito, com exceção das quintas-feiras, percebe-se que a *Oktoberfest* se orienta, principalmente, acentuando o “*princípio social de inversão*”<sup>28</sup>, considerando que os participantes na festa não estão relacionados por meio de um eixo hierárquico, mas pelo encontro e pela comunhão, onde os papéis e as posições sociais são neutralizados ou invertidos, muito semelhante ao Carnaval, tão bem analisado por Roberto Da Matta<sup>29</sup>. Concorda-se, quando escreve que são momentos sociais de encontro, de mediação e de polissemia social, onde todos objetivam ‘brincar’, por um entendimento de suspensão momentânea das regras sociais da vida cotidiana. “*E brincar significa literalmente ‘colocar brincos’, isto é, unir-se, suspender as fronteiras que individualizam grupos, categorias e pessoas*”<sup>30</sup>. Por tudo isso, destaca os aspectos ambíguos da ordem social, manifestando um conjunto de sentimentos, ações, valores, grupos e categorias que, cotidianamente, são inibidos por serem problemáticos e, por isso mesmo, expressam a ordem e a estrutura social de forma alternativa ou invertida.

---

<sup>28</sup> DA MATTA, Roberto. *Carnaval, Malandros e Heróis...* Op. Cit. p. 41.

<sup>29</sup> Idem. pp. 41-58.

<sup>30</sup> Idem. p.52.

Sob o panorama desenvolvido sobre as características gerais e os dias festivos da *Oktoberfest*, como em relação aos valores da festa que veremos mais adiante, concorda-se com Jorge Ribeiro Júnior<sup>31</sup>, que diz que: “o *contraste*” é uma das características da festa, mas acrescenta-se que não está relacionado apenas à inversão do ritual, da mesma forma, com os rituais de reforço que esta festa envolveu.

Neste contexto, considerando o cotidiano rondonense, evidencia-se o “*contraste*” que representa esta festa, quer pelo número de pessoas que aglomerou, pela ampliação do consumo chope, pelas diversas formas de dançar e celebrar, como, também, no destaque e afirmação de papéis e posições hierárquicas e do cenário cultural simbólico de representação da germanidade. Enfim, a *Oktoberfest* é um contraste na estética, de legitimação da estrutura dominante, no excesso do consumo alcoólico, de liberdade na expressão de diferentes formas de dançar, de liberdade e espontaneidade nas relações sociais, frente à vida habitual normatizada, regulada.

Procurou-se nesta parte do trabalho, demonstrar como os conteúdos culturais de lazer se desenvolveram e foram vivenciados, norteados, principalmente, pelos valores de reforço e inversão. Enfocou-se os aspectos mais diretamente relacionados à dança, por ser esta, o principal conteúdo de lazer para os atores nesta festa, que se apresentou numa manifestação cultural múltipla, paralelamente, relacionado a outros conteúdos de lazer nesta festa.

---

<sup>31</sup> RIBEIRO JUNIOR, Jorge. *A Festa do Povo...* Op. Cit. pp. 48-50.

#### 4.3. INTERESSES E SENTIDOS DA 11ª OKTOBERFEST

A 11ª *Oktoberfest*, como evento cultural de massa, envolveu diferentes esferas de atuação humana. Desse modo, ela pôde representar uma atividade de obrigação política, como vimos no capítulo três, mas, também, de lazer, de trabalho e obrigação social. É necessário entender que estas áreas de atuação do homem na festa, apresentam-se relacionadas, podendo, assim, estarem associadas, diferenciadas, mas, igualmente, antagônicas. Assim, passa-se a tratar da *Oktoberfest* de 1997 como espaço de vivência do lazer e, num segundo momento, aborda-se como espaço e tempo de trabalho filantrópico e econômico.

Desse prisma, vale salientar que os valores e significados individuais e sociais que a festa assume, representam os valores e princípios referentes ao contexto cultural no qual as pessoas então inseridas, apresentando, assim, interferências psicológicas, sociais, políticas e econômicas. Por conseguinte, as representações sobre esta festa, manifestar-se-ão de diferentes formas por aqueles que constituem seu público, manifestando uniformidades, ambigüidades, contradições e conflitos.

Vejamos então, em seu sentido, como um espaço que possibilita a vivência do lazer, dado, prioritariamente, à sua dimensão lúdica que atrai um número muito grande de pessoas. O lazer, como já foi colocado no capítulo um e entendido na concepção de Nelson Carvalho Marcellino.

Desta forma, a 11ª *Oktoberfest* mostrou-se como um evento de lazer social, que possibilitou, predominantemente, para jovens em geral, quanto para jovens rondonenses, em particular, uma opção pessoal de lazer no tempo disponível. A maioria dos informantes,

participantes locais e turistas, demonstraram que a participação e/ou fruição na festa foi norteadas pelos sentimentos de prazer e satisfação, num tempo e atitude que não estavam vinculadas às obrigações sociais, políticas e do trabalho. Ademais, na festa, tiveram liberdade para selecionar as atividades que queriam fazer, com quem queriam se relacionar e de que forma queriam se expressar.

Embora a 11ª *Oktoberfest* se tenha caracterizado como um evento de massa, quer por sua popularização, através dos meios de comunicação, quer pelas atividades que proporcionou, ou pela variedade de produtos que ofereceu e pela quantidade de pessoas que sempre envolveu, ocorreu, também, que muitas pessoas optaram por esta atividade no seu tempo disponível, em função do grande número de pessoas locais e de fora que sempre participaram desta festa e/ou pelos meios de comunicação de massa, em função do caráter de “modismo”, e/ou guiando-se pelo gosto do grupo de que faz parte, e/ou pela curiosidade, outrossim, por obrigações sociais<sup>32</sup>, e até mesmo, por interesses políticos partidários<sup>33</sup>. Quanto aqueles aspectos, isso se evidencia na fala de alguns informantes, como se pode observar abaixo:

*“Eu fui só um dia na festa, isso por dois motivos: um, que sempre desperta uma certa curiosidade, porque são duas semanas, que envolve muito a cidade, as pessoas falam muito sobre a festa. Isso, cria um clima de curiosidade, aí a gente quer conferir, quer ver também algumas coisas, né. O segundo, porque na verdade esta preferência não foi minha, foi minha mas assim, se fosse só eu, eu não iria, fui porque uns amigos meus passaram aqui e me levaram”,* diz “Rob”.

*“Olha nós participamos mais pelo nosso clube [de idosos] que fez a abertura, né. No mais, nós não participamos da festa. Agora, nós fizemos a festa no nosso clube, essa sim, é bastante divertida. Seu marido complementa: “É, nós fomos mais por obrigação, né, porque o prefeito pediu muito para nós*

<sup>32</sup> Ver mais adiante no sub-capítulo Trabalho Festivo.

<sup>33</sup> Vale salientar, foi observada nesta festa a presença de um número grande de representantes distritais e vereadores do Município, pois esta é uma prática muito comum deste grupo social em todas as festas do município de Marechal Cândido Rondon, servindo, na maioria das vezes, de curral eleitoral.

*estarmos lá presente, para fazermos a abertura, né*”, segundo o casal “Vo” e “Wa”.

Em uma análise ampla da *Oktoberfest*, sabe-se que a população flutuante e a comunidade local esperam todo ano, nos oito dias de festa, participar de intensas atividades, como diz “S”: *“Esta festa é contagiante, muitas pessoas esperam o ano inteiro, eu espero o ano inteiro para Oktober chegar”*. Ou como relata “By”, membro de um grupo: *“A gente espera o ano todo para extravasar, porque ali dentro você faz o que você quer”*. Além disso, todos os informantes participantes locais e turistas demonstraram que participam da *Oktoberfest* há vários anos, muitos deles, desde os primeiros anos, como afirma “Ab”: *“Nós estamos acompanhando todas as festas, desde o começo da Oktober, nós fomos em todas”*.

Especificamente, em relação ao espaço social desta festa, neste ano, como já se evidenciou no item anterior, os participantes se concentraram, majoritariamente, no Centro de Eventos I e na copa à frente deste local, mas, também, alternaram-se com fluxos de momentos no Café Colonial, nos restaurantes, no Centro de Eventos II para Casais, nos quiosques, nas barracas, na Exposição de Orquídeas, e nos outros espaços da festa.

Pela programação oficial e pelo cenário<sup>34</sup> da 11ª *Oktoberfest*, pode-se dizer que foi um espaço que possibilitou a vivência de uma diversidade de atividades de lazer; numa análise abrangente, propiciou aos participantes, principalmente: **a satisfação do exercício do corpo, através das inúmeras formas de vivenciar a dança**; da imaginação, na apreciação das apresentações folclóricas, da decoração, e da exposição de orquídeas; no prazer da gastronomia, preferencialmente o consumo de chope; e a satisfação do interesse social, porque vivenciaram uma série de formas de relacionamento social, como por exemplo, o contato direto, o reencontro, a

<sup>34</sup> Continuo usando o conceito de José Guilherme Magnani, explicado no início deste capítulo.

afirmação ou criação de vínculos afetivos, e outras formas de se relacionar. A satisfação destes interesses pelos atores nessa festa, deu-se, de forma simultânea, em momentos diferentes e, muitas vezes, fundiram-se, compondo-se de um todo interligado<sup>35</sup>.

Especialmente, com relação à participação de grupos sociais, pode-se dizer que o interesse e o gosto em praticar e/ou fruir das atividades arroladas no programa oficial, relacionadas à cultura alemã e teuto-brasileira, foram, de preferência, de pessoas adultas e idosas da comunidade local, (sede/interior) com a exceção dos jovens e adolescentes, prevalecendo a programação da abertura e reabertura da *Oktoberfest* e os bailes nas quintas-feiras, como informa a teuto-brasileira “Joa” de 65 anos: *“O que eu mais gostei da festa lá na Oktober, foi a abertura. Porque era muito, muito bonito, os enfeites, as roupas, o povo muito alegre, os enfeites do salão, né. Também as danças, a dos idosos, os vestidos, tudo muito bonito, né. A única coisa, que no início não tinha lugar para os idosos sentarem...”*.

Entre outros motivos, a não motivação a uma maior participação dos idosos e adultos nos outros dias da festa foi revelada por esta categoria de informantes, como sendo a presença majoritária e em grande quantidade de jovens da localidade e de fora e as inúmeras formas como estes se expressam na dança. Além disso, o uso abusivo de bebidas alcoólicas e o grande estado de entusiasmo, fazem com que estes participantes da festa dancem, brinquem e pulem, empurrando, pisando e dando cotoveladas naqueles que se encontram próximos, limitando a participação destes na festa. Tudo isso, faz com que haja falta de espaço para os idosos e adultos se locomoverem, relacionarem-se, tornando-se impossível dançar o estilo tradicional da marcha, como relata “Joa”:

*“Vamos dizer, o motivo é porque nos outros dias é mais para os jovens, né. Então, não é como para minha idade, a gente não se sente bem quando não é a abertura, quando os idosos não estão todos juntos né. [...] Porque não tem*

---

<sup>35</sup> MARCELLINO, Lazer e Humanização... Op. Cit. p.42.

*espaço, eles tem outro ritmo, outro jeito para dançar e se divertir, então não combina com o nosso jeito de dançar e a gente então não se sente bem, né”.*

Os informantes que pertencem a estes grupos sociais, demonstraram que participam da festa pela satisfação de ouvir e dançar o estilo de música marcha, tomar chope, reencontrar e afirmar vínculos sociais de forma lúdica. Outrossim, pela satisfação na apreciação ou participação das apresentações folclóricas, na observação da exposição de orquídeas e decoração, participando pelo sentimento de prazer e satisfação, manifestados, principalmente, pela palavra “diversão”, como se verifica nos depoimentos abaixo:

Segundo “Wa”: *“Nós fomos para dançar a polonesa, na abertura né, olhamos a exposição de orquídeas, olhamos tudo lá, aí nos fomos para casa”.* Já “P”, foi observar as danças folclóricas: *“ O que eu mais gosto é assistir as atividades culturais, para relembrar as origens dessa comunidade e encontrar os amigos”.* A informante “Eu” disse que gosta de sentar-se na copa que fica em frente ao Centro de Eventos para observar, conversar e conhecer pessoas: *“Eu prefiro fica num lugar assim, onde tem mais movimentação, lá eu encontro meus amigos e minhas amigas e converso com todo mundo. Ali naqueles bancos onde o povo se senta, onde aglomera mais pessoas, né”.* Porém, o casal “E” e “El” falam: *“A gente veio para se divertir, para dançar, tomar chope, porque a gente gosta muito da festa”.* Sua esposa complementa: *“É isso mesmo, encontrar os amigos também para festar, para a festa ficar melhor ainda, os velhos conhecidos que nós sempre encontramos aqui, né”.* Como também, relatam “Ma” e “T”: *“Eu gosto da diversão, de dançar, eu adoro essas músicas e do chope... (risos)”.* O marido: *“Da animação, da amizade, da companhia que a gente tem, da diversão, da música, e de muito chope, é isso aí”.*

Quando participam nos outros dias da festa, estes grupos sociais demonstram que sempre preferem dançar nos bailes do Centro de Eventos II para Casais, por vários motivos: consideram a pista de dança melhor que a do outro pavilhão; a marcha é tocada em ritmo musical harmonioso e compassado num volume agradável; as pessoas não dançam, individualmente, em pequenos grupos no centro da pista; e, principalmente, pela pouca presença de jovens neste local. Todos estes aspectos, preponderantemente, estão relacionados ao melhor desenvolvimento da forma tradicional de dançar a marcha em duplas de casais, que é a preferência deste grupo social na festa. Como se pode constatar pela colocação de “E”: *“A festa aí [no Centro de Eventos I], puxa mais para o ritmo de carnaval, é a festa do povo. Então, tem que ser para os jovens, né. As pessoas de idade gostam mais de baile, de dançar marchinha, e isso muda um pouco aqui, lá em cima é carnaval e este aqui é para nós, as famílias”*

Entretanto o fato de ter pouco público, neste local, na sexta-feira e no sábado da primeira etapa da festa, fez com que a comissão organizadora restringisse os bailes ali programados para os domingos. Este e aquele fato fizeram com que essas pessoas participassem dos bailes no Centro de Eventos I, junto com os jovens, resultando em muitas reclamações, desmotivando muitas pessoas a ficar mais tempo nessa festa e a não vinda destes grupos sociais nos outros dias, como confirmam os depoimentos abaixo:

*“Hoje é lá, porque aqui não tem nada, né. Este é mais gostoso para nós, o pavilhão aqui em baixo. Nos outros anos a gente vinha aqui, mas hoje não tinha ninguém, né, então não animou.[...] Lá é mais para os jovens é mais agitado, aqui não, é mais calmo, né”,* conta “E1”.

*“Eu danço solto ou junto, eu gostaria de dançar junto, como casal dança, mas ali não dá e a pista não é para isso, então a gente acompanha como eles [jovens] dançam ali, né”,* narra “J”.

*“A pista ali [Centro de Eventos I] não serve para nós, a gente está acostumada com a outra e tiraram todos os bancos que tinham, né, então, eu*

*falei para várias pessoas que se eu é para vir de novo eu não venho mais. Depois, quando o pessoal começou a reclamar, aí ele [Prefeito] botou umas mesas lá dentro e lá fora, né. [...] Também, ele sempre falava que tinha o de casais [baile no pavilhão de casais] agora, né, ele falou, mas não tinha nem uma vez quando nós fomos lá, sempre fechado, então a gente se recolheu”, crítica “Vo”.*

**Observou-se nas falas destes grupos sociais que, quando se referem ao estilo tradicional de dançar marcha, usam a palavra dançar e, quando se referem às outras expressões de dança que executam ou observam, nominam-as como: dançar solto, sambar, animar, pular e carnaval.**

A frequência aos restaurantes e ao Café Colonial, que é uma prática constante destes grupos sociais, neste ano, foi insignificante durante todo o período da festa, embora estivessem muito bem decorados e tivessem *shows* musicais ao vivo. Já as copas, as barracas de lanches se apresentaram relativamente cheias, portanto o principal produto consumido, nesta festa, foi o chope, entre outros, que estes locais ofereceram.

Tal fato se evidenciou na festa neste ano, por ter tido, aproximadamente, 50% do público a menos, em relação aos anos anteriores, e a participação majoritária ser de jovens e adolescentes da cidade e de fora do Município, comparecendo, apenas, uma minoria de pessoas adultas e idosas, quer seja da cidade-sede, do interior ou de outros municípios.

Considerando que houve aproximadamente 90% da participação de adolescentes e jovens nesta festa, pôde-se observar nela e nas entrevistas com os teuto-brasileiros jovens, a preferência era pela participação e/ou fruição dos “carnavais” desenvolvidos no Centro de Eventos I, na participação das atividades propostas neste salão (dança e Chope em Metro), criando, ali, outras formas de dançar, próprias desta clientela, como descrito anteriormente, quando se fez referência à festa nas sextas-feiras, o que se sintetiza na fala abaixo:

*“Eu gosto de dançar neste pavilhão [ Centro de Eventos I]. Por exemplo, a marcha, isso é meio difícil de eu dançar aí no meio, porque o povo gosta de ficar ali, eles se entusiasmam demais, pulam muito, vira uma festa só, vira um carnaval alemão. Então tem duas formas para dançar aqui, né. Ou você dança marcha como está tocando a música fora da pista ou você se entusiasma e cai no meio da folia”, diz “Ay”.*

A preferência deste grupo social pelo Centro de Eventos I e, preponderantemente, pelas noites de sábado, está relacionada à presença de um número muito grande de jovens de outras cidades da região, surgindo inúmeras possibilidades de se relacionarem e formas de manifestarem a dança. Conforme a colocação de “Ro”: *“Eu tenho preferência pelo sábado, porque é geralmente nos sábados que vem as pessoas de fora. Então, junta todo mundo, Cascavel, Toledo, Palotina, Assis, todas as cidades da região Oeste, vem todo mundo, você se confraterniza, vê mais pessoas, se relaciona com mais pessoas”*.

No entanto alguns jovens informantes disseram o contrário, o que se evidencia no relato de “Jo”: *“No sábado, aqui [Centro de Evento I], não é tão gostoso para a gente, porque tem muito empurra-empurra, para você chegar a tomar um chope “Deus-nos-livre”, para ir no banheiro não dá, para dançar nem se fala, então, no sábado é terrível”*.

As entrevistas, com jovens teuto-brasileiros demonstraram que o gosto em participar da festa está em propiciar a satisfação do interesse social, na vivência de uma série de formas de relacionamentos sociais, no prazer de se expressarem em inúmeras formas de dança, cantando e gritando e pelo gosto de tomar chope, todos vivenciados de forma lúdica. Estes interesses se compõem de um todo interligado, onde o sentimento de satisfação e o prazer na vivência, são expressos por eles, principalmente, pela palavra “festar”, “fazer festa”, que se efetiva, essencialmente, através da dança, como explica “Dy”: *“Para mim é festar, a festa se resume em pular e fazer folia. Só que acho que para a maioria do pessoal se resume na bebida, no chope”*.

Complementa a amiga “Cy”: *“É a união, porque a gente revê os amigos, como no caso delas que estudam fora, então a gente se reúne e dança todo mundo. Conhecer novas pessoas, o pessoal que vem de fora, né”*.

Enquanto alguns jovens informantes demonstraram que o prazer em participar da festa está em observar as pessoas celebrando e em encontrar os amigos, como salienta “P” :

*“Dançar! pouco, quase nada. Eu prefiro observar, me divirto com os outros se divertindo.[...] Eu olho as pessoas, desfrutando a música, as atividades culturais, eu gosto de ver isso. Porque um dança de uma forma, outro prefere dançar diferente, eu acho que é exatamente isso que faz o ponto alto da nossa festa, é a “festa”, a diversão, porque cada um se sente livre para fazer e ser o que é, eu acho que isso é o bonito, porque se tivessem regras para ter que dançar num mesmo estilo, talvez as pessoas não se identificassem tanto com isso [a Oktoberfest]”*.

Da mesma forma, relata “Rob” com relação à prática da dança na festa: *“Para ser exato eu não dancei. [...] Eu bebi chope lá, fiquei observando, e conversando com alguns amigos, encontrei inclusive alguns que eu não via há muito tempo, né”*. Em outra ocasião diz: *“O que eu acho legal nesta festa é observar as pessoas de fora, porque o comportamento delas não estão vinculadas a uma questão moral, mas sim social mesmo!”*.

Com base no panorama desenvolvido até aqui e na análise anterior, referente aos diferentes dias festivos, **evidencia-se que a “expressividade”<sup>36</sup> dos participantes da 11ª Oktoberfest manifestou-se, mais intensamente, através da dança, do canto e das suas relações sociais. Confirmam-se, assim, as postulações de Jorge Ribeiro Júnior sobre a expressividade na festa, ao considerar que é sobretudo social e criadora de igualdade, pois o canto manifesta uma fala grupal cheia de alegria, e a dança uma forma de estar-**

<sup>36</sup> RIBEIRO JÚNIOR, Jorge. *A Festa do Povo...* Op. Cit. p. 57.

junto e uma manifestação interjetiva de um corpo total. E por isso, as formas expressivas na festa, “*compõem uma linguagem-em-ação*”, isto é, a totalidade de ser. Além disso, a linguagem festiva apresenta um modo próprio e peculiar, trata-se, antes de tudo, de uma linguagem do corpo, marcada por forte contraste, pois, corpo-em-festa diz excesso, prazer, sociabilidade, plenitude do aqui/agora”<sup>37</sup>.

Também assim, “*a linguagem da festa é multiplicidade*”<sup>38</sup>, pois, especificamente, em relação à dança na *Oktoberfest*, percebeu-se que se mesclaram danças tradicionais artísticas com evoluções e características diferentes, misturaram-se estilos variados de dançar a marcha tradicional, expressões de danças similares ao Carnaval e formas de dançar sensuais e eróticas.

Com base no referencial de Jorge Ribeiro Júnior, nos depoimentos dos informantes, e na observação do cenário da *Oktoberfest*, conclui-se que a expressividade na festa é lúdica e expressa-se, preponderantemente, no canto e na dança, constituindo uma fala conjunta, alegre e coletiva, caracterizando-se numa manifestação concreta e total do corpo.

Sob outro prisma, mas no mesmo contexto, percebeu-se que a “*gratuidade*” constitui “*a essência da festividade popular*”, segundo Jorge Ribeiro Júnior. Pois foi ela que regeu o encontro das pessoas nesta festa, pela espontaneidade e liberdade que foi doada, acolhida e criativa em suas relações de forma pacífica e globalizante, desarmados de fins e objetivos<sup>39</sup>. Ou seja, a gratuidade, na *Oktoberfest*, consistiu na manifestação espontânea e de liberdade expressas pelos atores desta festa em suas ações, expressões e relações sociais, percebendo-se mutuamente com as outras pessoas na totalidade da vivência festiva, tendo como princípio básico o celebrar.

---

<sup>37</sup> Idem. p.55.

<sup>38</sup> Idem. p.55.

<sup>39</sup> Idem. p.52.

É com base no acima exposto, que se pode falar que festa só é festa, quando se realiza na animação que caracteriza o ato de festejar o aqui e agora, o prazer nas relações de estar junto com o outro e de expressar-se livremente. É por isso, que se reforça que a festa é uma celebração do gratuito, da espontaneidade e da liberdade.

Com base na análise da dança na *Oktoberfest*, neste item e no anterior, remete-se aqui às palavras de Maurice Béjart<sup>40</sup> que, ao falar sobre dança profana, nos diz: *“O homem faz parte de um dado grupo étnico, social, cultural. E tem necessidade de se sentir fazendo parte integralmente deste grupo: de estar em relação com os outros. Muito mais do que as leis, os costumes, o traje e a linguagem, é o gesto que vai dar existência a essa união”*.

Considerando que a dança foi o principal conteúdo de lazer para os informantes e que se destacou entre os demais conteúdos da festa, pode-se enfatizar que foi, preponderantemente, vivenciada de forma coletiva, festeira e criativa, pois geraram-se diferentes expressões, criaram-se novas formas de bailar e, simultaneamente, a sensação de alegria, de prazer, de espontaneidade e de liberdade foram vivenciadas. A dimensão do ato de dançar nesta festa é enunciada nos depoimentos abaixo:

*“Olha, dançar na Oktoberfest é uma coisa assim, a música entra no sangue, você se transforma, se solta de uma forma que você não vê ninguém, nem nada.[...]Quando a gente dança a gente voa, usa o corpo para se manifestar de uma forma assim, como é que vou dizer, voando, uma coisa etérea, a gente se solta e vai para o mundo”*.

Em outro momento da entrevista, a informante “De”, enfatiza ainda mais a importância do dançar, dizendo:

*“É você dar asas a imaginação, curtir, não se importar com quem está olhando, quem está falando, quem está imaginando coisas de você. É uma única oportunidade que se tem de se soltar sabe, ser você realmente como você*

<sup>40</sup> BÉJART, MAURICE. Prefácio. In: GARAUDY, Roger. *Dançar a Vida...* Op. Cit. p.8

*é, eu tenho certeza absoluta que quem faz isso como eu faço, no dia seguinte está leve, se sentindo bonita, gostosa, é uma coisa ótima”.*

*“A gente procura fazer o que a gente sente, né, o sentimento vem faz tudo isso, festar e compartilhar com os amigos”, diz “Cz”.*

*“É uma adrenalina, entende! A música estimula muito, então, é uma sensação de liberdade, a gente fica eufórica e à vontade”, relata “Eli”.*

Evidencia-se assim, o que Roger Garaudy<sup>41</sup> comenta, embora sob outra perspectiva sobre o estudo da dança que, aquele que sabe compreender a dança sagrada, liberta-se da ilusão individualista, como verificado no capítulo um.

Destarte, pode-se observar nestes depoimentos que a *“utopia”*<sup>42</sup> se manifesta na vivência desta festa, pois seus atores concederam à fantasia pensamentos que enfocam esperanças na visualização ou busca da possibilidade do *“vir a ser”* de situações de festa e de vida alternativa.

Lembramos aqui, as colocações efetuadas sobre o assunto por Jorge Ribeiro Júnior, fundamentado em Harvey Cox, conforme explicado no Capítulo I.

Podemos falar então, que toda esta abordagem explica os diferentes significados que a dança assume, enquanto linguagem festiva, conforme explicitado por Maurice Béjart, baseado em Roger Garaudy, mencionado no capítulo um<sup>43</sup>.

Partindo das considerações desenvolvidas até aqui, sob o prisma dos valores que norteiam a participação das pessoas nesta festa e em seus eventos, pode-se dizer que surgiram oportunidades de vivenciar os valores do lazer, como: o descanso, o divertimento e o

<sup>41</sup>GARAUDY, Roger. **Dançar a Vida...** Op. Cit. p.16.

<sup>42</sup>RIBEIRO JÚNIOR, Jorge Cláudio Noel. **A Festa do Povo...** Op. Cit. pp.54-55.

<sup>43</sup>Entende-se por comunicação de alegria com outras pessoas. Maurice Béjart na obra de Roger Garaudy, ao descrever sobre a dança sagrada coloca: *“O que o homem busca, para além da compreensão, é a comunicação. A dança nasce dessa necessidade de dizer o indizível, de conhecer o desconhecido, de estar em relação com o outro”*( BÉJART, MAURICE. Prefácio. In: GARAUDY, Roger. **Dançar a Vida....** Op. Cit. p.8.)

desenvolvimento pessoal e social; mas, também, de catarse, os de consumo<sup>44</sup>; a dramatização e a revivência das tradições, na afirmação da identidade étnica e na afirmação da identidade grupal, vivenciando, de forma conjunta, as atividades; da inversão ou legitimação da ordem social, cultural e do cotidiano, dentre outros, constituindo-se em valores que fazem parte de um todo mais amplo: o plano cultural<sup>45</sup>.

Portanto a participação na *Oktoberfest* pela comunidade local teve muitos sentidos, pois parte dos informantes demonstraram que esta vivência constitui um momento importante em suas vidas, porque lhes proporcionou, outrossim, a diversão, a recreação, a higiene mental e o entretenimento, manifestados e relacionados à perspectiva compensatória, isto é, a festa e suas atividades serviram de recurso para aliviar, melhorar e suportar a vida cotidiana, minimizando os problemas pessoais, sociais e do trabalho, como se expressam nos depoimentos abaixo:

Explica “Jo”: *‘É alegria, é se divertir muito. É uma forma de você se distrair um pouquinho, de você se desligar um pouco do dia-a-dia, da tensão que normalmente ocorre no trabalho’*. E assegura “J”: *“É uma festa onde a gente encontra as próprias raízes, eu acho que esta sensação é uma coisa que está no sangue da gente. Também, é uma festa em que você manifesta não só os instintos, as emoções, e o prazer, ela age também como uma terapia emocional”*.

Por outro lado, estes valores de descanso e de diversão foram manifestados pela grande maioria dos entrevistados, preponderantemente, pelo ato de festejar o aqui e agora, na animação, no prazer de se relacionarem com os outros e se expressarem livremente. Como confirmam as falas abaixo:

---

<sup>44</sup> MARCELLINO, Nelson C. Estes valores, foram discutidos profundamente pelo autor nas obras *Lazer e humanização*, 1983; *Lazer e educação*, 1990; *Pedagogia da animação*, 1990 e *Estudos do lazer: Uma introdução*, 1996; as quais fundamentaram o desenvolvimento e a discussão destes valores neste trabalho.

<sup>45</sup> MARCELLINO, Nelson C. *Lazer e educação...* Op. Cit. p. 151.

Relata “Eli”: *“Se divertir, dançar, fazer novos amigos, conhecer gente, se descontraír”*. Acentua “Ro”: *“Eu me divirto, faço festa, muita festa. Aqui você tem liberdade, pode se soltar, pode fazer o que você quiser, dançar de qualquer jeito, ninguém olha se você é feio ou bonito, que jeito dança, o que importa é fazer “festa”*”.

As declarações da maioria dos informantes confirmam a abordagem de Nelson Carvalho Marcellino, já especificada no capítulo um, sobre eventos esportivos de massa. O fato deles atraírem tanto público que se comporta de maneira tão apaixonada, não é apenas devido ao apelo da *“indústria do espetáculo”*, mas, porque esses eventos, entre outros valores, proporcionam o divertimento, a recreação, a busca do prazer<sup>46</sup>.

Além destes valores, é preciso reconhecer que esta festa proporcionou o desenvolvimento pessoal e social, pois os informantes relataram que ocorreram momentos de liberação da imaginação, de análise e reflexões sobre si próprios, em relação às outras pessoas e à festa, implicados nos sentidos que sugerem a tentativa de perceberem como na realidade se expressam e se apresentam, o que se pode observar nas palavras de “De”:

*“Esta festa tem um clima mágico, é como vestir uma roupa diferente, é como se você se fantasiasse de você mesma nessa época. Não é aquela pessoa que está trabalhando no serviço, não é aquela pessoa do dia-a-dia que está na rua, no mercado, em qualquer lugar, ali você é uma pessoa diferente, você é outra. As pessoas te falam, oi! que legal que você está aqui!, nossa! como você está linda com essa roupa! Então, você já é uma pessoa diferente, não é aquela pessoa comum que passou o ano inteirinho encontrando com as outras, ali você é uma pessoa especial. Essa Oktober, são dias especiais, com uma chance especial, das pessoas serem especiais”*.

Porém estes informantes destacaram que foi importante a sua vivência, porque proporcionou várias alternativas de convivência social, colocando em contato os anseios e

<sup>46</sup> MARCELLINO, Nelson Carvalho. *Lazer e Humanização... Op. Cit.* P. 46.

valores, trocas de informações e conhecimentos em torno da festa, da vida nas esferas pessoal e social. Como exemplificam os depoimentos abaixo:

Conta “Joa”: *“Também, eu fui de uma mesa para outra, conversava com uma amiga aqui, com outra lá, daí como tinha outro salão aberto, fomos lá e tomamos um refrigerante e conversamos com outras pessoas, né”*.

Relata “Eli”: *“É interessante, porque você vê pessoas diferentes de você, que não moram aqui. Sabe, pelo pouco que você está junto, todo mundo quer se conhecer, trocar idéias, assim...conversar, e isso é legal”*.

E diz “S”: *“É muito gostoso, você aprende muitas coisas né, vai conhecendo a cultura de outras pessoas, não só a nossa, tudo se mistura ali né. É alemão com italiano, é africano, seja o que for está aí no meio fazendo festa”*.

Vale salientar aqui, as palavras de Regina de Paula Santos Prado<sup>47</sup>, que diz que a festa representa um “locus” de aproximação entre pessoas de diferentes povoados, entre rural e urbano, entre lugar de origem e destino na migração e de diferentes cidades. *“Ela é o tempo em que o distante vira próximo tanto no sentido espacial quanto no humano, pois além de reavivar laços antigos ela produz novas alianças”*, e assim, acrescenta-se que se alargam as fronteiras sociais, afetivas e, também, educativas. Isto tudo evidencia uma das funções do lazer, como *“veículo de educação”*<sup>48</sup>.

Mas, se a *Oktoberfest* apresentou-se como um momento de integração e socialização, minimizando conflitos e discórdias entre pessoas e grupos sociais, é necessário também reconhecer que os expõe; exemplo disso, foram brigas, indisposições, intrigas e muitas reclamações observadas, que ocorreram no ambiente desta festa.

<sup>47</sup> PRADO, Regina de P. S. *Todo ano tem: As festas na estrutura social camponesa*. Dissertação de mestrado em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro: Museu Nacional, 1977. p. 83.

<sup>48</sup> REQUIXA, Renato. *Sugestão de Diretrizes para uma Política Nacional de Lazer...* Op. Cit. p.52-59.

Em relação a estes gêneros de conflitos na festa, pelas observações da pesquisadora e relatos dos entrevistados, pode-se dizer que brigas na *Oktoberfest* aconteceram, porém foram muito pouco freqüentes e, quando ocorreram foi no espaço fora da pista, sem grandes conseqüências. Entretanto, de uma forma até comum, os jovens empurravam propositalmente alguém que estava com copo de chope e derramavam chope em outras pessoas, colocavam urina no copo e lançavam para cima, o que gerou indisposições e intrigas entre os participantes. Segundo Jorge Ribeiro Júnior, estes conflitos na festa são decorrentes do cotidiano popular e/ou da inversão ritual que transforma a festa num momento de relativa licença<sup>49</sup>. Exemplo disso, foi a resposta obtida, quando se questionou os informantes do que não gostavam na *Oktoberfest*:

*“Ano passado, eu comprei um caneco de porcelana, entrei no salão, não deu 15 minutos quebraram. Ai, tem uns outros palhaços que mijam no copo e começam a jogar o copo de um lado para o outro no salão, derramando mijo em todo mundo, isso é ruim e estraga um pouco a festa, né”,* diz “Ju”.

*“Uma coisa que eu não gostei hoje ali, foi a turma dançando em cima das mesas e dos bancos, isso não é coisa certa, né. Tem muita gente que gostaria de sentar e não podem porque eles estão em cima. Também, tinha uns ali esbarrando na gente, uns mal educado que não sabem dançar, só empurram”,* relata “Ma”.

*“A grandeza da festa descaracterizou um pouco, né. Até hoje à noite, a gente se defrontou, mas a gente enfrenta o pessoal que vem aí e pensa que a festa é só Carnaval. [...] Essa população não entende o fundamento da festa, e isto deixa a gente meio desequilibrado né, desequilibra a gente um pouco”,* enfatiza “T”.

Estas atitudes e comportamentos, na festa, por parte de alguns jovens, é discriminada pela comunidade local, incluindo-se aí os informantes desta pesquisa que, embora demonstrando que tenham ocorrido durante este ano, relacionavam-nos, principalmente, às festas dos anos

<sup>49</sup> RIBEIRO JÚNIOR, Jorge. *A Festa do Povo...* Op. Cit. p.45.

anteriores, falando que estas manifestações evidenciavam-se muito mais. Além disso, é preciso destacar que estas manifestações eram direcionadas ao turista jovem, “o outro”.

Entretanto, vale salientar aqui, que estas formas de vivenciar a festa não se restringem a este grupo participante, mas, sim, aos jovens de diversas etnias e de ambos os sexos, tanto da comunidade local, como de outras localidades.

No entanto, surgiram nesta festa, neste ano, descontentamentos e reclamações que foram enunciadas de forma conclusiva e de revolta pela maioria dos informantes locais, tanto quanto, pelos turistas, em relação ao Poder Municipal pelos seguintes motivos: o não desenvolvimento de bailes programados no Centro de Eventos para Casais; as “normas” definidas nesse ano pelo Conselho Tutelar do Menor quanto à participação de menores nesta festa; e, prevalecendo, a cobrança de ingresso. Confirma-se assim, o que diz Jorge Ribeiro Júnior, que os conflitos podem expressar-se na festa, decorrentes também do *“assalto sofrido pelo arbitrário cultural dominado por parte do arbitrário dominante”*; bem como, *“da tentativa de legitimação ritual da Ordem dominante que procura organizar, homogeneizar, branquear a festa”*<sup>50</sup>. Isso observa-se nas falas abaixo:

*“Na Oktober jamais se cobra entrada, essa não está legal, é a única do Brasil que cobra entrada. Tem que dar uma na orelha, isso aqui não é a Oktober, o cara que fala que isso é uma Oktober, está mentindo, porque a Ok tem que ser livre para todo mundo, não existe...”*, declara “W”.

*“Olha, com ingresso ou sem ingresso, o que eu vejo principalmente, que eu critico, que cada ano que passa, vai se deixando em segundo plano a tradição, que eles falam que é o objetivo, incentivar a tradição germânica.[...] Se continuar assim, daqui umas cinco Oktober, acho que vão começar a tocar música de carnaval, música sertaneja, como em outros ano já tocaram”*, enuncia “Jo”.

*“Restringiu, restringiu o pessoal de fora e o pessoal daqui, que foi para onde não tinha ingresso para pagar né. Por outro lado tinha espaço para dançar*

<sup>50</sup> Idem. pp.45-46.

*né, não posso dizer nada que eu gostei, porque só tinha reclamação”, acentua “Eu”.*

*“Olha, em primeiro lugar, a bagunça veio de fora, a juventude que vem de fora consideram aqui, não festa de outubro, mas uma festa de bagunça, né. Em segundo lugar, esta política, para mim é uma coisa que por trás disso deu para ver aquela política suja que tem dentro desse município”, critica “Vo”.*

As duas colocações acima refletem uma realidade que não é tão simples assim, pois vão muito mais, além. Uma, porque a *Oktoberfest*, como atividade turística, dimensionou-se de tal forma, que o caráter festivo ganhou outros contornos, gerando mudanças nas expressões culturais, nas relações sociais e na paisagem da festa, porém, com as novas estratégias na infraestrutura e na organização da festa deste ano, este cenário apresentou-se diferente. Outra, pela concorrência no desenvolvimento de várias *Oktoberfests* em datas e períodos similares da festa oficial de Marechal Cândido Rondon, no caso do município de Pato Bragado e da entidade de idosos “Paz e Amor”, ambas já referidas anteriormente. Comprova-se aqui, o que Maria Fernanda Kluge escreveu: esses eventos são profícuos em produzir identidades e territorializações políticas, como também, desavenças, discórdias e disputas em torno das identidades e pelos territórios<sup>51</sup>.

Com base no referencial de Jorge Ribeiro Júnior, das observações na festa, e conforme os depoimentos dos informantes, pode-se indicar, que os conflitos na *Oktoberfest* decorreram: por problemas familiares, sociais, econômicos, entre outros, presentes no cotidiano do indivíduo; o fato da festa ser um momento de relativa licença, possibilitando a inversão de valores morais, como, também, a manifestação de comportamentos considerados impróprios e ilícitos aos padrões morais e sociais dos rondonenses; da passagem de festa-do-povo para festa-para-o-povo, no que se refere à participação popular no planejamento, organização, e desenvolvimento e, também, da expropriação cultural que sofreu, abordado no capítulo três e no item deste capítulo, Trabalho Festivo; em função da normatização da festa, fazendo com que a população precisasse se adequar às normas e às regras oriundas da cultura dominante; pelo poder em torno de identidades e territorializações políticas entre diferentes autoridades.

<sup>51</sup> KLUGE, Maria Fernanda. M. **O Vêneto não Pode Morrer...** Op. Cit. p.142.

Os aspectos problemáticos relativos ao Poder Público e à elite dominante, de uma forma ou outra, conflitaram com a vivência lúdica e criativa desta festa, neste ano. Uma, por restringir sensivelmente a participação da comunidade local, especialmente as pessoas de baixa renda, tanto quanto de turistas da região. Outra, por que a vivência coletiva e lúdica foi afetada, pois teve ocasiões da festa estar vazia, bailes foram condenados a não ser baile, outros bailes não foram realizados. Nestes momentos, a *Oktoberfest* foi uma festa desanimada, ou simplesmente não foi festa, uma vez que, uma festa só é festa, quando se realiza na animação, que caracteriza o ato de festejar o aqui e agora, no prazer e na satisfação nas relações de estar junto com o outro e de expressar-se livremente. Enfim, a celebração do gratuito, da espontaneidade e da liberdade.

Com base neste panorama geral desenvolvido até aqui sobre a *Oktoberfest*, reporta-se a Jorge Ribeiro Júnior<sup>52</sup>, quando aponta e discute os cinco elementos fundamentais que regem a dinâmica interna da festa: *“o conflito, o contraste, a gratuidade, a utopia e a expressividade”*.

Sob outro prisma, a *Oktoberfest* foi uma festa que se apresentou uniforme, coletiva e de consumo, quer pela quantidade de pessoas que envolveu, pelas atividades que proporcionou e a variedade de produtos que foram consumidos, caracterizando-se num evento de massa. Assim, é fato que as formas de vivenciar as atividades nesta festa têm um “quê” de conformista, pois foi também vivenciada pelos participantes como fuga da realidade social e pelo consumo de bens simbólicos e materiais de forma alienante, como se pode constatar nos depoimentos abaixo:

*“Eu não gostei de algumas coisas que eu vi, assim com jovens, eu vi muitos jovens e adolescentes fumando e bebendo muito, muito mesmo”, diz “Eli”.*

*“Para mim, é mulherada, mulherada, muita mulher. Cerveja bebo em Cascavel, dançar dá em todo o lugar, aqui você vem para curtir mesmo, para conhece gente nova, mulher nova, mulher bêbada, mulher chapada, doidona”, relata “W”.*

*“Ah! os bêbados chatos, tem pessoas sem muita educação, eles vem aqui, bebem e fazem o que querem. Tem que levar na brincadeira, né, porque eles*

<sup>52</sup> RIBEIRO JÚNIOR, Jorge Cláudio Noel. *A Festa do Povo...* Op. Cit. pp.45-57.

*chegam, fazem perguntas, querem, sabe! ..., estão bêbados, praticamente não sabem o que tão fazendo,”* declara “Ay”.

*“Dança é melhor terapia que existe. Enquanto você dança, você não está preocupada porque o aluguel venceu, não está preocupada com o teu salário que abaixa, com o pão de cada dia, nem com o leite, nem com nada. Por isso que eu digo quando a gente dança a gente esquece da vida, é um momento assim mágico”,* fala “J”.

Através deste panorama geral, em torno dos valores da festa para os seus personagens, confirmam-se as palavras de Nelson Carvalho Marcellino<sup>53</sup>, já referenciadas no capítulo um, ao tecer considerações sobre os valores do lazer, na sociedade atual. Destaca que é necessário reconhecer a visão do lazer, como válvula de escape da realidade social; a sua associação ao consumo puro e simples; os valores de descanso e divertimento, atrelados à perspectiva funcionalista. Da mesma forma, é preciso reconhecer as possibilidades que este mesmo lazer oferece para o descanso e para o divertimento pelo prazer e pela satisfação, com o fim em si mesmo e, ainda, para o desenvolvimento pessoal e social do indivíduo.

Sob outro aspecto, alguns dos participantes locais adultos, embora manifestassem descontentamento quanto à desintegração dos valores culturais teuto-brasileiros neste evento, demonstraram, também, que sua participação na festa, ainda se dá em torno da afirmação da identidade germânica. Para os idosos, simboliza além disso, uma identificação pessoal, enquanto pioneiros do município, como relata “Jo”:

*“Eu venho porque sou descendente de alemães, gosto da minha cultura, gosto de cultivá-la, se bem que a festa já está desvirtuada um pouquinho,...”. E explica “De”: “Porque ainda, apesar de tudo, nós estamos mantendo essa coisa boa, essa coisa de língua, de costumes, de trajes, de comunidade, sabe de sentimento. Eu acho que isso não pode morrer, no momento que morre isso, acaba tudo, vira uma coisa materialista, não vai ter mais graça...”.*

<sup>53</sup> MARCELLINO, Nelson Carvalho. *Pedagogia da Animação... Op. Cit.* p.35.

De acordo com este contexto, com os depoimentos dos demais informantes, pode-se dizer que a participação dos descendentes de alemães na *Oktoberfest* como proposta de lazer, representou para uma pequena minoria uma oportunidade de afirmação e assunção da identidade teuto-germânica, principalmente, pela identificação com o estilo musical tocado e cantado na língua alemã nesta festa, na preferência pela forma tradicional de dançar a marcha, na importância do uso do traje típico, na participação ou apreciação nas dramatizações germânicas, mas, predominantemente, pelo “pertencimento” à cidade, e ao Município. Como confirma a fala de “T”:

*“Olha, eu venho porque estou no meu meio, na minha sociedade, né. Eu estou aqui, estou em casa, né. Mesmo quando vem visita a gente traz junto, é só alegria, a gente fica satisfeito, não existe palavras para explicar”.*

Os demais participantes demonstraram que a participação está vinculada à afirmação de ser jovem, de pertencer a este grupo sócio-cultural e, mais particularmente, fazer parte de um determinado grupo de jovens, paralelamente a estes, de pertencimento à cidade. Exemplo disso, foi o orgulho demonstrado por ser esta festa realizada por sua cidade e conseguir aglomerar um número tão grande de pessoas de diferentes locais. Ademais, a importância de fruírem da festa juntos com um grande e diversificado número de jovens e, ao mesmo tempo, partilharem a vivência em pequenos grupos específicos, usando uma camiseta personalizada. Tais aspectos se expressam nas falas abaixo:

*“Para mim é alegria, é união do nosso grupo sempre. Para a cidade seria porque o povo é alemão, uma tradição alemã, para a prefeitura é a parte financeira, então é para todos, né”, diz “Cy”*

*“Eu acho que, germanicamente eu não conheço a festa, culturalmente não sinto a tradição que ela tem. Para mim, é só festa, vir aqui dançar, encontrar os amigos, conhecer pessoas, para mim não tem nada de cultura, com costume nenhum...”, informa “Ay”.*

Vale salientar aqui, que a maioria dos informantes jovens demonstraram que não têm nenhum domínio da língua alemã, nunca participaram da festa trajados tipicamente, não dançam o ritmo musical marcha na forma tradicional, não têm o gosto em apreciar as apresentações folclóricas, e não costumam escutar este estilo de música em outras circunstâncias de vida, apenas nesta festa, mas enfatizaram que se caracteriza alegre, dinâmica e gostosa, embora sejam muito repetidas. Se no momento anterior às entrevistas, identificaram-se com ascendência germânica, decorrente de casamentos inter-étnicos, as falas durante as entrevistas, em nenhum momento, relacionaram-se a costumes e à cultura teuto-rondonense ou alemã.

De acordo com o exposto acima, podemos discorrer, que a *Oktoberfest* é um “acontecimento social de efeito identificador”<sup>54</sup>, pois foi e, ainda é, através dela, que os diferentes grupos sociais desta comunidade rememoram acontecimentos e símbolos com os quais se identificam, já que, por meio deles, simbolizam e explicitam seus universos simbólicos distintos, com vistas ao reconhecimento social, posto que fazem parte de um todo mais amplo: o plano cultural da sociedade em que estão inseridos.

Mas, acima de tudo, as entrevistas com os teutos-brasileiros demonstraram e destacaram que a festa representa, especialmente, um momento de suas vidas, para celebrar o aqui e agora, o prazer nas relações de estar junto com o outro e de se expressar com maior liberdade, na vivência e na manifestação do componente lúdico da cultura, principalmente, através da prática das diferentes expressões de dança. O que se confirma e sintetiza com os depoimentos abaixo:

Joa, senhora de 65 anos, diz: “A festa para mim são dias divertidos, divertidos, felizes, todo mundo é alegre, tomam, bebem e comem, tudo é a vontade, né. É isso, um dia assim para mim, um dia muito bom”.

---

<sup>54</sup> BRANDÃO, Carlos R. *Cavalhadas de Pirenópolis...* Op. Cit., p.24.

Afirma o informante jovem “Az”: *“É toda essa alegria, a festa com os amigos, o chope, a mulher, os meus amigos pulando, é ver as alemoazinhas animando a festa, é tudo para mim. E, voltar feliz para casa.*

Acentua “Eu”, mulher de 45 anos, em sua última fala: *“O que é a Oktoberfest para mim! É sinônimo de alegria, de festa, de encontrar os amigos, de fazer amizades novas, né. Para mim, resumindo é muitas alegrias”.*

Complementa logo após: *“Que as Oktoberfest não morram, que elas continuem mas sem a cobrança de ingresso e tanta proibição do Conselho Tutelar”.*

Destaca “De”, mulher de aproximadamente 45 anos: *“A Oktober simplesmente contagia, você não precisa tomar chope para entrar no clima, você entra no clima em ouvir a música, em tomar um chope, em ver a decoração, em ver a comida, de ver pessoas felizes, de ver pessoas dançando contentes. Tudo isso dá, tudo isso forma um clima de alegria e animação”.*

Sob outro prisma, na vivência da *Oktoberfest*, também, foram verificados desvios e deturpações em torno de atitudes e valores, pois certos comportamentos nos bailes e no espaço externo do Parque de Exposição, apresentaram-se frontalmente contra os valores morais e sociais desta sociedade, como por exemplo: colocar urina em um copo e lançar para cima; grupos em círculo impulsionar uma pessoa para o alto; consumo excessivo de várias bebidas alcoólicas e o consumo de drogas<sup>55</sup>. Tais aspectos se confirmam na palavras dos informantes abaixo:

*“O que eu não gosto nessa festa é a baixaria. Tem certas coisas que acontecem aqui, que eu acho que não se deve fazer, a questão das drogas, da prostituição. Eu acho que aqui, é um local para você se divertir, se soltar, mas tem seus limites, tem as suas regras. Então não é tudo que a gente pode fazer aqui, por respeito mesmo, pelo amor próprio. Porque são coisas íntimas, pessoais, não assim para mostrar para todo mundo, certo. Eu acho que festa é uma coisa, você se drogar, fazer sexo é outra, entende”. E quando questionada, sobre quando e onde ocorrem tais práticas, a informante “Ro” nos diz que: *“É no fim da noite..., isso fica bem exposto, sem o menor preconceito, não tem nada, todo mundo, onde vai, vai, entende!”**

<sup>55</sup> Vale salientar que, no espaço urbano, no amanhecer dos sábados para os domingos, ocorrem comportamentos similares, muita bagunça nas ruas, inclusive mais drásticos, como matar um gato, furando os olhos, como revelou-me uma amiga, que mora nas imediações do Parque de Exposição.

*“Eu venho nesta festa porque aqui eu conheço gente nova, eu gosto da bagunça que a gente faz”. Quando questionado sobre qual o significado de fazer bagunça nesta festa, explicou “Ju”, turista da cidade de Foz do Iguaçu: “Bagunça, é você conhecer gente nova, sai por aí conhecer lugares novos e fazer bagunça. Que nem em Foz, lá não dá, todo mundo te conhece, se você faz uma bagunça, contam para o teu pai, para tua mãe, todo mundo fica sabendo. [...]. Então o pessoal procura sair para fora né, um lugar distante para se divertir e fazer bagunça, lá em Foz a gente não tem tanta liberdade, você vai para um bar faz um pouco de bagunça, já vem a polícia e te leva preso.”*

O mesmo informante quando questionado sobre o que significa a festa, diz: *“Essa Oktoberfest, eu acho que é uma confraternização de povos em torno de uma coisa que é a juventude, hoje em dia muito ligada no álcool, na droga, na conquista do sexo, o pessoal vem para a Oktoberfest, pode até escapar um pouco disso, mas o pessoal vem para cá virgem e perde o cabaço. Vem aqui para conhecer, que nem eu, eles vem aqui para se desfrutar, né, beber chope, conhecer meninas novas, sair com meninas novas,...”*

Com base nas observações, nos depoimentos dos informantes e no referencial teórico de Nelson Carvalho Marcellino<sup>56</sup> e Jorge Ribeiro Júnior<sup>57</sup>, estas práticas se caracterizam em *“atitudes patológicas”* ou *“comportamentos anti-sociais”*, por se apresentarem impróprias, incoerentes e perigosas para o desenvolvimento humano e em suas relações sociais. Algumas vezes, colocam em risco a vida dos participantes envolvidos nesta festa e, além disso, furtam-se da vivência lúdica, participativa e criativa desta festa. Evidencia-se aqui que *“o lazer carrega também possibilidades de se transformar num tempo de manifestação de valores destrutivos”*<sup>58</sup>.

Não necessariamente, mas os aspectos acima abordados estão relacionados ao clima de “festa” da *Oktoberfest*, proporcionado pelos componentes lúdicos da cultura, expressividade e gratuidade das ações e relações sociais, ampliação do consumo de bebidas alcoólicas, todos possibilitando um maior abrandamento dos valores morais, familiares e sociais. Da mesma forma,

<sup>56</sup> MARCELLINO, Nelson Carvalho. *Lazer e Humanização...* Op. Cit. p.67.

<sup>57</sup> RIBEIRO JUNIOR, Jorge Cláudio Noel. *A Festa do Povo...* Op. Cit. p.57.

<sup>58</sup> MARCELLINO, Nelson Carvalho. *Lazer e Humanização.* Op. Cit. p.68.

estes aspectos proporcionam uma maior liberdade e autonomia, frente aos relacionamentos afetivos e amorosos, superando a forma habitual de conquista entre as pessoas. Com base nas observações da pesquisadora e informações dos entrevistados, pode-se enunciar que a “*vivência erótica*”, na *Oktoberfest*, não foi, unicamente, vivenciada pelos participantes em algumas expressões ou apresentações de dança. Como visto anteriormente, ela amplia-se no espaço do baile no Centro de Eventos I, na copa à frente deste pavilhão e, segundo alguns depoimentos, principalmente nos espaços externos do Parque de Exposição, mais distantes dos pavilhões de baile.

*“É, eu até brinquei, uma hora quando eu fui para o banheiro [Centro de Eventos I], falei nossa para lá está uma exposição de língua adoidado, porque era um chupando a língua do outro”, diz “Eli”.*

*“É conhecer pessoas novas, conversar com pessoas novas que eu não conheço, com gente de fora e tal, o sexo também, conta muito. Por exemplo, eu conheço uma menina agora, eu faço sexo com ela sem compromisso, é uma coisa assim liberada aqui”, declara “Ju”.*

*“Ey” faz o seguinte comentário: “Olha, eu acho que aqui, deveria ter um reservado pelo menos, né, ... (risos), por que a gente vai no banheiro lá em baixo, isso é uma putaria, para falar bem a verdade. Você encontra gente fodendo lá no meio das árvores, isso é uma pouca vergonha para nosso município, né. Tem gente de fora que vem e apronta, e a gente que leva a culpa, quem leva má fama é o município”.*

Com base no referencial de Jorge Ribeiro Júnior, centrado em Henrique Dussel, sobre o erotismo, relatado no capítulo um, nos depoimentos acima e observações na festa, compreende-se porque ela sempre possibilitou e possibilita, de forma mais abrangente, embora não exclusiva, as experiências afetivas, sensuais, eróticas e sexuais.

Finalizando este assunto, vale dizer que, tanto os entrevistados, quanto os outros participantes, comentaram que é, especialmente, ao final dos bailes, preponderantemente, dos

sábados, que se presencia o consumo de drogas e uma diversidade de relacionamentos amorosos ousados ou não, inclusive de relações sexuais praticadas de forma explícita, principalmente, no bosque do Parque de Exposição<sup>59</sup>.

Sob outro panorama da *Oktoberfest*, pode-se declarar que as atividades nessa festa foram vivenciadas de forma crítica, pois manifestaram-se questionamentos e contestações reivindicatórias em maiores oportunidades e condições de participar deste evento festivo, em face das iniciativas do Poder Municipal e da elite dominante, no que diz respeito ao ingresso e às normas definidas pelo Conselho Tutelar do Menor, uma vez que, era comum, nesta comunidade, levar crianças e adolescentes em festas e bailes, como, também, de jovens saírem sem a presença dos pais e ingerirem cerveja ou chope. E quanto ao ingresso, não por sua instituição, mas por ser considerado de alto valor. Tais fatos geraram contestações concretas e simbólicas, mediante o sentimento de opressão econômica e/ou cultural, demonstrada por todos os atores sociais nesta festa, como evidencia a informante “Eu”: *“Eu acho bom proibirem certas coisas né, porque havia muito abuso, mas eu não acho bom, que nem no meu caso, não poder levar as crianças, a gente sempre levava, né. [...] Eles devem proibir a bebida alcoólica, mas a diversão não, né. Ali a diversão é para todos, o parque é para se divertir, e tem espaço para todo mundo, né”*.

Além disso, pode-se dizer que a participação em minoria pela comunidade local na festa, neste ano, foi uma forma de “resistência”, de protesto, não comparecendo à festa e participando de outras ações e de outras alternativas de festar no espaço social, na cidade. Como por exemplo, participação majoritária de rondonenses jovens, adultos e idosos na *Oktoberfest* do

---

<sup>59</sup> Com relação a estes aspectos, neste ano houve um maior controle por parte dos seguranças e policiais em toda a área do Parque de Exposição, devido as difamações que estas práticas sempre geraram para a festa..

município de Pato Bragado, correspondendo à primeira etapa da festa oficial; a participação de adultos e idosos na *Pré-Oktoberfest* na entidade do grupo de idosos “Paz e Amor”, no sábado da segunda etapa da festa oficial; e a presença majoritária de jovens rondonenses e de outras cidades, em determinado espaço da Av. Rio Grande do Sul, onde fizeram a sua festa, nos domingos, períodos vespertino e noturno. Em anos anteriores, concentravam-se nesta avenida, no período vespertino e, após, deslocavam-se para participar da *Oktoberfest*. Confirma-se, assim, que “...a resistência social se mostra mais clara nos momentos de festa, de prazer, de alegria, principalmente nos eventos coletivos, que contagiam e emocionam”<sup>60</sup>.

O informante “Wa” comprova em sua declaração, quando diz:

*“Eles estavam prometendo uma grande festa, né, então mesmo a gente esperou, mas esse ano não deu. Primeiro, a chuva atrapalhou um pouco, outra, a cobrança de ingresso que deu esse ano prejudicou mais ainda, porque o povo começou a se afastar, né. Aconteceu aquele negócio de Pato Bragado, inclusive o Clube do Paz e Amor, que fica ali bem encostado, fez um baile na mesma noite. Então todo mundo foi nessas festas e deixou festa do Município para trás”.*

Com base nas considerações efetuadas até o momento, sobre a festa como conteúdo cultural de lazer, finaliza-se, destacando a importância da síntese que Nelson Carvalho Marcellino<sup>61</sup> faz sobre o lazer, de acordo com a estrutura da sociedade em que vivemos, o que se conclui que esteve muito presente na participação e/ou fruição dos atores da 11ª *Oktoberfest*:

*“Apesar de todas as tentativas de operacionalização do lazer, para recuperação da força de trabalho, ou como simples espaço de tempo para o consumo, ou como forma deturpada de “circo”— da expressão ‘pão e circo’— ainda sobram ‘brechas’ para a manifestação do lúdico, em conteúdo e forma. A sedução que o lúdico exerce, suas possibilidades de deminuição da realidade, fazem com que os valores do lazer possam desempenhar um papel de subversão”.*

<sup>60</sup> MARCELLINO, Nelson C. *Pedagogia da animação...* Op. Cit. p. 44.

<sup>61</sup> MARCELLINO, Nelson Carvalho. *Pedagogia da Animação...* Op. Cit. p44.

#### 4.4. UM TRABALHO FESTIVO

Se um dos sentidos da *Oktoberfest* foi o de lazer, a festa significou, outrossim, um espaço para o trabalho formal ou informal, de obrigação social e política. Pois envolveu centenas de pessoas da comunidade rondonense que trabalharam no seu desenvolvimento, em diversos serviços, tais como: supervisão, comércio, segurança, limpeza, produção de gêneros alimentícios, venda de fichas, animadores, músicos e outros mais. Por conseguinte, a descrição a seguir relaciona-se às observações em relação ao trabalho na festa.

Atualmente, apesar de todas as tentativas do Poder Municipal e das instituições representativas da sociedade, em direção a uma maior efetivação da terceirização e estímulos ao trabalho formal e informal para maior produção e comercialização de bens simbólicos pela comunidade rondonense, conforme visto no capítulo três, ainda segue existindo, com grande expressão, o trabalho associativo na festa, como, também, predominaram a produção e a comercialização dos mesmos produtos dos anos anteriores, vendidos, na maioria, pelos mesmos comerciários e barraqueiros.

No entanto, as empresas de caráter privado aumentaram consideravelmente a sua participação, principalmente, quanto aos serviços de estruturação e organização da *Oktoberfest*, bem como, na comercialização dos pratos típicos, como por exemplo: o Café Colonial e a maioria dos restaurantes organizados por empresários do setor de alimentação de Marechal Cândido Rondon.

Nestes setores, trabalhar pela e na festa gira em torno de um contrato direto ou indireto com os responsáveis ou com a administração municipal.

Já o trabalho político esteve relacionado ao cargo ou função exercida na Prefeitura Municipal, mas que, no período festivo, direciona-se para a organização e o desenvolvimento da festa.

O trabalho associativo foi decorrente de uma opção voluntária “relativa” de pessoas integrantes de associações de funcionários, profissionais e entidades filantrópicas.

Pode-se falar que a grande maioria dos trabalhadores, envolvidos na *Oktoberfest* de 1997, seja do setor privado, do público, do associativo, participam da festa há vários anos, muitos deles, desde a instituição desta no calendário de eventos do Município. O que foi demonstrado por todos os trabalhadores e organizadores entrevistados, segundo seus depoimentos: A informante “Er” diz:

*“Na Oktober, desde o primeiro ano, desde a primeira festa, no início pela Prefeitura, depois por conta própria”. O casal “Ac” e “C” relata: “A onze anos, primeiro, quando nos éramos acadêmicos, a gente trabalhava na copa para o DCE, agora, a gente trabalha para a Câmara Júnior e também para ACC”. E “Elm”:* *“Nos anos anteriores, eu participava trabalhando com um clube de serviço, servindo ..., agora essa atividade, [stand] é minha mesmo, faz uns dois anos”.*

Sabe-se que a forma de atuar, voluntariamente, em festas, está relacionada à tradição, assim como à cultura do povo de Marechal Cândido Rondon, pois sempre foram estas as maneiras de comercializar os produtos em suas festas de igrejas e escolas. Participando, já, há muitos anos da *Oktoberfest*, liga-se também ao caráter social, porque estes grupos de trabalhadores formam verdadeiras redes sociais em torno de interesses e aspirações comuns, marcadas por relações de

sociabilidade, profissionalismo e de amizade. Outrossim, deve-se considerar, ainda, o caráter étnico, na afirmação da identidade cultural germânica, bem como, para o Município.

As referências ao trabalho associativo, por parte dos trabalhadores voluntários, revelam importantes conexões em suas concepções de homem e sociedade, pois a experiência social e de trabalho na festa está imbricada com vínculos familiares, como nos diz “C”: *“Nós viemos aqui para trabalhar e para festejar, mais trabalhando, né”*. (...). *“Na festa é o seguinte: o trabalho se torna mais agradável, porque você está em companhia dos seus amigos, (...), porque a gente é uma grande família, né”*.

Muitas vezes, o trabalho associativo, tornou-se o principal motivo das pessoas irem à festa, como demonstra a fala de “A1”: *“Este trabalho, não que a gente precise, né, é que a gente tem uma associação, então, todo mundo foi convocado para ajudar a trabalhar, então estou aí, né. Na festa, eu acho que não iria vir, [porque], não sou muito chegado em festa, né”*.

O caráter associativo e integrativo dos teuto-brasileiros em relação às suas práticas culturais, sociais, inclusive políticas, foi destacado por vários historiadores, como a mais importante característica deste grupo étnico no Brasil<sup>62</sup>.

Sob este prisma, concordamos com Rita de Cássia Amaral<sup>63</sup>, quando escreve que as festas têm várias faces a serem vistas, segundo a abordagem no capítulo um, na interface com o trabalho associativo.

Na *Oktoberfest* de Marechal Cândido Rondon, todas as formas de trabalho na festa, de uma maneira ou outra, têm como meta o retorno financeiro, porém, os sentidos são diferentes. Se para os integrantes de entidades associativas, foi uma oportunidade para arrecadar dinheiro para

<sup>62</sup> Ver SEYFERTH, Giralda. *Nacionalismo e Identidade Étnica*.; FLORES, Maria B. R. *Oktoberfest: turismo, festa e cultura na Estação do Chopp*.; citados anteriormente, entre outros.

<sup>63</sup> AMARAL, Rita de Cássia. *Cidade em Festa...* Op. Cit. p.258.

estruturação de suas associações, como vimos acima, para os integrantes de entidades filantrópicas, os ganhos adquiridos servem para o auxílio de entidades beneficentes locais. Como nos explica “Ac”: *“É um serviço comunitário, por exemplo: a gente trabalha para Câmara Júnior e ela destina uma parte [dinheiro] para uma outra entidade, que no momento não decidimos ainda qual é. O que será doado em forma de benefício, porque dificilmente a gente repassa em dinheiro, mas na forma de algum equipamento, de alguma máquina, aquilo que a entidade precisa”*.

Também “F”, pai de um integrante do Grupo de Escoteiros, expressa sua motivação para o trabalho voluntário. *“Hoje, a gente foi chamado para colaborar com o pessoal dos Escoteiros, eles vão ter uma parcelinha do lucro, é o Grupo 25 de Julho, então a gente veio colaborar com eles”*.

Para alguns trabalhadores, atuar na festa esteve incorporado ao seu trabalho cotidiano, em troca do salário, mas que, neste período se direciona para a festa. Para outros, significou uma oportunidade de trabalho e ganhos extras, considerando que estas pessoas dedicam-se, normalmente, a este ramo de atividades. De qualquer forma, 20% do lucro total da festa é destinado ao Centro Social Urbano de Marechal Cândido Rondon.

Além destes, é próprio da administração municipal, contratar algumas pessoas para desempenharem determinadas funções na festa, como em todo o período festivo que envolve. É o caso do *Opafass* e dos casais que o acompanham. Já a participação dos grupos folclóricos, da banda municipal, está condicionada à manutenção destes grupos pela Prefeitura Municipal, e a rainha e as princesas são favorecidas pela doação dos trajes típicos e ingressos da festa.

Esses trabalhos, se bem que favorecidos pela administração municipal, são considerados voluntários, pela pouca ou nenhuma remuneração que proporcionam e pela

responsabilidade que estas pessoas têm na incumbência de exercê-los durante todo o período da festa, incluindo a promoção das *Pré-Oktoberfests*.

Sob esse panorama, pode-se assinalar, que a *Oktoberfest* de Marechal Cândido Rondon se difere das festas germânicas de Santa Catarina, analisadas por Maria Bernardete Ramos Flores. Nestas, a grande maioria das pessoas, inclusive famílias, incorporam a festa em seu trabalho cotidiano, como meio de sobrevivência e, muitas vezes, aproveitam seus direitos a férias e finais de semana de outubro, para complementar a renda familiar ou arrecadar ganhos complementares<sup>64</sup>.

Essas festas turísticas desencadearam uma verdadeira indústria artesanal, onde pequenas e médias empresas empregam pessoas para a produção e comércio de objetos, bem como, no setor de serviços. A autora pontua que “(...) *as festas em Santa Catarina, representam uma oportunidade de trabalho para milhares de pessoas, tanto com empregos diretos e indiretos*”<sup>65</sup>.

Assim, as festas para estas pessoas não representam uma atividade do tempo de não trabalho, considerando que “(...) *deixam de ter aquela dimensão de tempo de descanso, de esbanjamento e interrupção da vida cotidiana, de liberação do trabalho*”<sup>66</sup>. O que quer dizer que, para a grande maioria dessas pessoas, as festas são incorporadas e vivenciadas, apenas, como mais uma forma de trabalho.

Já na *Oktoberfest* de Marechal Cândido Rondon, pôde-se perceber, no trabalho associativo, tanto no âmbito público como privado, que a forma de vivenciá-lo foi feito num clima de harmonia e descontração, muitas vezes, repleto de conversas, piadas, risos, canto e dança,

---

<sup>64</sup> FLORES, Maria B. R. **Oktoberfest: turismo, festa e cultura na Estação do Chopp**. Op. Cit. pp.135-145.

<sup>65</sup> Idem. p.141.

<sup>66</sup> Idem. p.136.

simultaneamente, ao trabalho de atendimento, constituindo-se em momentos significativos para essas pessoas, conforme nos explica a informante “D”: *“O que a gente faz [neste trabalho], você conta piada, joga conversa fora, enquanto isso vem alguém, daí você atende, daí faz uma brincadeira, daí ele toma seu chopinho, enquanto toma seu chopinho, o movimento para um pouco, aí a gente dança um pouco, daí você está com as pernas cansadas, mas fala outra bobeira, faz todo mundo rir e todo mundo entra nessa”*.

Foi possível observar, principalmente, nos ambientes das copas que as pessoas dançavam a dois ou em grupos, sendo muito comum pessoas casadas dançarem com outros parceiros casados ou solteiros e com pessoas do mesmo sexo. Se, socialmente, esta forma de dançar em outros bailes se apresentasse constrangedora, para este grupo social, o caráter informal e lúdico deste trabalho faz tudo ser uma brincadeira, que é próprio da *Oktoberfest*, como nos diz a informante “C”: *“É uma terapia. (...) Sabe, não importa se eu estou dançando com o meu marido ou com qualquer um da Câmara Júnior, mesmo atrás da copa a gente fica assim ..., nós nos acostumamos. Quando não tem muito movimento nós dançamos, pego o primeiro que está ao lado para dançar, porque a gente é uma grande família”*.

Esta **união do grupo de trabalhar e festar** faz com que, nos outros dias, em que essas pessoas não estão escaladas para o trabalho, venham para a festa e prefiram ficar grande parte do tempo nas proximidades de seu local de trabalho, comemorando, conversando e dançando.

Também, assim, pôde-se verificar que o trabalho era interrompido com deslocamentos até a pista de dança para dançar ou outros lugares para fruir/participar das atividades que lá se desenvolviam, como nos demonstra “Elm”: *“A gente sempre dá uma circulada na festa, vou até*

*os pavilhões e dou uma olhada lá, né. Vou até o Café Colonial, a gente vai ver a Exposição de Orquideas”.*

Enquanto alguns trabalhadores participaram, fruindo de determinadas atividades e observando as pessoas festejarem ou consumirem, outros atuaram na festa trabalhando e comemorando. Por isso, essa forma de atuar na festa apresenta-se prazerosa, conforme nos diz “D”: *“É gostoso, é uma satisfação. É uma realização. Porque a gente tem dois objetivos aqui: primeiro pelos filhos, segundo, todo minutinho que dá folga, a gente vai dançar [na pista]. A gente anima, o pessoal vem dançar e todo grupo se anima. É uma animação, não tem como fugir disso, não tem como fechar a cara, isto não existe aqui”.*

Ademais, o fato da festa aglomerar um número muito grande de pessoas, faz com que trabalhar no desenvolvimento dela, seja uma atividade que possibilite encontros entre as pessoas e muitas alternativas de convivência social. Pois foi um momento na vida dessas pessoas que propiciou integração entre os amigos e colegas de trabalho ou de profissão. Outrossim, possibilitou o reencontro com pessoas e produziu novas relações sociais.

*“O mais gratificante [de trabalhar] na festa é você conhecer pessoas, rever os amigos, que às vezes durante o ano é difícil você encontrar, e essa é uma oportunidade. E, outro lado bom, que você também se diverte juntamente com o povo. Encontra pessoas conhecidas que transitam pela festa, muitas vezes, é um lugar para você fazer amizades novas, conhecer outras pessoas” (“C”).*

Assim, trabalhar na festa, ofereceu a ampliação da sociabilidade, da integração e do conhecimento.

Para a grande maioria dos trabalhadores entrevistados, foi freqüente em sua atuação, a combinação e a convivência misturadas com diversas práticas sociais, expressando-se,

conjuntamente, neste momento de sua vida. O caráter lúdico, informal e o prazer na realização deste trabalho, faz com que a grande maioria dos informantes demonstrem que este trabalho se expressa com características diferentes do seu trabalho cotidiano, visão que é bem sintetizada na fala da informante “D”: *“É diferente, diferente do trabalho rotineiro, não cansa a perna, não cansa a cabeça, não cansa. Para mim, esse é diferente, porque a gente encontra outras pessoas, o pessoal daqui são amigos, ao mesmo tempo, que a gente trabalha, a gente se confraterniza”*.

Encontram nessa ocasião, especialmente os músicos, uma maior disposição e animação para a realização da sua profissão, principalmente, por estarem desobrigados da rotina do seu trabalho. Assim, fazem comparações entre o trabalho na *Oktoberfest* e seu trabalho cotidiano, na animação de outros bailes e eventos, como expressa “M”:

*“Na festa que nem essa, ele é muito divertido, é muito bom trabalhar. Nos outros serviços, você é limitado, você tem que trabalhar sério, tem que ser uma pessoa séria, você não pode se expressar de uma maneira totalmente a vontade, você não pode descer do palco, não pode conversar com as pessoas lá em baixo, né. Mas ali não, no teu trabalho você pode colocar junto a alegria, a expressão, a alegria né”*.

O caráter festivo deste trabalho e, portanto, descontraído, amplia as margens da alegria, do canto, da expressão corporal e das relações sociais. Também “C” (trabalhadora voluntária), explica que o gosto e a satisfação de trabalhar no desenvolvimento da *Oktoberfest*, foi motivado pelo cenário lúdico e a forma descontraída, alegre e afetiva como as pessoas o desenvolvem e se relacionam.

*“A alegria de ver as pessoas felizes, sabe, o pessoal tem o poder de se transformar, os próprios colegas de serviço, os vizinhos, os amigos, chegam aqui ..., parece que a alegria contagia sabe, você não vê uma pessoa triste na Oktober. Durante o dia você viu aquela pessoa com o rosto enrugado, naquela*

*tensão, chega aqui, parece que se solta, ela, ela vira um artista, acho que ela incorpora um personagem e se solta”.*

**Evidencia-se assim, que trabalhar na festa, foi um momento/espço para a manifestação do componente lúdico da cultura dessas pessoas.**

A demonstração de que o mesmo trabalho exercido no cotidiano e na festa, apresenta-se diferenciado, fica evidente nas palavras de “Er”:

*“Ah..., eu acho que é um trabalho normal, mas é assim, como é que eu vou te dizer! A gente sente prazer em trabalhar na festa, porque você trabalha, mais ao mesmo tempo você participa da festa um pouco, né. Você ouve músicas, você fica pensando ..., muitas pessoas de outras cidades elogiam a festa, gostam da ornamentação, dos trajes. Então assim em geral, é um trabalho diferente para a gente, porque é mais agradável, do que numa festa num clube ou num pavilhão de Igreja que eu faço, é nesse sentido que eu acho pelo menos que é diferente para gente”.*

A valorização da atuação desses trabalhadores, pelos participantes locais e pelos turistas na festa, é motivo pelo qual se sentem orgulhosos e satisfeitos em realizar sua atividade, considerando, principalmente, que esta demonstração valorativa não é tão freqüente no trabalho cotidiano, como destaca a informante “C”:

*“Eu acho que eu me realizo trabalhando na festa, porque você se dedica, dá tudo no serviço da empresa, e recebe simplesmente o salário no fim do mês, não recebe um elogio, um reconhecimento, alguma coisa assim. Você não fez nada mais que sua obrigação. Aqui, a gente trabalha sem receber dinheiro nenhum, (...), e o que acontece nessa festa, além da gente conhecer pessoas de outras cidades e países, (...) as pessoas elogiam, elas elogiam a beleza da cidade, elogiam a beleza da decoração, a tua forma de atender, a tua simplicidade. Então, eu acho que tudo isso supera o cansaço”.*

Podemos perceber que a diferença deste trabalho em relação ao trabalho exercido cotidianamente, foi enfatizada por ser um trabalho determinado por uma maior vontade própria,

realizado com prazer, de maneira lúdica, por ser vivenciado num ritmo de tempo flutuante e ser norteado por relações humanas e não em função das relações sociais de produção e de produtividade.

Essas características fizeram com que a grande maioria desses trabalhadores da *Oktoberfest*, não se ressentissem de mais trabalho em suas vidas, assim, como, seu desenvolvimento não se apresentou cansativo, rotineiro e aborrecido.

Mas pelo fato de ser uma atividade complementar às tarefas familiares e ao trabalho diário, preponderantemente, quando essas pessoas atuam todos os dias, nas duas etapas da festa, ele apresenta-se bastante cansativo, conforme “C” explica ao complementar a sua declaração anterior: *“Em si ele é bastante cansativo. Muitas vezes na hora do trabalho a gente não sente cansaço, mas após, no dia seguinte, é que a gente sente que realmente é um trabalho cansativo, mas tem esse lado bom, que você conhece mais pessoas e você está em contato com as pessoas conversando, o que é muito gratificante”*.

Ao lado do trabalho festivo, para alguns informantes, este trabalhar caracterizou-se, simplesmente, no exercício de uma função ou tarefa, restringindo-se no cumprimento do turno, como nos explica “A1”: *“Bom, é ver a festa de um outro lado, sabe. Não do lado que o povo se diverte, tal. Você vê o povo se divertindo, mas você tá olhando para ... É que nem você ficar numa janela. É isso”*.

Segundo a experiência de “An” (músico profissional), existe, sim, na festa, a reprodução do mesmo ritmo, valores e formas de condução do trabalho cotidiano: *“Eu considero esse trabalho altamente profissional, eu fico satisfeito quando eu vejo o público reagir positivamente, respondendo, né. Sabe porque eu me sinto satisfeito, por um lado me sinto responsável, como uma peça, da razão do público vir aqui, do público vir”*.

O trabalho com caráter de produtividade, faz com que essas pessoas se restrinjam a ficar, predominantemente, no ambiente do trabalho, como também, participarem muito pouco das atividades propostas pela festa, como enfatiza “Er”, que é responsável por um restaurante típico e um *Stand*: *“Olha, nos últimos anos eu não estou participando praticamente, porque a gente está ligada ao trabalho, então não sobra tempo”*. Ou como realça “An”, ao expor os motivos pelos quais não participa da festa, em seus momentos de folga: *“Eu venho aqui para trabalhar, e sempre que for possível eu quero me ausentar para descansar, porque no meio do público, sempre tem muito barulho, precisa-se falar alto e isso prejudica a minha voz, minhas cordas vocais, e eu tenho que estar bom para trabalhar”*.

O trabalho pôde ainda, ser considerado uma atividade voluntária/obrigatória, como nos diz “Al”, sobre os motivos pelos quais vem à festa: *“Para ajudar a associação, para festejar, não. Por mim, eu até nem vinha, eu prefiro uma pescaria, do que ... [festa]. Eu não gosto de beber, eu não bebo”*. Ainda, para o mesmo informante, é uma prática vivenciada sem satisfação e prazer: *“Aqui você só serve, serve o pessoal, o que eu faço aqui é servir chope, né. E daí ..., tenho uns...[chopes], por enquanto tá bom”*.

Nas quintas-feiras, nos domingos, e em determinados períodos das outras noites, a maioria dos trabalhadores teve folga, devido ao reduzido número de pessoas em determinados momentos da festa. A inatividade e a pouca venda de produtos geraram descontentamentos e desgostos, como relata “Ac”, ao demonstrar preferência ao trabalhar em determinados dias da festa: *“Eu prefiro mais no sábado, porque daí você não vê a hora passar. (...) Agora, assim, quando o movimento está fraco, parece que as horas não passam, e você tem que estar trabalhando, então, eu prefiro mais o sábado”*. A participação de poucas pessoas nestes dias de festa, fez com que o trabalho dessas pessoas não fosse realizado com tanta motivação e prazer,

como relata “An”: *“Dentro da Oktober, o que eu não gosto é quando não tem público dentro do salão, eu vou trabalhar para quem? Eu estou ali, cobrando o mesmo, sem resposta de ninguém, aí simplesmente tenho que cumprir meu horário, para satisfazer os patrões, os donos da Banda”*.

Em relação aos anos anteriores, a festa atraiu um número bem menor de participantes, diminuindo sensivelmente a comercialização dos produtos e objetos, não proporcionando o retorno financeiro previsto, tanto para os trabalhadores, como para os organizadores, em relação devido à cobrança do ingresso, como foi explicado pelos comerciantes:

*“No ano passado, ainda foi relativamente bom para nós, agora esse ano já não foi mais como foram os anos passados, né. Para dizer, que teve um bom público, foi o último sábado, apesar da chuva, tinha bastante gente, mas nos outros dias foi muito fraco”* (“Er”).

*“O que ocorreu neste ano, em decorrência de alguns fatos que aconteceram durante a festa, a festa foi um pouco mais fraca e não teve aquele resultado [esperado], mas ainda dá para investir”* (“Elm”).

Os motivos que desencadearam o enfraquecimento comercial na *Oktoberfest*, embora possam estar relacionados à crise financeira em que se encontra o País, foram conseqüências diretas de dois fatores locais: a normatização e restrição da participação do menor de idade e a efetivação da cobrança do ingresso, sendo este, destacado por todos os informantes, como o principal motivo do esvaziamento em determinados dias e períodos da festa. Embora todos os trabalhadores tenham se mostrado favoráveis à deliberação do ingresso, e suas entidades representativas o terem aprovado, o valor cobrado (cinco reais) foi considerado elevado por esses informantes, em função do momento econômico atual e por ser o primeiro ano de sua cobrança. Por isso, já previam uma diminuição em suas vendas, em relação aos anos anteriores, mas não

imaginavam que fosse influenciar tanto, como enfatiza “Er”, em outra ocasião, *“A gente já esperava uma queda, talvez não tanto como foi na realidade”*.

A insatisfação pelo valor do ingresso foi demonstrada, principalmente, por aquelas pessoas que atuaram diretamente no comércio de gêneros alimentícios e venda de *souvenirs*, o que se sintetiza nas palavras de “Elm”, quando questionado sobre o que não gostou na *Oktoberfest*: *“Olha tem, é o ingresso, não seria quanto a cobrança de ingresso, mas o sistema que foi cobrado. Ingresso deve ser cobrado, mas um valor mais acessível ou seria isolar a parte de lazer da parte comercial, dentro do parque”*. Sua sugestão está relacionada ao fato de que muitas pessoas do Município e turistas vêm à festa, muitas vezes, para apreciar ou comprar mudas de Orquídeas, consumir pratos típicos, degustar o café colonial, encontrar e conversar com as pessoas, levar as crianças ao parque infantil. Sendo assim, tal providência, não iria interferir na comercialização dos produtos na festa, gerando maiores lucros. Nesta sentido, sugere “Er”: *“Outra coisa que eu gostaria de falar, em vez deles cobrar essa entrada no portal, eles poderiam cobrar uma entrada no acesso aos pavilhões. Porque tem pessoas que vem só para fazer um lanche ou uma refeição, outras vem só para observar ou conversar, ele vai ter que pagar cinco reais de entrada. Então, isso eu acho um absurdo”*.

Entretanto, tanto a cobrança de ingresso, quanto a regulamentação da participação do menor, afetaram sensivelmente a participação da comunidade local e turistas nesta festa. Foi possível observar nas quintas-feiras e nos domingos, e em determinados momentos dos outros dias de festa, a pouca ou a inexistência de pessoas nos restaurantes, café colonial, barracas e nos *stands*. Conseqüentemente, houve pouco consumo de pratos típicos, lanches e objetos na festa, com exceção do chope. Em relação a isso, relata “Er”:

*“No restaurante, nem tanto até, porque eu acho que a classe que vai ao restaurante, é a classe mais alta, né. Então eles, ainda tinham condições de pagar entrada, estacionamento e alimentação, né. Agora, a venda de souvenirs caiu muito, eu não vendi 1/3 do ano passado, não só eu, todas as barracas, né. Porque é o jovem que mais gasta em barracas, com camisetas, canecos, essas coisas. Então automaticamente, como o jovem não pode participar tanto da festa, como nos outros anos, a gente vendeu menos”.*

Considerando o aluguel que alguns responsáveis pelo comércio tiveram que pagar, o estoque dos produtos e a estrutura que tiveram que providenciar, todos, de uma maneira ou outra, que se envolveram com o trabalho na festa, demonstraram-se insatisfeitos, originando conflitos e criticando a Comissão Organizadora da Festa – CCO:

*“Teve falhas, teve talvez um certo abuso da parte da ..., da direção, dos organizadores, né. Eu acho assim, quem foi muito prejudicado, foi os da venda de lanches, pelo fato do aluguel ser muito alto, né. Não sei, se foi rebaixado alguma coisa, me parece que sim, teve gente que não vendeu o valor do aluguel. Então eu acho assim, que foi um abuso o que foi cobrado, eles tem que ver que essas pessoas vão lá para trabalhar, é lógico que sempre se corre um risco, mas eu acho que eles tem que dar condições também para as pessoas ganhar um pouco de dinheiro, e não pagar para trabalhar, né”.*

Esta expressão, destacada pela informante, outrossim, está relacionada ao fato de que cada trabalhador teve que pagar um ingresso geral para atuar em todo o período da *Oktoberfest*. *“As pessoas que trabalham tem que ser livres, não podem pagar uma entrada, né. Então, teve certos aspectos assim, que a gente não gostou, né, mais vai fazer o que, né”.*

Além desses conflitos na festa, ocorreram outros entre este grupo social, porém na disputa por espaços territoriais em busca de maior visibilidade junto ao público da festa. Como nos explica “M” (profissional da música), destacando o que não gostou na *Oktoberfest*: *“É a questão de trabalhar em cima do palco, quando o Opafass e as Rainhas sobem, eles tomam a*

*posição dos músicos, ficam na frente da Banda, o que não deixa a Banda trabalhar com o povo, né. Eles se tornam umas figuras cansativas em cima do palco para quem está trabalhando e para quem está lá no setor, né”.*

É comum todos os anos, nesta festa, um grande número de pessoas concentrar-se em cima do palco, em busca de maior visibilidade, os símbolos da festa (*Opafass*, rainha, princesas, e acompanhantes) e as autoridades municipais. Por conseguinte, estes conflitos não são recentes, ocorrem há vários anos, pois além de atrapalharem a visibilidade dos músicos, prejudicam seu trabalho e ocupam espaços que, a princípio, lhes são destinados.

O cenário germânico na festa, também, foi uma preocupação demonstrada pela informante “Er”, pelo fato de que a maioria dos participantes e dos trabalhadores locais, cada vez menos participam da festa vestidos tipicamente. *“No caso dos trajes, hoje praticamente as pessoas não usam mais trajes, talvez pelo fato do calor, né. (...). Eu acho que isso deveria ser mais divulgado, talvez a própria Prefeitura deveria dar mais incentivo, para deixar uma festa mais germânica ainda, né”.*

O uso do traje típico no trabalho, que anos atrás, neste período do ano, era uma característica no comércio e nas agências bancárias da cidade, atualmente não se verifica mais e, na festa, diminuiu sensivelmente. Neste sentido, a informante sugere: *“a própria prefeitura deveria dar um incentivo, não cobrando entrada para essas pessoas que vão trabalhar vestidas tipicamente, que eu acho que ela fica uma festa mais bonita, mais colorida, né”.* Embora sua preocupação seja real, ademais, está associada ao tipo de comércio que desenvolve na festa, o que resultaria numa maior venda dos seus produtos. Além disso, não haveria despesas de ingresso com sua equipe de funcionários.

Para que a *Oktoberfest* se realize, ela precisa do envolvimento da sociedade rondonense. Portanto as formas de organizar e desenvolver esse trabalho compõem um coletivo, feito com dedicação, não sem conversas, risos, encontros eufóricos e afetivos, muito menos sem conflitos.

O caráter festivo deste trabalho tem um sentido mais amplo do que representar uma atividade com objetivo de retorno financeiro, no setor associativo, no privado ou no público, como expressam as palavras desses trabalhadores:

*“Para mim! É ..., os cara vem aqui, fazem festa, gastam, para mim não tem muita importância nenhuma sabe. Até ..., a gente teve reunião esses dias lá na associação e eles falaram assim: “nós não podemos ir lá fazer festa, nós temos que ganhar dinheiro”. (“Al”)*

*“Ah! em primeiro lugar, é em termos comerciais, eu considero uma renda adicional, né. No nosso caso,[família](...), eu considero um mês a mais de vendas durante o ano, praticamente, se a gente explorar a festa e se a festa ocorrer normalmente”. (Elm)*

Significa, também, um momento de encontro que possibilita a cooperação, diversão, reciprocidade e socialização com os mais variados grupos e classes sociais, como vimos tão bem anteriormente.

Compor a equipe de trabalho, para alguns, ainda significa o reforço de valores étnicos, permitindo um reconhecimento, enquanto trabalhador de origem alemã, num espaço e tempo delimitados, expressando a afirmação e assunção da identidade germânica, predominantemente, para aqueles que atuam nos grupos folclóricos, bandas, acompanhantes do *Opafass*, entre outros. Confirma-se isso, nas palavras de “Elm”, que é responsável por um *Stand*:

*“Eu, praticamente, faço questão de trabalhar, porque isso faz parte da nossa cultura, praticamente da nossa região,[Município] né. E eu acho que hoje*

*ainda, 70% são descendentes europeus, da Alemanha, praticamente né. Então a gente faz isso em consideração ao povo daqui, para manter essa tradição, esse pensamento, a parte cultural dos nossos descendentes, né”.*

Salienta “El: *“É mais um ano, é mais uma festa que passa na vida da gente e mais a parte germânica da gente, que está no próprio corpo da gente, no sangue, nas emoções, então a gente passa trinta dias trabalhando, embora seja um trabalho para mim”.* Ou como diz “S”, animadora voluntária: *“Para mim, eu acho que é aonde a gente pode lembrar o povo alemão por exemplo, as características, a cultura dele”.*

Mas representa, principalmente, trabalhar pelo e para o Município em torno do “pertencimento” à cidade, quer seja de forma filantrópica, econômica ou política. O Relatório Geral da 11ª *Oktoberfest* e as informações dos entrevistados trabalhadores e organizadores, demonstram que 20% da quantia arrecadada nessa festa, foram destinados à assistência social no município. Como se percebe, a festa concentra recursos financeiros, gera lucros, mas, também os redistribui, o que é motivo de orgulho para alguns trabalhadores. *“Também é gratificante, porque a gente trabalha na festa, sabendo que alguma parte do lucro é destinado para entidades, com isso a gente sabe que ajuda as outras pessoas que estão necessitadas, que precisam mais do que a gente, por exemplo”* (“Ac”). “S” em seu depoimento diz: *“Marechal Rondon, por exemplo, vive em função da Oktober, digamos assim, então é uma alegria que traz para a gente, e o povo rondonense fica feliz, tenho certeza disso”.*

Também, assim, trabalhar pela e na festa, significa um instrumento político do Poder Municipal, da elite dominante e dos trabalhadores no reforço da imagem identitária do Município, identificando e projetando o Município frente ao cenário estadual, para que possa ser, cada vez mais, reconhecido, tendo como pano de fundo, atrair novos investimentos e capitais para que a cidade cresça. Exemplo disso, foi a fala do trabalhador voluntário, ao ser questionado em relação ao significado da festa.

*“É um momento que as pessoas começam a refletir, apesar das críticas, eu também tenho uns elogios. Muitas pessoas de Marechal Rondon, trabalham, estão ganhando dinheiro, entidades e outras pessoas que hoje são conscientes de que a Oktober ela surgiu a 11 anos, e hoje o povo de Marechal Rondon está mais empenhado no trabalho por razões óbvias, né. E nós temos necessidade de atender essas pessoas que vem de outros municípios, de outros estados, de outros países, que vem nos visitar, e nós fazemos questão que levam uma boa imagem de Marechal Cândido Rondon., com isso a Oktoberfest cresce cada vez mais em qualidade e em quantidade, mais acima de tudo o que mais nos interessa é a qualidade. Com isso, as pessoas que vem pela primeira vez retornam e todo ano nós teremos mais alegria” (“Ac”).*

Ou, como se confirma no depoimento de “S” também voluntária:

*“Traz muito sucesso, digamos para o município, também... [para mim], eu acho muito bom, né. Assim, Rondon pelo menos está sendo conhecido pelo mundo inteiro, pelos meios de comunicação, pela INTERNET, e várias outras coisas, né. Então, é gostoso por isso. Na hora que você está se preparando, você já sente aquela música, aquela motivação para você dançar com todos na festa”.*

Pode-se perceber, nas palavras da informante acima, que algumas funções criadas para a festa, encontram, nessa ocasião, possibilidades de serem reconhecidas, reafirmando e redefinindo posições e prestígio na festa, revelando relações de poder. Além disso, estas funções servem para representar o Município em outras cidades e estados. Como demonstra “E1”:

*“Eu não finjo, é uma emoção para gente também, né. Emoção que a gente sente, a gente é bem visto ali na festa, a maioria respeita a gente, né. A gente é o símbolo da festa, a maioria já sabe, regional, estadual, até internacional, já estão sabendo, né. Porque a gente é também um ponto atrativo da festa, né”.*

Complementa o informante: *“Ainda mais agora, que eu fiquei mais conhecido ainda, depois que tivemos na Sapucaí, no Rio de Janeiro, balançando pela Unidos da Ponte, a dois anos atrás desfilamos lá, né. Ah, eu já fui em vários lugares, Blumenau, Foz do Iguaçu, Toledo, Ponta Grossa na Múnicem, também no Paraguai, se apresentamos uma vez em Maringá. e ajudamos a começar a festa lá em Rolândia”.*

Concluindo, não resta dúvida de que todas essas ações evidenciadas se caracterizam em um trabalho, mediante o componente obrigação e, de uma maneira ou outra, objetivam um retorno financeiro. “El” deixa claro em suas palavras, o que significa o trabalho na festa para a grande maioria dos informantes: *“Uma parte do trabalho é fazer o que a gente gosta, trabalhar com o povo, a parte germânica e também a parte econômica, então são essas coisas, a alegria, porque ali tem que existir alegria”*. Podemos declarar que, neste cenário, não é possível afirmar a dicotomia lazer/trabalho, pois as diferentes áreas de atuação humana convivem mescladas e se expressam conjuntamente, e o seu exercício pode ser vivenciado como atividade traduzida por prazer e satisfação, de forma criativa e crítica, através de uma linguagem festiva<sup>67</sup>.

Demonstra-se, assim, que **o trabalho na festa deixa de ser unicamente uma atividade econômica, pois expressa também a linguagem lúdica das pessoas, a união dos grupos, os seus anseios e antagonismos**. Evidencia-se, assim, que também a *Oktoberfest* tem um *“poder associativo, reiterativo, identificador e reanimador (...)”*<sup>68</sup>.

---

<sup>67</sup> Entende-se por comunicação de alegria com outras pessoas.

<sup>68</sup> AMARAL. Rita de Cássia. **Cidade em Festa...** Op. Cit. p.260. Esta autora constata estas características nas festas realizadas por imigrantes e nas de grupos religiosos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo realizado permitiu que se chegasse a considerações que, de modo geral, sintetizam aquelas já apresentadas em cada um dos capítulos. Assim, considera-se, por um lado, a 11ª *Oktoberfest* em pauta, sob a perspectiva de política pública de lazer e, por outro, sua análise como espaço de vivência do lazer.

A realidade pesquisada se apresenta pouco considerada pelos estudos do lazer, pois, nesse contexto, é comum a idéia de que a festa é uma atividade exclusiva do tempo de lazer e produz uma ruptura com a vida cotidiana, bastante difundida pelos diferentes grupos sociais ao festejar, como de observadores das mais diversas tendências e procedências. Parece ser necessário romper com a idéia ou fundamentação do lazer em função da dicotomia trabalho/lazer, pois ela incapacita a percepção da variedade e diversidade de relações sociais existentes entre as diferentes esferas de atuação humana.

No âmbito do estudo, a 11ª *Oktoberfest*, enquanto conteúdo do lazer, é compreendida como um conceito que mantém relações com o todo da vida social, não sendo, o lazer e seus conteúdos, esfera e atividades isoladas do contexto cultural. Além desta festa não ser uma atividade isolada, não está circunscrita, apenas, a uma esfera de ação humana, pois ela insere várias esferas de atuação. As entrevistas com os teuto-brasileiros de diversas idades mostraram que esta festa representa lazer, mas, também, trabalho político, filantrópico e econômico, embora

este último seja marcado explicitamente pelo componente lúdico da cultura. Compreender esta festa e o lazer de outro modo, seria segmentar a vida dos sujeitos do estudo em partes estanques.

O estudo sobre as considerações sociais, econômicas e culturais de Marechal Cândido Rondon, foi importante para um melhor entendimento das raízes históricas da *Oktoberfest* nesta comunidade. Os fatos dados sobre o contexto geral apontaram para a predominância da descendência étnica alemã, no contexto atual da comunidade, embora casamentos inter-étnicos sejam uma constante. Nesta cidade, ocorre a diversidade e a hibridização cultural, numa mobilização social e espacial, dentro do processo de urbanização; porém os signos de uma Alemanha da diáspora, ainda, fazem-se presentes na vida dos rondonenses, embora de forma fragmentada e, é fato que estes signos subsistem, atualmente, adaptados e modificados. Especialmente, no que se refere às práticas de lazer, torna-se evidente que festas similares à *Oktoberfest* sempre se constituíram em uma manifestação cultural de lazer desta comunidade.

Evidencia-se, assim, que a institucionalização da *Oktoberfest*, em 1987, por iniciativa política do Poder Municipal, simbolizou todo um complexo cultural, em que as representações, enunciadas na festa planejada, não são dissociadas dos papéis sociais dos participantes, habitantes do Município.

Percebeu-se que a *Oktoberfest*, enquanto atividade de política pública de lazer, nos primeiros anos de sua criação, serviu para que seus autores tivessem como meta uma política de lazer em relação ao tempo disponível de sua população, em que buscaram resgatar a história e a cultura teuto-rondonense e alemã. Para isso, investiram grande soma de recursos financeiros neste plano cultural de lazer, e todas as iniciativas do Poder Público tiveram adesão e envolvimento efetivo das lideranças políticas, culturais e da população.

Mediante este estudo é possível afirmar que a festa em apreço se constituiu uma “tradição inventada”<sup>1</sup>. Portanto a *Oktoberfest* e seus conteúdos não são um mero acaso da dinâmica cultural teuto-rondonense e alemã; seus autores são conhecidos e, para fazer valer seu projeto cultural no meio político e no seio da população, resgataram a história e a cultura teuto-rondonense e alemã, mas ainda, recriaram práticas antigas e inventaram outras novas relacionadas à etnia alemã. Desta forma, o surgimento deste evento cultural não pode ser pensado como uma prática cultural original e autêntica de continuidade do passado, como no caso, da *Oktoberfest* de Munique, na Alemanha, conforme, demonstraram alguns informantes, e se observa no relato de “T”: “Bom, eu creio que é mais a preservação da cultura germânica, do pessoal da Alemanha, a gente sabe da maneira como ela foi introduzida, né. [...]. Significa tudo para mim, e a gente pensa que está em Munique dançando como o povo de lá”. Também assim, foi destacado em um “outdoor” no espaço da festa, no convite sobre as *Pré-Oktoberfests* (Anexo IV), e reportagens em jornais<sup>2</sup>. Esta concepção implicaria em referir-se à cultura como algo estático; conseqüentemente, pensá-la desta forma é impossível.

Foi, neste contexto, que os promotores desta festa conseguiram reconstruir o imaginário da germanidade, através de estratégias de legitimação simbólica e política, reificando a identidade teuto-rondonense, projetando-a no contexto social da comunidade, como, também, criando uma imagem identitária para o Município no âmbito regional e estadual.

Neste sentido, observou-se que, na promoção da 11ª *Oktoberfest*, os documentos, os discursos e as iniciativas do Poder Público demonstraram um interesse na redescoberta de uma identidade essencial. No entanto isto nunca pôde ser realizado, considerando que, como se

<sup>1</sup> HOBSBAWN, Eric. Op. Cit.

<sup>2</sup> Ver o jornal “O Presente” de 10.10.97, Caderno Central, p.02, como também, jornal especial “Oktoberfest 98: Todos os caminhos levam a Marechal Rondon”, outubro de 1998, p.03.

verificou no segundo capítulo do estudo, se tudo o que é histórico sofre transformações constantes, assim, igualmente ocorre com as identidades culturais.

Fica evidenciado, outrossim, que a *Oktoberfest* em Marechal Cândido Rondon, constituiu um símbolo de produção de uma identidade cultural germânica, decorrente de uma política de identidade, de uma política de posição, e não uma prática de re-descoberta de uma identidade essencial<sup>3</sup>.

Tal constatação mostra que a construção da identidade germânica em e de Marechal Cândido Rondon parece estar relacionada a uma Alemanha da diáspora; entretanto sua construção e assunção é grupal e local. Isto se explica, porque as diversas práticas e formas de representação da germanidade na *Oktoberfest*, no Projeto de Germanização e no cotidiano, apresentam-se transformadas e diferenciadas, substancialmente, em relação à história e à cultura da Alemanha. Destarte, envolvem-se, em torno desta identidade étnica, os descendentes de alemães, tanto quanto pessoas de outras origens étnicas, como referência de “pertencimento” ao grupo e à cidade de Marechal Cândido Rondon.

Assim, de fato, como assevera Stuart Hall<sup>4</sup> e foi verificado no capítulo dois, a identidade cultural, “tanto é uma questão de ‘ser’ quanto de ‘se tornar, ou devir’. Pertence ao passado, mas também ao futuro”.

Por conseguinte, constatou-se que a reedição anual da *Oktoberfest* por iniciativa da administração municipal, reafirmou e ainda reafirma a identidade germânica, embora para uma pequena minoria da população que participa da festa. Entretanto, esta festa serviu e serve até

---

<sup>3</sup> HALL, Stuart. Op. Cit. p.70.

<sup>4</sup> Idem, p.69.

hoje, principalmente, para projetar e identificar o Município, no intuito de atrair novos investimentos e capitais para que a cidade cresça e se destaque.

O fenômeno turismo, inexpressivo nos primeiros anos da festa, presente, somente, enquanto meta de expansão do comércio local, no decorrer dos anos, dimensionou-se de tal forma, que o caráter festivo da *Oktoberfest* ganhou contornos para além das expressões geográficas, gerando mudanças nas expressões culturais, nas relações sociais e na paisagem da festa, registrando, assim, novos fatos na vivência da festa, na vida da cidade e de toda sua gente. A *Oktoberfest* rondonense foi mercantilizada como a ordem econômica mundial, trazendo “progressos”, mas, também, conflitos e tensões.

Neste contexto, como um evento turístico, a *Oktoberfest/97*, foi redimensionada sob variados aspectos, tornando viável uma proposta do governo municipal em direção a uma melhor efetivação de sua terceirização, tendo o apoio de empresários e comerciantes em torno desta causa turística do Município.

Assim, a reestruturação da *Oktoberfest/97* pelo Poder Municipal atual, teve como objetivo a geração de empregos para a comunidade rondonense e maiores lucros para a municipalidade. Para tanto, as estratégias se direcionaram, preponderantemente, para três vertentes: a decisão pela cobrança de ingresso na festa; o estímulo à comunidade comercial e industrial para que houvesse maiores iniciativas na fabricação e na produção de artigos com simbologia da cultura germânica; e à efetivação da terceirização.

Mesmo com tudo isso, observou-se que, no desenvolvimento da 11ª *Oktoberfest*, ainda seguiu existindo, com grande expressão, o trabalho associativo na festa, como, também, predominaram a produção e a comercialização dos mesmos produtos dos anos anteriores,

vendidos, na maioria das vezes, pelos mesmos comerciários e barraqueiros. Mas as empresas de caráter privado aumentaram consideravelmente a sua participação, principalmente, quanto aos serviços de estruturação e organização, como, igualmente, na comercialização dos pratos típicos.

O estudo leva a concluir que esta festa, enquanto uma das diretrizes de política de lazer por parte do Poder Público, esteve vinculada em primeiro lugar, a uma atividade econômica de lazer de grande importância para o município de Marechal Cândido Rondon, pois foi em torno desta diretriz que as estratégias, as ações e os objetivos foram orientados.

Enquanto política de lazer, relacionada ao tempo disponível de toda a sua população, percebeu-se que a meta era a política de ordenação de espaços na festa, a preocupação em oferecer diversas alternativas de lazer e a utilização de estratégias diferentes, para beneficiar o público local com entrada gratuita nas quintas-feiras e redução do preço do ingresso para os domingos. Porém observou-se, outrossim, que estes aspectos se apresentaram direcionados e relacionados aos turistas, por conseguinte, associados ao valor acima citado, ficando a comunidade local em segundo plano.

Além disso, indicou-se que a infra-estrutura e a organização da *Oktoberfest* de 1997, consistiu, principalmente, de uma iniciativa isolada do Poder Público e o proprietário da empresa “X”. A atuação em conjunto com os membros da Comissão Central Organizadora dos Festejos – CCO- e as entidades representativas da sociedade foi aprovar e cumprir as estratégias já decididas, bem como, o seu desenvolvimento, participando também as entidades associativas e filantrópicas.

Isso tudo demonstra que os interesses que nortearam o desenvolvimento dessa festa, pela administração pública, ainda se caracterizaram na valorização da cultura germânica, mas com objetivos turísticos e de natureza comercial.

Contudo, a 11ª *Oktoberfest* não é somente um produto econômico que aporta lucros à comunidade e aos seus promotores. Isto foi apenas uma face deste acontecimento que tem muitas delas.

Destaca-se que esta festa foi apresentada como um evento de lazer tradicional, programada com “*rituais de representação*”<sup>5</sup> germânica, que buscou entrelaçar passado e presente, mas que se atualiza constantemente, incorporando um visual moderno, novas atividades, diferentes personagens e novas expressões.

Assim, foi vivenciada como uma festa profana, espaço de diferentes manifestações populares, onde ocorreu, de fato, como destacado no quarto capítulo, uma miscigenação de povos de diferentes classes e grupos sociais, de diferentes etnias e de diferentes locais, numa interação de diversas culturas, caracterizando-se como um evento de massa. Por isso, adquiriu outras funções e significados em relação a um passado próximo, pois ela se compôs de outros interesses e sentidos.

Percebeu-se que este evento, também como colocado no quarto capítulo, reuniu situações que se alternaram durante o seu desenvolvimento, que foram do solene ao informal, de práticas tradicionais às modernas, de comportamentos formais aos comportamentos orgiásticos, de baile ao carnaval. Muitas vezes, num mesmo dia, num mesmo momento, foram vivenciados, ao mesmo tempo, diferentes modos de representação: uma, completamente dentro da formalidade, outra, em forma carnavalesca. Por isso tudo, pode ser definida como um “*ritual de neutralização*”<sup>6</sup>.

---

<sup>5</sup> BRANDÃO, Carlos R. *Cavalcadas de Pirenópolis...* Op. Cit. p.31.

<sup>6</sup> DA MATTA, Roberto. *Carnavais, Malandros e Heróis...* Op. Cit. p.54.

A festa, enquanto manifestação cultural, foi um momento social onde se processou a transcendência do ordinário e, exatamente por isto, apresenta-se como princípio estruturador da especificidade do tempo festivo<sup>7</sup>, que se manifestou de diferentes e variadas formas.

E, é esse sentido que efetiva a celebração da *Oktoberfest* pela comunidade teuto-rondonense: organizadores, trabalhadores e participantes locais, também, assim, para os turistas. Pois, a transcendência expressa-se na ludicidade, na expressividade, na gratuidade das ações e relações sociais, no consumo alcóolico e, também, nos gastos ou aquisições individuais e grupais de dinheiro, mas bem menores que em anos anteriores. Transcende ainda, no fortalecimento das relações sociais e na dilatação das fronteiras das mesmas, como, também, nos conflitos, decorrentes de desavenças, de discórdias, e de disputas territoriais.

Além disso, expressam e fortalecem o sentimento de pertencer à cidade e ao Município, simultaneamente, a identidade de ser jovem e de pertencer a este grupo sócio-cultural e, para uma minoria a afirmação e assunção da identidade germânica, as quais estabelecem uma comunicação com os símbolos germânicos de forma mais intensa.

E é neste contexto, principalmente, que se percebeu com mais convicção, a transcendência das normas e regras cotidianas como operadoras da transmutação que o tempo sofre durante o período de festa. Isto tudo, como atividade de lazer e de trabalho filantrópico, ou econômico, de forma e efeito diverso do cotidiano e do passado.

Portanto a maioria dos teuto-rondonenses organizadores, trabalhadores e participantes locais adultos, que vivenciaram essa festa, atuaram no seu desenvolvimento, quer no trabalho privado, no público, e principalmente no associativo. **Neste contexto, não foi possível afirmar a dicotomia lazer/trabalho, pois estas duas áreas de atuação humana conviveram mescladas**

---

<sup>7</sup> PRADO, Regina de P. S. *Todo ano tem...* Op. Cit. p.82.

**e se expressaram conjuntamente, e o seu exercício foi vivenciado majoritariamente como atividade traduzida por prazer e satisfação, de forma coletiva, criativa e crítica, através da linguagem lúdica.**

Embora todas essas formas de atuar na festa, tivessem de uma maneira ou outra, como objetivo, o retorno financeiro, a mesma consistiu, também, em um instrumento político na aquisição de recursos com finalidades assistenciais. Isso se deu em torno dos valores tidos como fundamentais nesta sociedade, isto é, trabalho e lazer, no reforço da identidade étnica do Município, mas também, no “pertencimento” à cidade.

Como espaço de vivência do lazer, serviu, principalmente, para os teuto-rondonenses jovens, participantes locais e turistas, constituindo-se na participação de um evento de lazer de massa, que tem muito pouco de manifestação tradicional. Mas foi um momento social em suas vidas, pela qual optaram por si próprios e por que queriam, com interesse primordial no ato de festejar o aqui e agora, que se realizou na animação, no prazer das relações de estar junto com os outros, e de se expressarem com liberdade e ludicamente, **principalmente, através de várias expressões da dança.** Assim, a celebração deste acontecimento se deu em torno do conagraçamento, **evidenciando-se desta forma os conteúdos sociais,** na gratuidade, na espontaneidade e na liberdade, como veículo de comunhão e de alegria coletiva.

A vivência desta festa pelos jovens, como analisado no decorrer do estudo, foi norteadada pelos valores de inversão e neutralização da ordem social, cultural e cotidiano; na afirmação de ser jovem e de pertencer a este grupo sócio-cultural; mas também, como descanso e divertimento atrelados à perspectiva compensatória; da mesma forma, de catarse e no consumo puro e simples. Entretanto predominou o prazer do divertimento e da recreação com o fim em si

mesmo, simultaneamente, ao desenvolvimento pessoal e social<sup>8</sup>, alargaram-se fronteiras sociais, afetivas e educativas. E, exatamente por isso, se caracterizou em atividade de lazer criativa e crítica, e não exclusivamente divertida e de distração, ou sem conformismo.

Espera-se que o conhecimento da realidade da festa como conteúdo cultural, e a dança como manifestação de lazer, aqui analisados, possam fornecer alguma contribuição, tanto para estudos na linha de pesquisa dos conteúdos culturais do lazer, como, também, das inter-relações do lazer na sociedade e das políticas e diretrizes de ação no campo do lazer.

Acredita-se que os resultados a que se chegou ofereçam pistas para futuras pesquisas sobre festas como atividades de políticas públicas e espaço de vivência do lazer, trazendo, desta maneira, maior enriquecimento para a área de estudos do lazer, tanto nas esferas local, regional e nacional.

Além disso, espera-se que o conhecimento da realidade sobre políticas de lazer em torno da festa analisada, propicie o desenvolvimento, principalmente, nas esferas local e regional, de uma concepção mais participativa entre administração municipal, entidades representativas, e associativas, na discussão e decisão quanto ao planejamento de iniciativas e de estratégias na infra-estrutura, organização e o desenvolvimento de festas.

---

<sup>8</sup> MARCELLINO, Nelson C. *Pedagogia da Animação*. p. 35.

ANEXOS

## ANEXO I

## ENTREVISTA - A

1.1) Quais foram os interesses e objetivos que nortearam a organização da *Oktoberfest* em 1987?

a) Como surgiu esta iniciativa?

b) Quais foram as primeiras iniciativas?

c) Como o processo de produção da festa se desenvolveu?

1.2) O que a organização e desenvolvimento desta festa significou para o Poder Municipal neste período?

2.1) Atualmente, quais são os interesses e objetivos do Poder Municipal em desenvolver anualmente a *Oktoberfest*?

2.2) No seu parecer, quais são os aspectos positivos e negativos da festa para o Poder Municipal e para a comunidade rondonense, atualmente?

3) Qual é a sua percepção quanto à participação dos descendentes de alemães nesta festa?

a) Quais os motivos principais que os motivam à participar da festa?

b) O que o senhor(a) acha que a festa significa para eles?

## ANEXO II

## ENTREVISTA - B

- 1) Nome:
- 2) Local de moradia:
- 3) Idade:                      4) Sexo:
- 5) Trabalho (tipo e local):
- 6) Trabalho de seus pais:
- 7) Local de nascimento:
- 8) Alguém de sua família veio da Europa. Quem? De que lugar e região?
- 9) Há quanto tempo mora aqui?
- 10) Você costuma ou não falar o alemão?
- 11) Você participa ou não da *Oktoberfest*? Há quanto tempo?
- 12) Por que você vem à *Oktoberfest*?
- 13) O que você espera encontrar nesta festa?
- 14) De que você mais gosta na festa?
- 15) Tem algo que você não gosta nesta festa?
- 16) Você costuma ou não dançar nesta festa. Por quê? Como? De que maneira? Com quem?
- 17) Qual é o local em que prefere ficar durante a festa. Por quê?
- 18) Quais são os dias, do período da festa que você prefere ir. Por quê?
- 19) O que é a *Oktoberfest* para você?

## ANEXO III

DOCUMENTO DE APRESENTAÇÃO DA 11ª OKTOBERFEST<sup>1</sup>

## APRESENTAÇÃO

Marechal Cândido Rondon é um município de cultura essencialmente germânica, pela sua colonização e, principalmente, pelo valor que sua gente dá aos costumes dos antepassados.

As ações públicas deste município, giram em torno de um único objetivo; a melhoria da qualidade de vida de todos os seus habitantes. E é dentro deste contexto que acontece todos os anos, a *OKTOBERFEST*, uma festa cujo objetivo maior é a alegria.

A atividade turística gera um aquecimento em todas as áreas da economia: hotelaria, restaurantes, bares, postos de combustíveis, distribuidoras de bebidas, supermercados, casas de *souvenirs* (camisetas, bonés, chapéus, trajes típicos, postais, copos, chopeiras, ...). A cidade fica literalmente lotada. Um mês antes do evento já não existem mais vagas nos hotéis. Os demais visitantes são atendidos através da “Bolsa de Estadia”, que organiza a hospedagem dos visitantes em residências.

A gastronomia é outro grande atrativo para o ano todo, mas principalmente nos oito dias de festa. Todos os restaurantes se preparam para servir as iguarias passadas de geração à geração, com o toque sofisticado da atualidade.

---

<sup>1</sup> Este documento foi fornecido pela Prefeitura Municipal em papel de fax, em virtude de apresentar-se esmaecido, foi digitado em micro-computador a transcrição do texto que ali se continha. É importante informar que este documento não continha data, segundo informações dos responsáveis por sua elaboração foi redigido no início do mês de outubro.

## ESTRATÉGIA DE *MARKETING*

- . Valorizar a cultura germânica;
- . Atingir um público mais selecionado;
- . Evidenciar preocupação com atendimento e bem estar aos visitantes;
- . Priorizar cultura, gastronomia e lazer saudável;
- . Investir no visual típico, por exemplo: trajes típicos – construções;
- . Priorizar a alegria de nossa gente;

## OBJETIVOS

Com esta festa, se pretende:

- . Conservar e propagar a cultura germânica do povo rondonense;
- . Aquecimento em todas as áreas da economia do município: hotelaria, agências de viagem e turismo, restaurantes, bares, postos de combustíveis, distribuidoras de bebidas, supermercados, casas de *souvenirs*;
- . Elevar o nome do município ao âmbito nacional;
- . Propiciar lazer a toda população regional;
- . Divulgar o município como pólo de grande eventos.

## BOLSA DE ESTADIA

Corresponde a montar uma equipe própria ou terceirizada para Agências de Turismo, com telefone para cadastro de famílias rondonenses que se dispõem a receber visitantes e disponibilidades para viagens.

O objetivo é integrar as famílias com os turistas, difundir a hospitalidade dos rondonenses, criar uma forma de hospedar pessoas que não encontrem mais vagas nos hotéis locais e dar oportunidade de renda as famílias que participarem deste processo.

Há necessidade de treinamento aos participantes para que compreendam a importância de atender bem aos turistas e fazer com que se sintam à vontade. Desta forma, todos os anos a festa aumentará seu brilho e mais turistas virão, gerando mais divisas a municipalidade.



# Pré-Oktoberfest

www.baerentorferst.com.br

(045) 254-1299

BAERENTORFERST

# SKOL

CONVIDA

# Oktoberfest

De 18 a 19 e 23 a 26 de Outubro

**Oktoberfest quando Roddion**

01 - 02 - 03 - 04 - 05 - 06 - 07 - 08 - 09 - 10 - 11 - 12 - 13 - 14 - 15 - 16 - 17 - 18 - 19 - 20 - 21 - 22 - 23 - 24 - 25 - 26 - 27 - 28 - 29 - 30 - 31  
 01 - 02 - 03 - 04 - 05 - 06 - 07 - 08 - 09 - 10 - 11 - 12 - 13 - 14 - 15 - 16 - 17 - 18 - 19 - 20 - 21 - 22 - 23 - 24 - 25 - 26 - 27 - 28 - 29 - 30 - 31

01 - 02 - 03 - 04 - 05 - 06 - 07 - 08 - 09 - 10 - 11 - 12 - 13 - 14 - 15 - 16 - 17 - 18 - 19 - 20 - 21 - 22 - 23 - 24 - 25 - 26 - 27 - 28 - 29 - 30 - 31  
 01 - 02 - 03 - 04 - 05 - 06 - 07 - 08 - 09 - 10 - 11 - 12 - 13 - 14 - 15 - 16 - 17 - 18 - 19 - 20 - 21 - 22 - 23 - 24 - 25 - 26 - 27 - 28 - 29 - 30 - 31

# Oktoberfest

*A Profissão de Dançarino de Moinhos e Cadeiras Rodantes  
 tem a honra de convidar para o Oktoberfest e o Oktoberfest Juniors,  
 para participarem das festas do 11.º Oktoberfest, que serão realizadas nos dias  
 16, 19 e 23 a 26 de outubro de 1997.*

*Com a presença de artistas de classe, como:  
 Banda a Capangas de Organização Especial  
 a mais prestigiosa Orquestra do Brasil.*

*Abertura: 16 de Outubro, sábado, às 19h30.*

**Associação de Dançarinos de Moinhos e Cadeiras Rodantes**  
 Associação de Dançarinos de Moinhos e Cadeiras Rodantes

## Programação - 11.º Oktoberfest

**1.º Dia - De 16 a 19 de Outubro**

16h30 - Início das apresentações  
 17h30 - Apresentação da Banda a Capangas de Organização Especial  
 18h30 - Apresentação da Orquestra do Brasil  
 19h30 - Início das apresentações  
 20h30 - Apresentação da Banda a Capangas de Organização Especial  
 21h30 - Apresentação da Orquestra do Brasil  
 22h30 - Início das apresentações  
 23h30 - Apresentação da Banda a Capangas de Organização Especial  
 24h30 - Apresentação da Orquestra do Brasil  
 25h30 - Início das apresentações  
 26h30 - Apresentação da Banda a Capangas de Organização Especial  
 27h30 - Apresentação da Orquestra do Brasil

**2.º Dia - De 23 a 26 de Outubro**

16h30 - Início das apresentações  
 17h30 - Apresentação da Banda a Capangas de Organização Especial  
 18h30 - Apresentação da Orquestra do Brasil  
 19h30 - Início das apresentações  
 20h30 - Apresentação da Banda a Capangas de Organização Especial  
 21h30 - Apresentação da Orquestra do Brasil  
 22h30 - Início das apresentações  
 23h30 - Apresentação da Banda a Capangas de Organização Especial  
 24h30 - Apresentação da Orquestra do Brasil  
 25h30 - Início das apresentações  
 26h30 - Apresentação da Banda a Capangas de Organização Especial  
 27h30 - Apresentação da Orquestra do Brasil

## ANEXO VI

## RELATÓRIO GERAL

## 11ª OKTOBERFEST – MARECHAL CÂNDIDO RONDON – PR

## REALIZAÇÃO

16 A 19 E 26 DE OUTUBRO DE 1997 – Prorrogação 30 e 31 de outubro

<b>CCO - COMISSÃO CENTRAL ORGANIZADORA DOS FESTEJOS</b>
- PRESIDENTE
Ariston Limberger
- COORDENAÇÃO GERAL
Moacir Hanzen
<b>SUB-COMISSÕES</b>
- INFRA-ESTRUTURA
Vilson Leites de Oliveria
- BANDAS
Odete Bedin
- FINANÇAS
Paulo Limberger
- CERIMONIAL
Maria Amália Ritt Haab
Dante Roque Tonezer
- DESFILE
Carmem Borzatto
Lair José Bersch
- ALIMENTAÇÃO
Darci Schütz

**INGRESSOS:**

DIÁRIO R\$ 5,00

Nº DE PAGANTES: 20.500\*

LITROS DE CHOPE CONSUMIDOS: 47.650

LITROS DE CHOPE NAS PRÉ-OKTOBERFEST: 7.100

REFEIÇÕES: 2.640 ( 900 Lombo à Marechal e 1.740 Eisbein e Kassler).

CAFÉS COLONIAIS: 950

Valor total repassado para as entidades: R\$ 45.000,00

**PREÇOS**

MOEDA: Rondon Real – R\$ 1,00, 1,50 e 5,00.

CHOPE: 1,50 Rondon Real.

REFRIGERANTE: 1,00 Rondon Real.

CAFÉ COLONIAL, EISBEIN, KASSLER E LOMBINHO A MARECHAL: 6,00 Rondon Real.

BIFE E BISTECA NA CHAPA, FILÉ DE PEIXE, FRANGO NA CERVEJA E PIZZA: 5,00 Rondon Real.

\*NOITE DOS RONDONENSES – 16/10 E NA PRORROGAÇÃO DA FESTA NÃO HOUVE COBRANÇA DE INGRESSOS.

**COPAS**

CENTRO DE EVENTOS I – 06 copas

01 – JOVENS COOPERATIVISTAS

02 – ROTARY CLUB/ROTARACT

03 – TÉCNICOS AGRÍCOLAS

04 – LOJA MAÇONICA QUINTINO BOCAIÚVA

05 – CÂMARA JÚNIOR

06 – GRUPO ESCOTEIRO 25 DE JULHO

CENTRO DE EVENTOS II – CASAIS

07 – LOJA MAÇONICA TIRADENTES

08 – BOTAFOGO

09 – CURSO DE GEOGRAFIA/ ASSERF/DCE

COPA 24 HORAS

10 – CDL

11 – AMPE

**ALIMENTAÇÃO**

CAFÉ COLONIAL

RESTAURANTE AACC

RESTAURANTE ALEMÃO

- BAILES E APRESENTAÇÕES CONFORME PROGRAMAÇÃO E 26/10 BAILE 24 HORAS.

### **CHOPE EM METRO**

Vencedores categoria masculina:

1º Ademir Rem (17,5 ss).

2º Carlos Lenz (17,73 ss).

3º Clevilson Leandro (17,92 ss).

Vencedores categoria feminina:

1º Isanete Urbanski (21,43 ss).

2º Janaína Schütz (31,72 ss).

3º Inédia Terezinha Walker ( 44,87 ss).

### **EXPOSIÇÃO DE ORQUÍDEAS**

- Comercialização de 70% das 800 plantas expostas na segunda etapa da Oktoberfest.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMARAL, Rita de Cássia. **Cidade em Festa: O Povo-de-Santo (e outros povos) Comemora em São Paulo.** In: MAGNANI, José Guilherme C. & TORRES, Liliam de Lucca.(orgs.) **Na Metrópole: textos de antropologia urbana.** São Paulo: EDUSP/FAPESP, 1996.
- ANDERSON, Benedict. **Nação e Consciência Nacional.** São Paulo: Ática, 1989.
- ARANTES, Augusto A **O Que é Cultura Popular.** 8ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BAUDRILLARD, Jean. **A Sociedade de Consumo.** São Paulo: Martins Fontes, 1975.
- BÉJART, MAURICE. Prefácio. In: GARAUDY, Roger. **Dançar a Vida.** Campinas: UNICAMP/ Nova Fronteira, 1980.
- BOSI, Alfredo. **Dialética da Colonização.** 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- BOSI, Eclea. **Memória e Sociedade: Lembranças de velhos.** 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BORSTEL, Clarice N. von. **Aspecto do Bilingüismo Alemão-Português em Marechal Cândido Rondon.** Dissertação de Mestrado, UFSC, 1992.
- BORSTEL, Clarice N. von. **Contato lingüístico e variação em duas comunidades bilingües do Paraná.** Tese de Doutorado, UFRJ, 1999.
- BRANDÃO, Carlos R. **Cavalcadas de Pirenópolis: um estudo sobre representações de cristãos e mouros em Goiás.** Goiânia: Oriente: 1974.
- CAMARGO, Luis O. de L. Política de Lazer. In: **Revista Estudo do Lazer.** São Paulo: SESC, nº.01, OUT. 1985.
- CANETTI, Elias. **Massa e Poder.** Brasília. Editora Universidade de Brasília, 1983.
- COX, Harvey. **A Festa dos Foliões.** Petrópolis: Vozes, 1974.(título em negrito)

- DA MATTA, Roberto. **Carnavais, Malandros e Heróis: Para uma sociologia do dilema brasileiro**. 5 ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1990.
- DI GIOVANNI, Geraldo. Mercantilização das Práticas Corporais: O esporte na sociedade de consumo de massa. In: **Coletânea de Autores – III Encontro Nacional de História do Esporte, Lazer e Educação Física – Curitiba, PR: 1995**
- DOCUMENTO de Apresentação da 11ª *Oktoberfest* fornecido pela Prefeitura Municipal.
- DUMAZEDIER, Jofre. Sociologia empírica do lazer. In: **Valores e conteúdos culturais do lazer**. São Paulo: SESC, 1980.
- DUSSEL, Enrique. **Filosofia Ética Latinoamericana**. México: Edicol, 1977.
- FERREIRA, Aurélio B. de Holanda. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.
- FISCHER, Dalva F. **A Festa Oktoberfest de Marechal Cândido Rondon: Dimensão de Lazer - Trabalho**. Marechal Cândido Rondon, PR: Monografia ( Curso de Especialização Recreação e Lazer). UNIOESTE, 1994.
- FLORES, Maria Bernardete Ramos. **Oktoberfest: turismo, festa e cultura na Estação do Chopp**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1997.
- FLORES, Maria. Bernardete Ramos e WOLF, C.S. Imagens que não se Apagam: Representações de gêneros na *Oktoberfest*. In: **Projeto História**, n.º 14, Revista do Programa de Estudos de Pós-Graduação da PUC-SP, 1997.
- GARAUDY, Roger. **Dançar a Vida**. Campinas: UNICAMP/ Nova Fronteira, 1980.
- GEBARA, Ademir. O Tempo na Construção do Objeto de Estudo da História do Esporte, do Lazer e da Educação Física. In: **Coletânea de Autores – II Encontro Nacional de História do Esporte, Lazer e Educação Física – Curitiba, PR: 1994**.
- GRAZIA, Sebastian de. **Tiempo, Trabajo y Ocio**. Madrid: Tecnos Editorial, 1966.
- GREGORY, V. **Os Euro-brasileiros e o Espaço Colonial: A dinâmica da colonização no Oeste do Paraná nas décadas de 1940 a 1970**. Tese de Doutorado, UFF, 1997.
- HALL, Stuart. Identidade Cultural e Diáspora, In: **Revista do Patrimônio Histórico**. Volume temático: Cidadania, n.º 24, 1996.
- HOBSBAWN, Eric. Introdução. In: HOBSBAWN, E. & RANGER, T. **A Invenção das Tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

- IURKIV, José E. **Criação e Implicâncias na Construção da Identidade Cultural Rondonense**. Marechal Cândido Rondon, PR: UNIOESTE, 1993. [Monografia de conclusão de Curso de Graduação em História]
- JORNAL "O Presente" de 10.10.97. Marechal Cândido Rondon-PR
- JORNAL "O Presente" especial "*Oktoberfest 98: Todos os caminhos levam a Marechal Rondon*", outubro de 1998. Marechal Cândido Rondon-PR
- JORNAL "O Presente" de 31/10/97. Marechal Cândido Rondon-PR
- JORNAL "O Presente" de 19/09/97. Marechal Cândido Rondon-PR
- JORNAL "O Paraná", n.º 3070 de 22/08/86. Cascavel-PR
- JORNAL "O Jornal" de 23/10/97. Marechal Cândido Rondon-PR
- KOSIK, Karel. **Dialética do Concreto**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- KLUGE, Maria Fernanda M. **O Vêneto não Pode Morrer**: Um estudo sobre restaurantes, rituais e (re) construção da identidade italiana Santa Felicidade. Curitiba: UFPR, 1996. [Dissertação de Mestrado em Antropologia Social.]
- MAGNANI, José G. C. Quando o Campo é a Cidade: Fazendo antropologia na Metrópole. In: MAGNANI, J.G.C. e TORRES, L. L (org.). **Na Metrópole**: textos de antropologia urbana. São Paulo: Universidade de São Paulo; FAPESP, 1996.
- MAGNANI, José Guilherme C. **Festa no Pedaco**: Cultura popular e lazer na cidade. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Lazer e Educação**. 2 ed. Campinas: Papyrus, 1990.
- MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Pedagogia da Animação**. Campinas: Papyrus, 1990.
- MARCELLINO, **Lazer e Humanização**. Campinas: Papyrus, 1983.
- MARIN, Elizara C. **O lúdico na Vida**: Colonas de Vale Venêto. Dissertação de mestrado, FEF/UNICAMP, 1996.
- OLIVEIRA, Paulo de Salles. **Vidas Compartilhadas**: O universo cultural nas relações entre avós e netos. São Paulo: USP, 1993. (Tese de Doutorado em Psicologia Social) - 2 v.
- PHILIPPSSEN, Márcia N. **A Oktoberfest de Marechal Cândido Rondon - PR - 1987 à 1994**. Marechal Cândido Rondon, PR: UNIOESTE, 1994. [Monografia de Graduação em História]

- PRADO, Regina de P. S. **Todo ano tem**: As festas na estrutura social camponesa. Universidade Federal do Rio de Janeiro: Museu Nacional, 1977. [Dissertação de mestrado em Antropologia Social]
- RELATÓRIO Geral da 11ª *Oktoberfest*, fornecido pela Prefeitura Municipal.
- REQUIXA, Renato. **Sugestão de Diretrizes para uma Política Nacional de Lazer**. São Paulo: SESC, 1980. [Série Lazer, 2]
- RIBEIRO JÚNIOR, Jorge Cláudio Noel. **A Festa do Povo: Pedagogia de Resistência**. Petrópolis: Vozes, 1982.
- SAATKAMP, Venilda. **Desafios, Lutas e Conquistas: História de Marechal Cândido Rondon**. Cascavel -PR: ASSOESTE, 1984.
- SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. **O Prazer Justificado: História e Lazer**. (São Paulo, 1969/1979). São Paulo: Marco Zero, 1994.
- SEYFERTH, Giralda. **Nacionalismo e Identidade Étnica**. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1981.
- SMANIOTTO, Jeferson. **A Oktoberfest de Marechal Cândido Rondon - 1987-1996**. Marechal Cândido Rondon, PR: UNIOESTE, 1997. [Monografia de Graduação em História].
- TEIXEIRA, Sergio A. **O Recado das Festas**. Rio de Janeiro: FUNARTE/ Instituto Nacional do Folclore, 1988.
- VELHO, Gilberto. Observando o Familiar. In: NUNES, E. (Org.). **Aventura Sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- VIANNA, Hermano. **O Mundo Funk Carioca**. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1997.
- VON SIMPSON, Olga R.. Transformações Culturais, Criatividade Popular e Criação de Massa: O carnaval brasileiro ao longo do tempo. In: ANPOCS/CNPq. **Ciências Sociais, Hoje Trabalho e Cultura**. 1981.
- WACHOWICZ, R. C. **Obrageiros, Mensus, e Colonos: História do Oeste Paranaense**. Curitiba, Ed. Vicentina, 1987.
- WRIGHT MILLS, Charles. Do Artesanato Intelectual. In: \_\_\_\_\_. **A imaginação Sociológica**. 6. ed. Rio de Janeiro : Zahar, 1982.